NACIONALISMO E IMPERIALISMO NOS E.U.A.—POR A. H. OLIVEIRA MARQUES (Pág, 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 1969 N.º 16 803 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

O NOSSO VOTO

Está formalmente aberta a campanha eleitoral. Dizemos «formalmente» em consideração dos prazos e condições constantes das definições e interpretações consequentes do regime legal estabelecido, se bem que se tenham em consideração algumas posições já publicamente assumidas pelas partes em presença.

Não é, porém, a análise de que sejam a campanha eleitoral ou a pequena campanha pré-eleitoral o que neste instante deve atrair a nossa atenção, não são as posições, as discussões, os pormenores, mas o facto em si, no seu conjunto, no seu estilo, no significado geral que se pretenda atribuir-lhe na própria vida do País.

Seria talvez exagero o dizer-se que é o nosso futuro que se joga ou que é a solução de equação a vários incógnitas o que se procura. No quadro político actual do País, não parece grandemente exacto pôr em termos tais o problema, cujos dados gerais estão à vista de todos

No fundo, ao que vai assistir-se é a uma confrontação de propósitos e de métodos, no que os cidadãos conscientes procurarão naturalmente encontrar aquilo que coincida com as suas próprias determinações, o seu desejo de ver iluminar e sinalizar caminhos possíveis para a vida normal da comunidade que todos constituímos, que tem direitos e deveres e que tem, além disso, o seu rol de legítimas aspirações.

Quais elas sejam, essas aspirações, cada um as tem presentes na sua própria consciência, o que poderá resumir-se, porventura, em meia dúzia de graves tópicos que podem caber em palavras como justiça, dignidade, segurança — e talvez se pudesse dizer que nisso cabe tudo quanto se queira.

Como vai decorrer esse confronto de ideias?

(Continua na página central)

JOAQUIM AGOSTINHO

AGOSTINHO PERDEU A «VOLTA»

● A Direcção-Geral dos Desportos considera improcedentes as suas reclamações e JOAQUIM ANDRADE passa a ser o vencedor oficial da prova.

Assinado pelo inspector dos Desportos, dr. João Mascarenhas Ataíde, foi hoje tornado público o relatório com as conclusões da D. G. D. relativamente ao inquérito pedido pelo ciclista Joaquim Agostinho, que contestava a acusação do «doping» que sobre ele pesou, em consequência das análises clínicas a que foi sujeito após a última etapa da Volta.

Neste documento, a D. G. D. considera improcedentes todos os argumentos invocados por Joaquim Agostinho, informando que das sete testemunhas apresentadas pelo corredor, apenas uma (o enfermeiro do Sporting sr. Mário Belo) assistiu á recolha

(Continua na página seguinte)

especial ELEIÇÕES

A PARTIR DE HOJE NO «DIÁRIO DE LISBOA»

MESA REDONDA

SUPLEMENTO DIÁRIO

SOBRE AS ELEIÇÕES PARA DEPUTADOS

NO 1.º NÚMERO: Missão da Imprensa e seus pressupostos ● As eleições em Portugal — de Sidónio ao 28 de Maio ● Évora — o 1.º comício eleitoral ● Manifesto democrático ao povo de Aveiro ● A democracia e a mulher portuguesa ● Espelho da Imprensa ● Ao acaso da rua: Quantas vezes já votou ● Perfil dos candidatos ● Assim vamos nós

Mais um ensaio nuclear chinês

TÓQUIO, 29 — (F. P.) — A China Popular experimentou hoje uma bomba nuclear em Lop Nor, no Sinkiang-Urghur, segundo informações obtidas nos meios comerciais chineses de Tóquio.

Estas fontes que já foram informadas, em 22 do corrente, da experiência nuclear subterranea chinesa efectuada nesse mesmo dia, parecem aos observadores perfeitamente idóneas.

WILLY BRANDT:

Sou candidato a chanceler

BONN, 29 — (F. P.) — Willy Brandt, presidente do S. P. D. e ministro ocidental alemão dos Negócios Estrangeiros afirmou hoje que tenciona apresentar a candidatura para o posto de chanceler federal. Segundo o informador do partido social-democrático, Jochen Schultz, Brandt afirmou hoje de manhã: «Na base dos resultados das eleições gerais e em relação com problemas fortemente debatidos quando da recente campanha eleitoral, esforçar-me-ei por obter a aprovação da maioria do Bundestag para a minha eleição para o posto de chanceler. Já informei o presidente Gustav Heinemann desta intenção».

(Continua na 7.ª página)

As eleições alemãs vistas por Raul Rego

(Página central)

HOJE 36 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

O PUNHO FECHADO era até agora a saudação dos adeptos do Poder Negro. Na bandeira do movimento, exibida pela primeira vez no decorrer de uma manifestação em Pittsburgh, o punho reaparece a vermelho, rodeado de folhas de carvalho e em fundo negro

A DEPURAÇÃO EM PRAGA AFASTOU OS REFORMISTAS

PRAGA, 29 — (R.) — A depuração que atirou para o esquecimento político o antigo dirigente reformista Alexandre Dubcek afectou profundamente as fi-

(Continua na ultima página)

Joaquim Andrade é o vencedor da «Volta a Portugal»

(Continuação da pág. anterior)

do líquido organico e operações subsequentes.

Ponto por ponto, a D. G. D. rebate as razões apresentadas pelo corredor, esclarecendo do seguinte modo o assunto mais discutido:

«1.º — Agostinho entregou o recipiente com o produto da colheita para análise directamente para as mãos do enfermeiro Amorim encarregado de executar a recolha. Este imediatamente dividiu o conteudo pelos três frascos destinados á análise que foram devidamente codificados e em seguida encerrados nas respectivas embalagens também exteriormente codificadas e, acto contínuo, lacrados e selados pelo presidente do juri da prova sr. Idalino de Freitas, na presença do atleta.

2.º — Estas operações decorreram sem qualquer interrupção na presença simultanea do atleta, do enfermeiro Amorim e ainda das seguintes entidades: inspector dos Desportos dr. Augusto Martins, presidente da Federação e do juri da prova sr. Idalino de Freitas, e sr. Mário Belo, enfermeiro do posto médico do Sporting.

Igualmente foram observadas pelo médico credenciado dr. Amílcar Neto que assistiu ás operações até á tapagem dos três frascos retirando-se do local quando o presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo e o enfermeiro Amorim «ultimavam as embalagens».

3.º — O atleta após a selagem assinou o «boletim de contrôle» feito em triplicado, donde constam o numero do código, e que está firmado igualmente pelo inspector dos Desportos referido e pelo presidente da Federação Portuguesa de Ciclismo.»

A conclusão do inquiridor é a seguinte:

«Conclui-se do exposto que as operações respeitantes ao contrôle «antidoping» realizado no Estádio José Alvalade em 31 de Agosto de 1969 decorreram sem interferência de elementos ou entidades a ele estranhos e por forma a garantir a regularidade das colheitas feitas e operações subsequentes.

Por outro lado, as análises realizadas ao liquido organico do ciclista Joaquim Agostinho deram resultado positivo, em todas elas (presença de anfetamina e metilanfetamina), sendo as dosagens de 5 microgramas e 1 micrograma por centímetro cubico de urina, na contraprova ordenada oficiosamente e efectuada em 3-9-69, e de 2 microgramas e 0,4 microgramas, por centímetro cubico de urina, na análise requerida pelo ciclista e realizada em 12-9-69, portanto 12 dias depois da colheita do líquido organico.

Deste modo verifica-se a improcedência dos argumentos invocados pelo ciclista na sua exposição, razão por que deverá a Federação Portuguesa de Ciclismo proceder de harmonia com os preceitos regulamentares em vigor.»

Segundo preceituam os preceitos regulamentares que a Federação vai aplicar, Joaquim Agostinho será punido com a perda de todos os prémios oficiais e uma penalização de 15 minutos, pelo que baixa ao 8.º lugar da classificação final da prova. Assim, Joaquim Andrade, do Sangalhos, é o vencedor da 32.ª Volta a Portugal em bicicleta, seguindo-se-lhe Fernando Mendes, do Benfica, Mário Silva, do F. C. Porto e Firmino Bernardino, do Sporting.

O tecto do Palácio da Póvoa de Varzim continua a cair

PÓVOA DE VARZIM, 29 — Continua a ruir o tecto do Palácio de Justiça desta vila. As chuvas, que caíram na primeira quinzena deste mês, agravaram ainda mais o estado em que se encontrava o edifício. Algumas dependências ficaram inundadas e, há dias, cerca de metade do tecto do gabinete do juiz-corregedor ruiu, numa extensão de quatro metros causando panico entre as pessoas que ali se encontravam a trabalhar.

Em Janeiro ultimo ruiu, também, parte do tecto do átrio do 1.º andar, o qual tinha sido inaugurado, apenas, há quatro anos.

Estes acidentes devem-se á infiltração de águas da chuva, devido á deficiente vedação da cobertura do edifício e a má qualidade dos materiais empregados.

Recentemente, técnicos responsáveis recusaram-se a colocar uma escultura na frontaria do edifício, a fim de a embelezar, por não quererem responsabilizar-se pela sua segurança.

Em virtude deste estado de coisas, o funcionalismo, que ali trabalha, vive com certa apreensão, pois, ignora até que ponto se «manterá de pé» o edifício.

O INSTITUTO INDUSTRIAL DE COIMBRA CUSTARÁ MAIS DE 53 MIL CONTOS

Pelo Ministério das Obras Publicas foi adjudicada a construção do Instituto Industrial de Coimbra, que vai iniciar-se imediatamente. O encargo com as obras de construção civil é de 26 800 contos e calcula-se que com o resto das empreitadas e todo o equipamento atingirá o montante de 53 mil contos.

A área do terreno em que trar em funcionamento já em Outubro de 1970 e prevê-se que as restantes instalações venham, por seu turno, a ser inauguradas no início do ano lectivo de 71/72.

A área do terreo em que se distribuem as edificações é de cerca de 5 hectares e a superfície dos pavimntos a construir da ordem dos 13 000 m2, obedecendo a concepção das instalações ás tendências mais recentes da arquitectura escolar.

Ingresso no quadro de oficiais milicianos pára-quedistas

Um decreto-lei, pela Presidência do Conselho, regula o ingresso dos oficiais milicianos pára-quedistas no quadro permanente de oficiais do serviço geral pára-quedista; e, assim, os referidos milicianos «que o desejem e tenham um mínimo de dez anos consecutivos de serviço efectivo, dos quais quatro, pelo menos, em campanha, com muito boas informações poderão ter ingresso no quadro permanente de oficiais do serviço geral pára-quedista.»

VIDA SOCIAL

CASAMENTO

Na capela d. Freixial (Bucelas) realizou-se ontem o casamento da sr.ª D. Romana de Jesus António, filha do sr. Matias António e da sr.ª D. Margarida de Jesus, com o sr. Rosendo João Torcato, filho do sr. João Torcato e da sr.ª D. Juliana Rosa.

Foram padrinhos, por parte da noiva, o sr. António Jorge e a sr.ª D. Clarinda da Conceição, e, por parte do noivo, o sr. José Manuel da Silva Machado e a sr.ª D. Palmira Isabel Bizarro.

Presidiu á cerimónia o padre Freitas, pároco da freguesia de Bucelas. No final, houve um «lanche» em que participaram muitas pessoas.

Dr. Luciano Barata

Mantém-se estacionário o estado de saúde do sr. dr. Luciano Barata, figura de relevo no foro e prestigioso democrata, que permanece na sua casa, Casal de Santo António — Ranholas (Sintra).

DE ONTEM PARA HOJE

«NÃO TRAIRÃO O MARQUÊS DE SÁ DA BANDEIRA»

Em Santarém, onde foi presidir ao encerramento das comemorações do 1.º centenário da elevação de Santarém a cidade, o Chefe do Estado, após ter procedido ás diversas inaugurações programadas, proferiu um discurso, durante a sessão solene nos Paços do Concelho, em que disse, nomeadamente: «Eu creio ser esta a 15.ª vez que venho oficialmente a Santarém desde que fui investido nas funções de Chefe do Estado. Em todas elas senti o carinho das populações, o carinho das suas autoridades. Em cada visita fiquei com o desejo de mais breve aqui voltar e é por isso que tendo vindo aqui 15 vezes me parece que vim aqui muito poucas vezes». Referindo-se ao padrão comemorativo da elevação de Santarém a cidade, que acabara de inaugurar, disse o sr. almirante Américo Thomaz: «Quando inaugurei aquele padrão fiquei maravilhado porque na verdade quando uma obra de arte surge e que é verdadeiramente uma obra de arte, todos os olhos ficam postos nela e não é com facilidade que dela se despegam». Por fim, ao falar da conferência que acabara de pronunciar o dr. Virgílio Arruda, afirmou o sr. Presidente da Republica: «E nesta sessão foi-nos dado o grande prazer de ouvir uma conferência, uma notabilíssima conferência feita pelo sr. dr. Virgílio Arruda. Foi uma conferência que não cansou, antes pelo contrário nos animou, e nos entusiasmou á medida que ia decorrendo. Foi o dr. Virgílio Arruda, sem duvida, um grande conferencista. Uma pessoa que, na verdade, conseguiu dar um retrato fidelíssimo da figura desse grande português, que foi o marquês de Sá da Bandeira. Mas o sr. dr. Virgílio Arruda não se limitou a dar o magnífico retrato desse grande português. Retratou, também e da melhor maneira, a época em que ele viveu. Saio daqui maravilhado com as suas palavras. Aprendi mais alguma coisa sobre esse grande vulto da nossa História. E agradou-me, sobremaneira, o espírito patriótico que presidiu á conferência de V. Ex.ª. V. Ex.ª, tal como Sá da Bandeira, mostrou-se um patriota insigne. Defendeu da melhor maneira a conservação do património nacional de além-mar. O melhor agradecimento que posso dar a V. Ex.ª é o de lhe afirmar que, enquanto eu for Chefe Supremo das Forças Armadas de Portugal, essas Forças Armadas não trairão o marquês de Sá da Bandeira.»

«CONFIAR NO FUTURO»

Após a inauguração da Escola Industrial e Comercial, ontem, em Santarém, o ministro da Educação Nacional recebeu 400 professores do ensino primário, em nome dos quais falou o sr. dr. António Adriano Almeida, director do distrito escolar. Agradecendo, aquele membro do Governo afirmou que «também no aspecto do problema educacional há razões para se poder confiar no futuro».

CHOQUE DE AUTOMÓVEIS

Oito pessoas ficaram feridas no choque de dois automóveis, junto do Bairro da Encarnação. Todas receberam tratamento a ferimentos ligeiros, no Hospital de S. José, apenas ali tendo ficado internada Maria das Dores Vilela do Vale, de 18 anos, funcionária da Camara Municipal de Vila Franca de Xira.

RIXA DE MORTE

Há muito tempo que Joaquim Ascenso Salvador, de 38 anos, casado, continuo da Camara Municipal de Setúbal, e Albano Manuel Chanfana, de 39, também casado, pedreiro, de Alcácer do Sal, ambos residentes em Casal dos Combros, estavam de relações cortadas. Ontem, voltaram a discutir. E o Salvador, puxando de uma navalha, atingiu o Chanfana no coração, dando-lhe a morte.

TEMPLO BAPTISTA

Em Queluz, foi inaugurado um templo evangélico baptista. Ao acto, presidido pelo pastor Oliveira e pelo presidente da Convenção Baptista Portuguesa, pastor Daniel Machado, assistiram entidades oficiais e representantes de organismos desportivos e recreativos.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

COLISEU
HOJE AS 21 e 30
(Maiores de 6 anos)
ESPECTÁCULO DA MODA
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO
Hoje estreia de grandes atracções que não tinham chegado devido a dificuldades nos transportes em França
PALHAÇOS

Ciclo preparatório
CURSO LICEAL — CURSO COMERCIAL
CURSOS DE LÍNGUAS — INSTITUTOS
Diurno: das 9 às 19 h.
Nocturno: das 19 às 24 h.
● ESCOLA SÃO VICENTE:
Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904
● EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL:
Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chile) — Telef. 834658
● EXTERNATO ÁLVARES CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (frente à Igreja de Benfica)
ABERTAS AS MATRÍCULAS

JOSÉ VIANA

MARIEMA
ADULTOS
● BREVEMENTE no MARIA VITÓRIA
GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO APRESENTAM A NOVA E ALEGRE REVISTA POPULAR
ESPERTEZA SALOIA
● UMA NOVA REVISTA! UM GRANDE ELENCO!
● UMA NOVA OPORTUNIDADE PARA RIR!
COM:
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
● VÍTOR MENDES ● MARIANO FRANCO ● DINA MARIA
● CRISTINA CASSOLA
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

impressões dos ESTADOS UNIDOS

por A. H. DE OLIVEIRA MARQUES

V — UMA SOCIEDADE SEM CLASSES

Um dos aspectos francamente positivos da civilização norte-americana está no quase desaparecimento das classes sociais como as conhecemos aqui na Europa. Não se foram embora as hierarquias na profissão nem o respeito devido a certas dignidades. Não existe igualdade económica. Continua a haver uma pirâmide social a ter de subir. Mas extinguiu-se aquele tipo de classe fechada, quase casta, aquela distinção rigorosa entre «gente da alta» e «arraia-miúda», ou entre aristocracia e plebe que vigoram ainda para cá do Atlântico e que implicam padrões de conduta, gostos, conhecimentos e atitudes totalmente diferentes. Não se pode, nos Estados Unidos, falar de «gente da minha condição» ou de «gente muito ordinária» como em Portugal. É dificílimo traduzir para inglês-americano o adjectivo «pires», tão usual na banda de cá como atributo de desprezo e sinónimo de segregação social.

Existe, sem dúvida, discriminação, mas a sua base é outra que não a origem de berço, a «criação». A discriminação social norte-americana assenta na cor da pele — mas quase exclusivamente se essa pele é negra ou mulata —, na origem étnico-nacional — mas apenas na primeira geração de imigrantes — e, até há bem pouco tempo, na religião. De resto, o dinheiro, a educação ou o talento se encarregam de varrer todos esses preconceitos e de fazer dos filhos dos «párias» presidentes da República ou ídolos da multidão.

Os Kennedy tinham duas pechas contra: eram católicos e eram irlandeses. Hoje são os Kennedy a mais famosa família de políticos de todos os tempos. Com Nixon foi eleito vice-presidente um filho de gregos (raça mais ou menos tida por inferior), cujo pai mudou para Agnew o nome impronunciável de Anagnostopoulos. Frank Sinatra continua a ser o maior cantor dos Estados Unidos, acotovelando-se com toda a alta sociedade. Provém, todavia, da nação ridicularizada dos italianos. Os Portugueses, com os outros latinos, andam também pelos níveis de baixo mas já deram á América um dos seus mais populares compositores (John Philip Sousa) e um notável escritor (John dos Passos). Não desesperemos de os ver ainda na Casa Branca. Racas «limpas» são, em primeiro lugar, os ingleses e os escoceses, depois os holandeses e os alemães. O caso negro é muito mais complexo e a ele me referirei num dos próximos artigos.

Nas cidades mais antigas da Nova Inglaterra, como Boston ou mesmo Nova York, existe indubitàvelmente uma pequena aristocracia que descende — ou inventa descender — dos primeiros colonos seiscentistas. Aí há uma divisão de classes mais á maneira europeia. Outro tanto se diria de umas quantas famílias do Sul, localizadas por exemplo em Charleston, Carolina do Sul, ou em Nova Orleans, Louisiana. Mas mesmo esses aristocratas de Boston ou de Charleston são-no de uma maneira muito limitada, diferenciando-se da «ralé» mais pelas tradições que possuem e cultivam com ardor do que por atitudes de comportamento ou de cultura próprias.

Há em todos os americanos um sentimento muito amplo de democracia, de igualdade e de fraternidade humanas sem comparação na Europa Não se indagam nem se conhecem em geral pormenores sobre a progénie ou a infância das pessoas com quem se convive ou de quem se é amigo (frequentemente essa progénie e essa infância ligam-se a modos de vida humildes, próprios de quem imigrou há pouco e não transitou ainda para o viver médio da sociedade). Instrução e cultura também se mostram cada vez mais uniformes, já que todos frequentaram a «high-school» (liceu) e quase todos a universidade.

Todos trabalham e a todos é indiferente o tipo de trabalho realizado, contanto que monetàriamente renda. Os adolescentes (e até as crianças) habituam-se a trabalhar

(Continua na 7.ª página)

Nota do dia

FALAR E OUVIR, OUVIR E FALAR

NO DISCURSO DE RESPOSTA às palavras que lhe foram dirigidas na sessão do primeiro ano do seu acesso à Presidência do Conselho, fez o prof. Marcello Caetano algumas reflexões sobre o conceito e a prática da democracia. É esse ponto do seu discurso, por ter sentido doutrinário e vir apoiado na autoridade de um professor de Direito, aquele que, para além do meramente episódico, tem um valor de fundo, ideia-base, como é, sobre que assentará e funcionará todo o sistema de acção política e administrativa. De tudo o mais, importante que seja, e é, mas ligado ao apenas circunstancial, a simples análise das próprias circunstâncias dá a expressão pretendida no domínio das interpretações.

Mesmo os mais fiéis no apego à formulação do método democrático de Governo terão pensado alguma vez no ponto que referiu o prof. Marcello Caetano relativamente ao sistema parlamentar. É certo que as assembleias foram concebidas para ser uma espécie de imagem, modelo reduzido do próprio corpo de cidadãos. Na cidade antiga, aqueles que detinham aquilo a que nós hoje chamamos direitos políticos reuniam-se efectivamente em assembleia deliberativa. O número dos portadores desse direito era restrito o bastante para ser materialmente possível uma tal reunião.

Isso era no tempo em que só uma reduzida parcela das populações tinha direitos «de cidade». O resto era subgente, incluindo os escravos pròpriamente ditos. Quando o quadro das populações se transformou pelo acesso de um mais avultado número de pessoas à cidadania, houve o recurso de procurar fórmulas de representação, deixando as assembleias de ser formadas por todos os interessados, mas pelos seus delegados. Foi neste mecanismo, experimentado em fases sucessivas de transformação, que veio a inspirar-se o regime dos parlamentos modernos com a prática do sufrágio universal, de eleições gerais, livres e secretas.

Tem razão o prof. Marcello Caetano ao vir dizer-nos que «os modernos meios de comunicação permitem que a relação entre governantes e governados se faça mais directamente do que nunca». Quer dizer: o responsável pelo Governo, sem sair do seu gabinete, fala directamente ao corpo de cidadãos, que por sua vez, para o ouvirem, também não precisam de sair de casa. Tomam eles por si próprios conhecimento do pensamento do Governo, sem que careçam de o fazer por intermédio de representantes para isso especialmente eleitos. A televisão, como sabemos, torna isto possível com a frequência que se quiser.

O general de Gaulle socorreu-se do método com o gosto que o mundo viu. E parece que, à primeira vista, para além do merecimento de receber o corpo social a informação directa e tanto quanto possível pormenorizada, o cidadão se sente e mostra lisonjeado com essa consideração que se lhe dá. Sente-se talvez promovido, é ele próprio que é informado, não precisa para nada de representantes. A verdade é que a televisão funciona só num sentido, aquele que serve o Poder. O Poder diz o que quer, o Poder fala mas não ouve. Pelo contrário, o cidadão ouve mas não fala, o que manifestamente elimina todo o sentido de diálogo entre governantes e governados.

Ficaria o recurso à livre discussão pública, os jornais, os debates. E seria depois novamente o Governo a decidir, fazendo a síntese do que se tivesse dito. Mas quem garantiria ao País que o Governo faria o que o País quisesse? Ficaria ainda o recurso ao referendo, instituição de verdadeira inspiração democrática. Mas, por um lado, a própria elaboração do questionário da consulta pode ser limitativa quando não chegar a ser deformada. Por outro lado, o repetido uso do referendo banaliza-o e fatiga os cidadãos. Por isso tudo, o funcionamento parlamentar comporta em si alguns vícios. Não se contesta. Mas não se viu até agora sistema que verdadeiramente o substitua.

2 bilhetes
com 3 sortes grandes!
LOTARIA DO OUTONO
(4 de Outubro)

ILFORD HP 3 O FILME INFALÍVEL
A PELÍCULA FOTOGRÁFICA QUE, COM QUALQUER TEMPO E COM QUALQUER LUZ, NUNCA FRACASSA!
A MARCA DE ABSOLUTA CONFIANÇA
À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S. A. R. L.

CURSO LICEAL NOCTURNO
C. PREP. 2.º e 3.º CICLOS
EXTERNATO
NUN'ALVARES
Praça João do Rio, 2
T. 722461 (à Alameda)

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Novos vencimentos dos presidentes das Câmaras Municipais

No «Diário do Governo» foi já publicado o Decreto-Lei n.º 49 268 que, conforme decisão já anunciada, do Conselho de Ministros de 17 do corrente, introduz importantes alterações ao Código Administrativo, nomeadamente no que se refere á desconcentração da competência municipal.

A primeira das inovações consiste na possibilidade de se organizarem em bairros os núcleos populacionais de mais de 10 000 habitantes, distintos e afastados das sedes dos concelhos, sempre que ali se mostre conveniente, para os interesses dos habitantes, a desconcentração dos serviços municipais.

Os administradores destes bairros — que o Governo se propõe criar desde já nos principais centros com densidade de carácter urbano — serão magistrados administrativos, nomeados pelo ministro do Interior, ficando a competir-lhes, em relação á área do bairro, grande número dos poderes conferidos ao presidente da câmara pelos artigos 79.º e 80.º do Código, além daqueles que lhes vierem a ser delegados para a prática de actos correntes relacionados com a acção municipal.

A tabela dos ordenados e subsídios para despesas de representação dos presidentes e vice-presidentes das câmaras municipais e dos administradores de bairros passa a ser a seguinte:

Presidentes — Ordenados (fixos): Lisboa, 11 000$00; Porto 10 000$00; Coimbra (máximos), 9000$00; Outros concelhos urbanos de 1.ª ordem, 7000$00; Concelhos rurais de 1.ª ordem com sede em capital de distrito, 5900$00; Outros concelhos rurais de 1.ª ordem e concelhos urbanos de 2.ª ordem, 4900$00.

Subsídios para despesas de representação: Concelhos rurais de 2.ª ordem e urbanos de 3.ª ordem 1500$00; concelhos rurais de 3.ª ordem, 1000$00.

Vice-presidentes — Ordenados (máximos): Lisboa, 10 000; Porto, 9000$00; Coimbra, 8000$00; Outros concelhos urbanos de 1.ª ordem, 6000$00.

Subsídios para despesas de representação: Concelhos rurais de 1.ª e de 2.ª ordem e urbanos de 2.ª e de 3.ª ordem 1200$00; Concelhos rurais de 3.ª ordem, 800$00.

Administradores de bairro — Ordenado, 4900$00.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Ford à frente em força
Camiões K e D
para a força do seu negócio!

Escolha na vasta gama de modelos, o camião que concebemos para o seu negócio!

A robustez dos camiões Ford K e D dá-lhes grande resistência, economia de manutenção, durabilidade e enorme capacidade de carga! Cabinas normais nos modelos K. Cabinas avançadas nos modelos D. Visibilidade total. Motores de 83 a 170 HP. Caixas de carga de 3,28 a 7,38 m. Pesos brutos de 3 500 a 15 000 kgs. Escolha para si — economia, espaço, confiança, tranquilidade! Escolha Ford — para a força do seu negócio!

Camiões Ford

Ford

CIEBA-NCK. 8-21

A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD
EM LISBOA — DOLFOR - DOLBEER & LEE, S. A. R. L. — Est. do Prior Velho - Telef. 251 1301 - Sacavém

Necrologia

FALECIMENTOS

José Augusto de Noronha Andrade e Azevedo

Faleceu, ontem, em Lisboa, na Rua Carlos Mardel, 33-3.º o sr. José Augusto de Noronha Andrade e Azevedo, de 61 anos, natural de Leiria, e revisor principal do «Século», desde 1957. Casado com a sr.ª D. Celeste Ferreira Roldão de Noronha de Andrade e Azevedo, o extinto desempenhava também o cargo de primeiro-oficial dos C. T. T. Era pai dos srs. drs. Luís Gonçalo de Noronha Andrade e Azevedo, casado com a dr.ª Maria da Luz Pereira de Noronha Andrade e Azevedo; e José Pedro de Noronha Andrade e Azevedo e da sr.ª D. Maria Isabel Roldão de Noronha e Azevedo, e avô de Luís Pedro Carvalho Roldão de Noronha.

O cadáver encontra-se no Instituto de Medicina Legal á espera de ser autopsiado. O funeral realiza-se em data a determinar.

Dr. António Herculano Gomes Matos Beja

COIMBRA, 29 — Realiza-se, amanhã, para jazigo de Vila Nova de Tazém, o funeral do dr. António Herculano Gomes Matos Beja, de 64 anos, que ontem faleceu numa clínica particular de Gouveia. Doutorado pela faculdade de Medicina de Coimbra, o extinto era natural de Bragança e exercia, actualmente, o cargo de director do Posto n.º 80 da Federação das Caixas de Previdência. O dr. António Beja era casado com a sr.ª D. Ana Maria Madeira Tinoco Borges de Matos Beja, e pai das sr.as D. Maria José Tinoco de Matos Beja, D. Ana Maria Tinoco de Matos Beja e D. Maria Margarida Tinoco de Matos Beja e irmão do sr. dr. Manuel Matos Beja.

SUFRAGIOS

Padre Cruz

Passando na quarta-feira mais um aniversário da morte do Padre Cruz, haverá missa, ás 9 horas, na capela do cemitério de Benfica, estando aberto, durante todo o dia, o jazigo onde repousam os seus restos mortais.

CAPTURADO O AUTOR DA AGRESSÃO À FACADA NO MIRADOURO DO MONTE

À uma e meia da manhã foi capturado o guarda de obras José Fernandes Monta, de 25 anos, casado, natural de Palmeira, Braga, autor da agressão á facada a um mecânico de automóveis no Miradouro do Monte.

— *Eles andavam por aqui a atirar pedras aos vidros da casa. Isto durava há dias. Não aguentei mais e fui ter com eles ao miradouro. O rapaz deu-me um pontapé. Fiquei desesperado!* — relatou José Monta aos captores (da 12.ª esquadra da P. S. P.).

O homem de Braga tinha a seu cargo a guarda de um edifício em obras, na Calçada do Monte, 110. Ali pernoitava e ali se foi refugiar depois da agressão. A Polícia cercou a obra: em princípio tentaria capturar José Monta ao romper do dia. Mas não foi preciso esperar tanto. Chamado, ele veio á porta e entregou-se. Está na Judiciária.

Quanto ao agredido (Carlos Alberto Almeida Figueiredo, 25 anos, solteiro, morador na Rua Morais Soares, 56, 3.º-esq.), seguiu para o Hospital de S. José em estado grave. Operaram-no ainda durante a noite.

ESTREMOCENSES CONFRATERNIZAM

Os estremocenses residentes em Lisboa e arredores vão reunir-se num almoço de confraternização, a realizar na Casa do Alentejo, onde se prestam informações através do telefone 32 80 11.

TAUROMAQUIA

João Branco Núncio em Alcácer do Sal

ALCÁCER DO SAL, 29 — Foi com viva satisfação que a população local tomou conhecimento de que, no dia 5 de Outubro, incluída na Feira Anual, haverá uma corrida de touros na qual reaparece o afamado cavaleiro tauromáquico João Branco Núncio. Actuam, também, o cavaleiro José Maldonado Cortes, os novilheiros Ricardo Chibanga e Manuel António e o Grupo de Forcados Amadores do Colégio Nuno Álvares, de Tomar.

«TOMBO NO INFERNO» (DE AQUILINO RIBEIRO) NA INAUGURAÇÃO DO TEATRO MARIA MATOS

O elenco de «Tombo no Inferno» — a peça de Aquilino Ribeiro a estrear no Teatro Maria Matos em meados do próximo mês de Outubro — inclui nomes consagrados da cena portuguesa e jovens actores que iniciam, agora, uma carreira que se augura prometedora.

Entre os consagrados há um nome que deve salientar-se pelas características especiais da sua intervenção. Trata-se de Lurdes Norberto, cuja carreira tem sido assinalada por êxitos notáveis, em interpretações de papéis dos de maior relevo quer da dramaturgia portuguesa quer estrangeira até agora apresentada em Portugal.

Em «Tombo no Inferno», Lurdes Norberto interpreta um papel pequeno que, aliás, só o é na extensão, pois a dificuldade e importância de que se reveste colocam-no entre os personagens-chaves desta obra de Aquilino Ribeiro. O interesse da figura de Branca Vilela e os cambiantes que tem de apresentar foram motivos que determinaram a escolha de uma grande actriz.

Assim, Lurdes Norberto, terá, no seu papel em «Tombo no Inferno», mais um momento alto de uma carreira em que sempre manteve a procupação da qualidade, estudo e dignidade da interpretação.

A Tertulia «Festa Brava» ofereceu um almoço, reunindo numerosos convivas, á cavaleira americana Edith Evans que ontem se apresentou em Coruche e na próxima quinta-feira no Campo Pequeno

ora diga-nos...

— Gostou do desfecho de «O fugitivo»?

O acontecimento mais importante destas ultimas semanas no nosso País foi o «rendez-vous» entre o fugitivo e o maneta, tão fugidio mas tão esperado. Ora bem: os acontecimentos capitais merecem inquéritos.

● *O motorista sr. Plácido Coimbra Marques Pereira disse-nos:*

— Gostei. Vi todos os episódios dessa série e gostava. Um bocadito chata, de facto, porque era sempre a mesma coisa, um tanto monótono...

— De que série televisiva gosta mais, então?

— «Bonanza», claro!

— Porquê?

— «Cow-boys». Desde que sejam «cow-boys»...

● *Interrogámos a seguir um moldureiro (o primeiro da nossa carreira, salvo erro). Foi o sr. Joaquim Faria Ribeiro, que nos confiou isto:*

— Não vi. Não costumo ver televisão, porque não tenho aparelho em casa. Prefiro cinema.

— Cite um filme de que tenha gostado muito.

— «Uma rapariga nos teus braços», com o Cliff Richards. E' um filme da nova vaga e por isso gostei.

— E mais recentemente?

— Tenho ido pouco ao cinema. Tenho-me entretido com outras coisas não, não é por falta de dinheiro nem de tempo.

● *Também uma senhora se pronunciou sobre Kimble e o homem sem mão. O seu nome é Maria de Lurdes Rodrigues e é empregada de escritório. Reagiu asism:*

— Não vi. Tenho aparelho em casa, mas raramente vejo. A minha mãe, essa é que gosta!

— Mas já lhe contaram como foi!?

— Não... Mas as minhas colegas falam muito do fugitivo, e por isso devem contar-me o fim da história. Mas até agora não sei nada.

— E cinema?...

— Gosto mais. Gostei muito, por exemplo, de «Um homem e uma mulher». Por ser muito realista, muito fora do vulgar.

CINECLUBE CATÓLICO

Com o filme de Dino Risi «Dia de Férias», o Cineclube Católico realiza, para os seus sócios, mais uma sessão cinematográfica amanhã, ás 18 e 30, no Cinema Avis.

Continuam abertas as inscrições de sócios, que podem ser feitas á entrada desta sessão, ou na sede, Rua Capelo, 5, 2.º, esqu.º, telefone 30172.

VIDOR
a pilha inglesa de qualidade

IMAGEM DO DIA

Começa esta noite no TIVOLI a segunda semana de exibições do engraçadíssimo filme cómico O GENDARME CASA-SE um novo episódio da já famosa série de aventuras do Gendarme.

Faz rir á, gargalhadas, graças sobretudo á interpretação de LOUIS FUNES considerado o cómico de maior categoria do cinema actual.

É um êxito extraordinário!

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

BOUTIQUE «LUCIA»
(Filial da Sapataria Lucia)
PARTICIPA AS SUAS EX.mas CLIENTES A APRESENTAÇÃO DA NOVA COLECÇÃO OUTONO-INVERNO, 69/70 COM AS MAIS RECENTES CRIAÇÕES ITALIANAS E FRANCESAS.
NOVA LINHA — NOVAS FORMAS — NOVOS SALTOS
Av. António Augusto de Aguiar, 1-B — Telef. 556112

FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
Hoje — Penúltmo dia da Feira de 1969 — Hoje
Sensacional noite do expositor
COM UM VALIOSÍSSIMO SORTEIO DE
60 — Esplêndidos e úteis prémios — 60
OFERTAS AMÁVEIS DE DIVERSOS EXPOSITORES DA FEIRA
1 MOTORIZADA CASAL — 1 FRIGORÍFICO «ELECTROLUX» — 1 MÁQUINA DE LAVAR «CROLLS» — 4 CONVECTORES «CROLLS» — 7 PANELAS DE PRESSÃO «PRESTO» — 45 MÁQUINAS DE PICAR CARNE «SPONG» — 1 COLCHÃO «MOLAFLEX»
SÃO PRÉMIOS VALIOSOS QUE PODEM SER SEUS
ABSOLUTAMENTE GRÁTIS NA NOITE DO EXPOSITOR
A SORTE DIVERTE-SE NA FEIRA: VENHA AO SEU ENCONTRO COM ALEGRIA E ESPERANÇA
60 — MAGNÍFICOS PRÉMIOS — 60, PODEM SER SEUS
ABERTURIA: 19 HORAS ENTRADA: 1$50
HABILITE-SE AO SORTEIO MENSAL DE 5 MOTORIZADAS CASAL OFERTA DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO

SAPATARIA LUCIA
PARTICIPA AS SUAS EX.mas CLIENTES A APRESENTAÇÃO DA NOVA COLECÇÃO OUTONO-INVERNO, 69/70 COM AS MAIS RECENTES CRIAÇÕES ITALIANAS E FRANCESAS.
NOVA LINHA — NOVAS FORMAS — NOVOS SALTOS
Rua Pascoal de Melo, 42 — Telef. 555598

COTE OFFICIELLE DES 1res EXCLUSIVITES PARIS SAISON 1968-69

(Films sortis depuis le 14 Août 1968)

RÉSULTATS ARRÊTÉS AUX 19 ET 21 AOUT 1969

★ En cours • ● Interdit aux moins de 13 ans • ●● Interdit aux moins de 18 ans.
— Les résultats indiqués sont ceux des salles de début auxquels s'ajoutent les continuations IMMÉDIATES dans d'autres cinémas d'exclusivité.
— Titres en lettres majuscules : films sortis depuis le 1er janvier 1968.
— Sauf mention contraire, tous les films figurant dans cette liste sont en couleur.
— NB = film en noir et blanc.

FILMS ET NATIONALITÉS	Entrées et nombre semaines
Le Livre de la Jungle (amér.)	**990.798** (16)
LE CERVEAU (franco-ital.)	★ **709.491** (24)
Le Gendarme se marie (franco-ital.)	583.860 (19)
« Z » (franco-algérien)	★ 566.207 (25)
BULLITT (américain)	★ 527.896 (20)
LE DIABLE PAR LA QUEUE (franco-ital.)	439.815 (17)
Adieu l'Ami (franco-ital.)	419.272 (14)
Le Tatoué (franco-ital.)	411.694 (13)
LA PISCINE (franco-ital.)	397.758 (13)
EROTISSIMO (franco-ital.)	★ 395.603 (11)
Mayerling (franco-brit.)	343.404 (13)
Faut pas prendre les Enf. du Bon Dieu (franç.)	336.865 (12)
Baisers volés (franç.)	334.370 (15)
La Prisonnière (franç.) ●●	316.313 (19)
AUTANT EN EMPORTE LE VENT (amér., rééd.).	★ 316.173 (19)
2.001 : l'Odyssée de l'Espace (brit.)	281.012 (17)
Rosemary's Baby (amér.) ●●	274.218 (19)
Ho ! (franco-ital.)	269.425 (13)
L'ASTRAGALE (franco-all.) ●●	268.936 (14)
La Grande Lessive (franç.)	263.492 (18)
THÉORÈME (italien) ●●	250.555 (13)
Astérix et Cléopâtre (franco-belge)	257.648 (10)
Le Lauréat (amér.)	233.012 (20)
La Chamade (franco-ital.)	228.735 (10)
FUNNY GIRL (américain)	★ 228.006 (31)
IF... (britannique) ●	223.898 (12)
La Leçon particulière (franç.)	223.681 (10)
Roméo et Juliette (italo-brit.)	219.277 (24)
LA VIE, L'AMOUR, LA MORT (franco-italien) ●	214.760 (14)
Barbarella (franco-ital.) ●●	212.852 (8)
La Bande à Bonnot (franco-ital.) ●●	201.524 (8)
L'HOMME SAUVAGE (américain)	191.512 (9)
L'OR DE MACKENNA (amér.)	187.791 (7)

Do mesmo produtor de "A PISCINA"
O GENDARME casa-se
(LE GENDARME SE MARIE)
com
LOUIS DE FUNES
JEAN LEFEBVRE
GENEVIEVE GRAD
Um dos maiores êxitos de PARIS entra agora em
2ª SEMANA
no
TIVOLI
Franscope
Colorido
Maiores de 12 anos
Distribuição de EXCLUSIVOS TRIUNFO

No programa o documentário sobre a obra de ANTÓNIO DUARTE
Realização de Manuel Guimarães. Produção CULTURA FILMES.

No intuito
de acompanhar
a evolução da vida moderna, o
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
criou um novo distintivo

O símbolo, que se baseia na ideia
de expansão do Banco, é ilustrado
pelo movimento de um elo sem fim.
Apresenta uma continuidade de
movimentação, completada por um conceito tradicional:
"o domínio dos portugueses nos sete mares"
simbolizado pela estrela de sete pontas.
Esta realização gráfica ilustra tanto a pluralidade das actividades
do Banco de Fomento Nacional, como a
universalidade do seu campo de acção
no espaço económico português.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

BANCO DE FOMENTO NACIONAL
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

ATRIBUÍDO O PRÉMIO DA FUNDAÇÃO ROGÉRIO CARDOSO

Em face do parecer do conselho escolar, o premio «Rogério Cardoso», relativo à Escola Comercial Ferreira Borges e ao ano lectivo de 1967/68, foi atribuido ao aluno finalista José António Mamede Estiveira, que se distinguiu pelo espirito de camaradagem, solidariedade e iniciativa e tomou parte em diversas actividades ligadas à Escola, sempre que o auxilio e a colaboração dos alunos foram solicitados, trabalhando desinteressadamente no Museu de Mercadorias, onde a sua acção foi valiosa, pretendendo, até, em 1967, fundar um posto radiofónico na sua Escola.

O prémio, no valor de 5000$, foi instituido pela Fundação Rogério Cardoso, por iniciativa dos srs. dr. Manuel Rodrigues Cardoso e Renato Rodrigues Cardoso, que confiaram ao Monteplo Geral a sua administração, com a finalidade de atribuir anualmente a alunos das Escolas Industrial e Comercial de Portalegre, Industrial do Marquês de Pombal e Comercial Ferreira Borges, o prémio «Rogério Cardoso», perpetuando, assim, a memória de seu irmão, que sempre se distinguiu por raras qualidades morais.

Pessoal de Escritório da Indústria Metalúrgica

Estão a decorrer, na Corporação da Indústria, negociações entre as Federações Regionais dos Sindicatos dos Empregados de Escritório (Norte e Sul) e os Grémios das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Distrito de Braga, do Norte e do Sul, dos Industriais de Construção e Reparação Naval, dos Industriais de Produtos Fabricados de Arame, das Oficinas de Reparação de Automóveis, Garagens e Indústrias Anexas do Norte, das Oficinas de Reparação de Automóveis e Indústrias Anexas do Sul, com o objectivo de conseguir-se a outorga de um contrato colectivo de trabalho para os profissionais de escritório das indústrias representadas pelos grémios mencionados.

«JULIETA DOS ESPÍRITOS» —em sessão clássica no Império

Na sessão clássica de quarta-feira, ás 18 e 30, no Império, será exibido o filme «Julieta dos Espíritos», de Fellini.

TEATRO DA TRINDADE
Todas as noites às 21h30 até 4 de Outubro de 1969
SILVA VICENTINA
(recolha de textos de Gil Vicente em forma de revista popular)
Pelo Proscenium, do Sindicato dos Profissionais de Escritório
Direcção: PEDRO LEMOS (M/ 12)

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8. 8C e 8D
(AO AREEIRO)TELEFS.727654-727665-713057
SERVIÇO
estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento,

Actualidade internacional

MAIORIA ABSOLUTA SPD — LIBERAL

BONN, 29 — (R.) — Os sociais-democratas (SPD), de Willy Brandt, o ministro dos Negócios Estrangeiros, e o pequeno Partido Democrático Livre obtiveram hoje uma maioria absoluta de 12 lugares no Bundestag (Câmara Baixa), após as eleições na República Federal Alemã.

Foi sòmente um lugar menos do que Brandt afirmara que os dois partidos necessitavam para constituir um novo Governo e havia uma boa probabilidade de que se decidiriam a fazê-lo.

Obrigariam, assim, os cristãos-democratas a passarem para a oposição pela primeira vez na história de 20 anos da Alemanha Ocidental.

Contudo, nenhum dos dirigentes políticos do País se quis comprometer ás primeiras horas de hoje a prever que género de coligação governaria a Alemanha Ocidental durante os próximos quatro anos e todas as possibilidades se mantinham abertas.

O chanceler Kurt Georg Kiesinger declarou ás primeiras horas de noje numa entrevista que concedeu á Televisão que considerava matemáticamente possível um governo de coligação social-democrata-democrata livre, mas politicamente impossível.

Kiesinger recusou-se a fazer qualquer comentário acerca de possíveis coligações, mas disse que a política relativa á Alemanha dividida e atitudes futuras para com a Europa Oriental seriam um dos factores mais importantes de discussão.

Os cristãos-democratas há muito que se mostram mais cautelosos sobre esses problemas do que os sociais-democratas ou os democratas livres.

Kiesinger agradeceu a todos os eleitores cristãos-democratas a maneira como se portaram. O chanceler declarou que um aumento da percentagem de votos dos sociais-democratas era aguardado devido ao bom trabalho que aquele Partido fizera no Governo da Grande Coligação.

Por seu turno, Willy Brandt, presidente do Partido Social-Democrático disse a jornalistas que comunicara ao Partido Democrático Livre que estava pronto a iniciar conversações sobre uma coligação.

Notou que a eleição fora aquela em que o Partido Socialista melhor se portara nos 20 anos da Alemanha Ocidental.

Contudo, observou a sorrir, que não começaria já as negociações sobre uma coligação, declarando: «Tudo o que desejo é ir para a cama».

Um informador do Partido revelou depois que Walter Scheel, chefe do Partido Democrático Livre, dissera a Brandt que não estaria pronto para iniciar conversações antes de amanhã, terça-feira.

Brandt candidato

(Continuação da 1.ª página)

Em resposta a algumas perguntas, o informador socialista indicou que isso não significava que houvesse acordo entre o S. P. D. e o F. D. P. acerca da formação de uma pequena coligação entre os dois partidos.

Ontem á noite, Willy Brandt, fez uma oferta ao partido liberal, para negociar a formação de um novo governo de coligação.

As comissões directivas dos três partidos representados no Bundestag (C. D. U.-C. S. U.-S. P. D. e F. D. P.) reunem-se esta tarde, para tirarem conclusões do escrutínio de domingo.

A IMPRENSA ADMITE O RETORNO DA GRANDE COLIGAÇÃO

BONN, 29 — (F. P.) — «A C. D. U. continua a ser o partido mais forte», «Ganhos dos socials-democratas», «O F. D. P. saiu vencido», «O N. P. D. não estará representado no «Bundestag». Estes alguns dos títulos publicados a toda a largura das primeiras páginas dos jornais alemães ocidentais que anunciam o resultado do escrutínio.

Na mesma ocasião, os editorialistas abordam a questão do próximo sistema governamental, pronunciando-se de uma maneira geral pela recondução da grande coligação.

Assim, o importante jornal de Hamburgo «Die Welt» começa por considerar que «o povo infligiu um revés aos pequenos partidos, concentrando a sua confiança nos grandes movimentos e dando um voto a favor do bipartidarismo». O jornal nota seguidamente que Kiesinger deveria esquecer as recentes querelas com o S. P. D. para realizar, no âmbito de nova aliança, a reforma eleitoral que permita destacar as duas «élites» entre as quais seja possível uma decisão.

Erhard reeleito

BONN, 29 — (R.) — O dr. Ludwig Erhard, de 72 anos, antigo chanceler, foi eleito ontem, pela sexta vez, pelo seu círculo em Ulm.

A amizade franco-alemã não será afectada

—Julgam funcionários de Paris

PARIS, 29 — (R.) — Funcionários franceses manifestaram hoje alivio por o Partido Nacional Democrático, da extrema-direita, fracassar em obter representação no Parlamento da Alemanha Ocidental durante as eleições de ontem.

Contudo, recusaram-se a comentar os resultados, enquanto aguardam a formação de um novo Governo.

Particularmente, alguns funcionários exprimiram, porém, desapontamento por os cristãos-democratas do chanceler Kurt Georg Kiesinger não conseguirem uma maioria total.

Embora o tratado de amizade franco-alemão de 1963 fosse concluído por Governos cristãos-democratas e gaullistas, esses funcionários julgam que a formação de uma coligação socialista-liberal na Alemanha Ocidental não afectaria as boas relações entre os dois países.

As primeiras edições de jornais franceses, que foram para o prelo antes de serem anunciados os resultados finais da eleição, publicam com grande relevo nas suas primeiras páginas as previsões iniciais de uma vitória dos cristãos-democratas.

O conservador «Le Figaro» aparece com o título «Os cristãos-democratas à frente», enquanto «L'Humanité» afirma: «O partido ex-nazi Kiesinger à frente nas eleições alemãs ocidentais».

Comentadores franceses julgam que uma coligação chefiada pelos socialistas assumiria uma atitude mais agressiva em promover a entrada da Grã-Bretanha para o Mercado Comum do que os cristãos-democratas.

Notam, porém, que os socialistas não se manifestaram a favor de uma comunidade de defesa europeia dentro do âmbito da Organização do Tratado do Atlântico Norte como foi advogada pelos cristãos-democratas.

Resultados finais das eleições

BONN, 29 — (R.) — Os resultados finais oficiais das eleições na Republica Federal Alemã, sujeitos a confirmação foram os seguintes:

Eleitores inscritos	**38 658 363**
Votos válidos contados	**32 733 431**

Partidos	Votos	Percentagem (Entre parêntesis os numeros de 1965)	Lugares (Entre parêntesis os numeros de 1965)
Cristão-Democrático	**15 203 457**	**46,1 (47,6)**	**242 (245)**
Social-Democrático	**14 074 455**	**42,7 (39,3)**	**224 (202)**
Democrata-Livre	**1 904 387**	**5,8 (9,5)**	**30 (49)**
Nacional-Democrático	**1 422 106**	**4,3 (2,0)**	**0**

VON THADDEN, o principal vencido nas eleições gerais de ontem na Alemanha Ocidental

REACÇÃO EM LONDRES

PREVÊ-SE QUE BONN CONTINUE A APOIAR A ENTRADA DA INGLATERRA NA CEE

LONDRES, 29 — (R.) — A Grã-Bretanha tem a certeza de que o Governo de Bonn continuará a apoiar a sua tentativa para entrar para o Mercado Comum europeu, segundo afirmaram hoje nesta capital observadores diplomáticos, comentando o resultado da eleição geral na Alemanha Ocidental.

Recordaram que ambos os partidos principais — o Democrático-Cristão, do dr. Kurt Georg Kiesinger, e o Social-Democrático, de Willy Brandt — têm sempre apoiado as tentativas britânicas para entrar para o Euromercado, que foram bloqueadas duas vezes pelo general de Gaulle. O problema da entrada da Grã-Bretanha não constituiu uma das questões da campanha eleitoral na Alemanha Ocidental.

DERROTA RETUMBANTE DE VON THADDEN

HANOVER, 29 — (R.) — O Partido Nacional Democrátido, grupo político da extrema-direita, ferido pelo malogro de ontem, projecta hoje contestar os resultados das eleições gerais da Alemanha Ocidental perante o Supremo Tribunal Constitucional.

O NPD obteve ontem os votos de cerca de milhão e meio de alemães mas apesar disso não conseguiu um mínimo dos 5 por cento necessários para ter representação no Bundestag.

O «leader» do Partido, Adolfo von Thadden, sofreu pessoalmente uma retumbante derrota em Bonn — onde apenas conseguiu 3.5 por cento dos votos.

Von Thadden disse que hoje se reuniria o executivo do Partido e que dentro de seis semanas seria realizado um congresso do NPD para decidir se ele continuará ou não na presidência.

«Farei o que os delegados ao congresso decidirem», declarou von Thadden aos jornalistas.

Durante a campanha eleitoral, os comícios do NPD foram marcados por barulhentos distúrbios.

O comício final da campanha, que se devia realizar na sexta-feira à noite em Nuremberg, teve de ser cancelado devido ao perigo de manifestações violentas. Na noite anterior, von Thadden teve que se esconder dentro de um carro da Polícia para se livrar de manifestantes de pouca simpatia para o «leader».

A decisão de contestar a validade dos resultados da eleição baseia-se na interrupção da campanha eleitoral do Partido por manifestantes violentos, que consideravam o NPD como um partido neonazi, à maneira de Adolfo Hitler, proclamando em altos brados «Um Adolfo já foi demais».

PRIMEIRA REACÇÃO SOVIÉTICA

MOSCOVO, 29 — (F. P.) — Numa primeira reacção ao desenrolar das eleições legislativas da Alemanha Ocidental, Rádio Moscovo declarou ontem à noite:

«O que chama mais a atenção nestas eleições é uma participação eleitoral particularmente elevada.

Este estado de coisas explica-se se tomarmos em consideração os problemas que dominam a vida alemã, tais como a segurança europeia e a ameaça fascista. Os primeiros resultados registados permitem verificar que existe uma diminuição de votos a favor dos cristãos-democratas e uma melhoria das posições dos sociais-democratas.»

IMPRESSÕES DOS ESTADOS UNIDOS

(Continuação da 3.ª página)

desde muito novos, distribuindo jornais pelas portas ou servindo como criados em restaurantes. Todo o universitário que se preza tem o seu emprego, já que as matrículas são caras, as necessidades muitas (ter automóvel, por exemplo) e o seu orgulho de homem o proíbe de receber «esmolas» dos pais (que, por sua vez, o incitam a ganhar a vida recusando-lhe mensalidades avultadas). Trabalham em estações de serviço, fornecendo gasolina aos carros, ou em bibliotecas, carregando com os livros que é preciso arrumar ou desarrumar, ou em cinemas, como porteiros e bilheteiros. Os filhos dos professores catedráticos sente-se felizes com a profissão dos pais que lhes abre a porta para um sem número de empregos. Numa das festas oferecidas pela universidade e que leccionava, foi com pasmo de portuguesinho que observei o filho de um dos mais conceituados colegas meus servindo de criado, no bar, a misturar bebidas e a trazê-las aos amigos do pai, que o gratificavam com a habitual gorjeta. Esse mesmo rapaz — caloiro da Marinha — ia dai para o seu emprego normal, de criado num «snack-bar», onde envergava o seu avental e enfiava na cabeça um ridículo chapéu de cozinheiro. A muitos alunos e alunas dos meus cursos comprei as mais variadas coisas em lojas e armazéns onde trabalhavam como caixeiros.

Este hábito do trabalho manual está na base da democracia norte-americana e ajuda a explicar a sua ausência de preconceitos de classe.

A ascensão social — que se traduz pela soma de dinheiro depositada no banco ou investida de qualquer outra forma — está aberta a todo (menos aos negros) a partir de degraus muito nivelados.

Certas profiesões são tidas em maior conta que outras. Ser comerciante, ser industrial, ser, em suma, homem de negócios próspero, é talvez a máxima aspiração do jovem americano e o melhor título de crédito que se pode exibir. Presenciei aspectos de uma campanha eleitoral para deputados e senadores em que vários dos candidatos pela área onde eu residia, orgulhosamente proclamavam a sua condição de negociantes como motivo de propaganda. «Escolha o melhor! Escolha quem sabe! Vote num businessman!» — gritava um dos panfletos.

As profissões liberais são menos conceituadas e é forçoso dizer que o professorado não suscita nem muita admiração nem grande respeito, exactamente por render pouco. Um garagista de quem me fiz amigo perguntou-me um dia a profissão. «— Professor de história», disse-lhe. Sorriu com ar de comiseração e confidenciou-me, pedindo-me desculpa pela franqueza, que ainda havia bem pouco aconselhara o filho a escolher qualquer tipo de estudos superiores menos os que visassem o ensino. «— Isso não dá nada» — desabafou. E tinha razão.

A. H. DE OLIVEIRA MARQUES

O NOSSO VOTO

(Continuação da 1.ª página)

É talvez esse o aspecto mais importante de quantos sejam possíveis de observar na campanha eleitoral agora aberta. Supomos interpretar o sentimento geral do País ao formular o desejo de que todos os que vão participar neste grande debate nacional saibam manter a serenidade bastante para que da discussão nasça a luz e não a confusão. A massa comum dos cidadãos, os que da vida do País têm a imagem da parte que a si mesmos lhes toca pela porta, aplicar-se-á porventura num esforço de atenção à procura das respostas que sejam efectivamente respostas às suas próprias interrogações. E sofreriam cruel decepção, no seu desejo de se esclarecer, se os que aceitaram candidatar-se a seus representantes e orientadores da vida do País não fossem capazes de se elevar à altura da promessa implícita nessa decisão.

Parece não dever recear-se que seja exagero o entender que a campanha eleitoral agora aberta tem um sentido e um alcance diferentes, do que é sinal evidente o elevado número de pessoas que nela aceitaram intervir propondo-se como candidatos. Pràticamente, as formações oposicionistas procuraram reunir as suas forças para concorrer em todo o País, não se limitando, desta vez, a uma presença meramente simbólica num ou dois círculos. A este reavivar de interesse pela coisa pública é preciso que todos os que assumem a responsabilidade de subir à cena se mostrem conscientes do papel que se propõem desempenhar.

O País espera de todos um sinal permanente de aprumo cívico e de compostura mental. O «Diário de Lisboa», fiel a si próprio e à linha de independência que sempre foi a sua, faz-se intérprete desse voto nacional, certo e seguro de que só desse modo se poderá contribuir para que o País certifique a sua capacidade, a sua maioridade e a sua maturidade — de que o País tem direito, diga-se, aos seus direitos.

FOI HOJE A SEPULTAR JOÃO CRISÓSTOMO DE SÁ EDITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Do quartel dos Bombeiros Voluntários de Queluz para o talhão privativo da corporação no cemitério daquela vila realizou-se ao fim da manhã, com grande acompanhamento, o funeral do nosso companheiro de trabalho João Crisóstomo de Sá, editor do «Diário de Lisboa» e primeiro-comandante dos mesmos Voluntários.

Durante a noite e parte da manhã o corpo fora velado pela viuva e mais família do nosso saudoso companheiro. Às 10 e 30 o rev. Bento fez a encomendação do corpo, com o parque de viaturas onde fora armada a camara ardente completamente cheia de pessoas, em cujo numero avultavam os elementos de deputações de bombeiros voluntários e de todas as secções do «Diário de Lisboa», largamente representadas.

Pouco depois das 11 horas, bombeiros voluntários de Queluz retiraram da essa o corpo e conduziram-no para um pronto-socorro da corporação. A urna foi coberta com a bandeira dos B. V. de Queluz. Sobre o ataude eram entretanto depostas muitas coroas e ramos de flores.

Incorporam-se no funeral, assistiram ao acto religioso ou apresentaram cumprimentos á família enlutada numerosas individualidades de várias categorias sociais.

Entre outras personalidades destacavam-se os srs. dr. António Pedro Ruela Ramos, director do «Diário de Lisboa», em seu nome e pelo sr. eng.º Pedro Manso Lefébvre, administrador da Renascença Gráfica; dr. João Ruela Ramos, também da administração da Renascença Gráfica, e os srs. capitão Felisberto Tavares, João Manuel Pinto de Ruela Ramos, do conselho fiscal; dr Guilherme Pereira da Rosa e srs. Joaquim Pavão e Henrique Segurado Pavão, respectivamente, director e administradores do nosso prezado colega «O Século»; coronel Rogério Cansado, inspector de Incêndios da Zona Sul e comandante do Batalhão de Sapadores Bombeiros; srs. António José Forjaz, vice-presidente da Câmara Municipal de Sintra, Rogério Machado Cruz, da Inspecção dos Espectáculos, coronel Themudo Barata, por si e representando o Regimento de Artelharia Anti-Aérea Fixa e J. Pimenta, João Afonso, Raul Lima, José Antunes, José Gilmetário dos Santos, José Bento, Manuel Lopes, Afonso Diniz Sampaio, Roland Wahnon, Filipe Portugal, Mário Reis Américo P. Silva, José Marques Pereira, Julio José Ferraz, António Sequeira, José Ferreira, Francisco Machado, José Nogueira, Amadeu Ramires, Alfredo Cruz, João Maria Leitão, António Gomes da Costa, Emílio Loubet, Vítor Lopes, João da Silva Ouro, Manuel Ribeiro, Aníbal Vieira, Francisco Calixto, representantes da Comissão de Melhoramentos de Queluz Parque Infantil, do Centro de Recreio e Cultura do Bairro Económico de Queluz, do Grupo Desportivo de Queluz, da Comissão Administrativa da Delegação de Sintra da Liga dos Combatentes e do Grupo Dramático Lisbonense; Alves dos Santos, presidente da Junta de Freguesia de Queluz, Vítor Dias, Torquato da Luz, António Pereira Alves, João de Oliveira Ferrer, José Dias Ferreira, por si e em representação do sr. Ernesto Costa, comandante dos Bombeiros Voluntários de Lisboa; Acácio Rosa, Francisco Ramos, Raul de Lima, Zeferino Teixeira, etc.

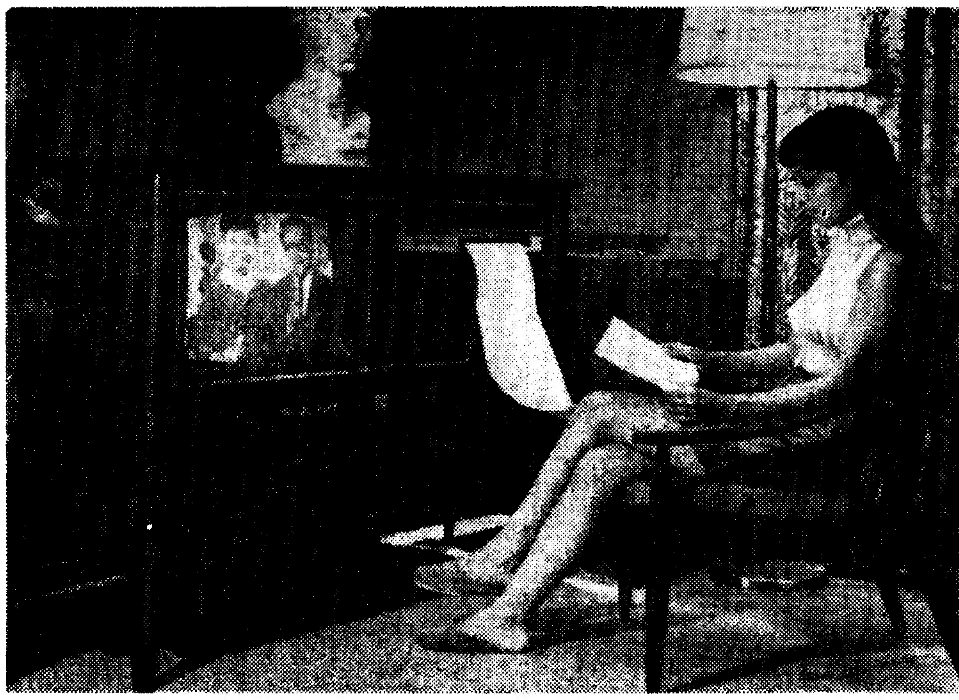
Incorporaram-se também no prestito o chefe Mário de Almeida, em representação do Batalhão de Sapadores Bombeiros; os comandos e deputações de bombeiros voluntários (com respectivas viaturas) das corporações de S. Pedro de Sintra, Cacém, Almada, Amadora, Alcanena, Agualva-Cacém, Belas São Pedro, Cacilhas, Colares e Lisbonenses. Também representada a Liga dos Bombeiros Portugueses.

Os Bombeiros Voluntários de Queluz, incorporaram-se no préstito na sua máxima força, com bandeira e viaturas, comando e direcção com muitos associados.

Cursos de Socorrismo por correspondência

O Centro de Prevenção e Segurança, no prosseguimento do seu programa de formação, vai organizar mais os seguintes cursos, por correspondência, nos moldes dos já realizados: VI Curso de Monitores de Segurança, VI Curso de Primeiro-Socorristas e IV Curso de Monitores de Primeiro-Socorristas.

Os cursos terão início no próximo mês de Outubro. As suas inscrições podem ser feitas, desde já, no Centro de Prevenção e Segurança, Rua do Telhal, 12-4.º, dto., Lisboa-2.



TELEVISÃO DO FUTURO — Uma empresa japonesa acaba de apresentar este singular aparelho que além do normal «écran» de TV inclui um dispositivo electrónico através do qual o telespectador recebe em sua casa, por escrito, as ultimas noticias. O aparelho será posto á venda em 1970

Há muitíssimo para fazer

— acentuou o Ministro da Saúde ao ser cumprimentado pelo 1.º aniversário da sua posse

O ministro da Saúde e Assistência, dr. Lopo Cancela de Abreu, foi hoje cumprimentado por ocasião da passagem do 1.º aniversário da sua posse, durante uma pequena cerimónia, que foi muito concorrida. Em nome de todo o funcionalismo, saudou-o, pondo em relevo a actividade deste seu primeiro ano de trabalho, o dr. Coriolano Ferreira, secretário-geral do Ministério e director-geral dos Hospitais.

O ministro da Saúde agradeceu, depois, a presença de todos e as palavras que lhe foram dirigidas, assim como a colaboração e o apoio que lhe foram dados. Lembrou, depois, as condições em que aceitou ocupar o cargo, afirmando ser «uma honra trabalhar sob a orientação directa de Marcello Caetano». Referindo-se aos três principais sectores do seu Ministério, disse:

«No que se refere á Direcção-Geral de Saúde, se exceptuarmos as campanhas integradas no Plano Nacional de Vacinação, que constituíram um manifesto êxito, manteve-se um trabalho de rotina que tem várias dezenas de anos. A actual estrutura desta Direcção-Geral pouco mais permite fazer do que continuar o que vem de trás, e que é, como bem se compreende, manifestamente escasso para as necessidades da hora presente. Conta-se, por que é uma urgente necessidade, remodelar e actualizar este importante sector do nosso Ministério e desenvolver, muito principalmente, tudo quanto diga respeito á prevenção da doença ou do acidente, á epidemiologia, á higiéne do meio e á educação sanitária».

● Luta contra a mortalidade infantil

O dr. Cancela de Abreu continuou salientando que «no que respeita á Direcção-Geral de Assistência, o seu labor tem sido intenso, mas, como é natural, cheio de inúmeras dificuldades e pouco conhecido do grande público». E, depois de passar em revista os principais aspectos (positivos e negativos deste sector) salientou, em certo passo, que «há, forçosamente, que fazer uma planificação em massa, mas a nivel nacional, na luta contra a mortalidade infantil e o parto sem assistência, sectores em que a nossa situação, tendo, aliás, já sido pior, é, ainda, manifestamente má».

A finalizar, sobre a Direcção-Geral dos Hospitais, afirmou ser de «realçar o grande esforço que se tem feito na construção, equipamento e administração dos hospitais. Não se pode negar a melhoria da situação — o que não significa que seja satisfatória — do pessoal médico e de enfermagem. Mas — perguntou mais á frente — houve, na verdade, em relação á peça fundamental dos hospitais, ao doente, um real e geral beneficio no seu tratamento? A resposta a esta pergunta terá de ser devidamente ponderada, e, assim, não pode ser dada neste momento». E o titular da pasta da Saúde concluiu dizendo que «se muitíssimo se fez, muitíssimo há, ainda, para realizar», mas que olhava o futuro com «certo optimismo».

No final, o dr. Cancela de Abreu foi cumprimentado por todos os presentes.

PÓNEI PARA EXPORTAÇÃO — Orgulhosa do seu pónei branco, que é da raça montanhesa do País de Gales, «miss» Jane Collins passeia-o na recente Feira de Coed Coch. A exportação destes animais (4 mil nos ultimos dez anos) tem trazido bom dinheiro ao tenente-coronel Wynn, principal criador da região

O FUTEBOI ENTREGUE

• Duplo por e

MONTIJO, 29 — O futebolista brasileiro Djalma Nascimento de Freitas, do Belenenses, confessou esta madrugada ter sido o autor do duplo atropelamento mortal na vizinha povoação de Broega, Sarilhos Grandes, seguido de fuga sem prestar assistência ás vítimas. A P. V. T. entregou-o ao tribunal local.

O caso ocorreu poucos minutos a[...] saída d[...] tro da [...] Mendes [...] 29 anos [...] balhado[...] Ramos, [...] acompa[...] lhos: J[...] anos, e [...] Foi nes[...] móvel [...] tando-se [...] d[...]seg[...]

Em três li[...]

É permitida, por decreto-lei, a admissão aos concursos de bolsas de estudo distribuídas por intermédio da Direcção-Geral do Ensino Técnico Profissional dos candidatos que hajam obtido no ano lectivo anterior a classificação mínima de 14 valores e satisfaçam ás demais c[...] regulam[...]

O sr. [...] Bourbo[...] exonera[...] lugar d[...] Comissã[...] e Simp[...] da Dire[...] po[...]tes T[...]

E[...] O A D

BONN — Os [...] çõ[...], a [...] duas gr[...] ra a ma[...] vadores, [...] priamen[...] nem m[...] terra c[...] mas des[...] culos e [...] a era s[...] particip[...] ta do q[...] mitiam, [...] minhad[...] não se [...] torado [...] to, do p[...]

As su[...] terem [...] tas de [...] la vota[...] á chan[...] os que [...] mo her[...] -socialis[...] te sign[...] mo: a [...] continu[...] o termo [...] trema d[...] a signi[...] na vida [...] alemã.

A co[...] mocráti[...] mente [...] su[...] vo[...] á [...]elei[...] Kiesing[...] tiveram [...]

Operações [...] BANCO DO ALEN[...]

Eleições na Alemanha Federal 5

OS ELEITORES ESCOLHERAM A CONTINUAÇÃO DA ERA DE ADENAUER

Por RAUL REGO

BONN, 29 — (Por Telex) Os resultados das eleiç.. alemãs trouxeram as grandes surpresas pa a maior parte dos observ dores. Não foram pró amente uma viragem m mesmo lançaram por ra castelos de cartas, s desfizeram muitos cál os e a caminhada para ra social, para a era da rticipação, foi mais len do que as previsões ad iam. O ritmo dessa ca nhada prossegue, mas se desprendeu o elei ado alemão, por comple de passado.

s surpresas foram: não em os sociais-democra de Willi Brandt aque votação que os levasse hancelaria; e obterem que todos apontam co herdeiros do nacionali alismo votação bastan significativa. Em resu : a era de Adenauer tinua, mas vê-se-lhe já rmo, e as forças da ex ma direita podem voltar ignificar alguma coisa vida política e social mã.

combinação cristã-de crática diminuiu ligeira nte a percentagem da votação, em relação leições de 1965, mas singer e Strauss man ram as suas posições.

Ora, esperava-se uma descida bastante mais acentuada. Os apupos de que Kiesinger foi objecto em muitos comícios, e um deles nós vimos em Peine, saudado á nazi e com gritos de «Sieg Heil!» constantemente por parte de um grupo, sem a mínima intervenção por parte das imponentes forças policiais, e o segundo plano a que foi reduzido pelo brilho do liberal Walter Scheel e do socialista Willi Brandt no diálogo publico da Televisão na noite de 25, iludiram muitos observadores. O truculento Strauss mantém o seu feudo bávaro. Os partidos C. D. U.-C. S. U. continuam, pois, á testa do Governo.

Willi Brandt: o poder dentro de quatro anos

Por outro lado, até á ultima hora contou-se que os sociais-democratas, que foram os primeiros a iniciar a campanha eleitoral e a fizeram com vivacidade em face dos seus colegas da coligação dos ultimos três anos, aumentassem a percentagem da sua votação, como aumentam o numero de deputados, mas não o bastante para lhes dar o primeiro lugar. Contava-se com uma percentagem de votação para os socialista á roda de 46 %, e a grande surpresa de ontem, ao fim da tarde, quando os calculadores electrónicos atiraram com 46,2 por cento para os cristãos-democratas e 42,7 por cento para os socialistas, mostrou que a vitória de Willi Brandt era comummente esperada. Na grande sala de Imprensa, em Bonn, foi essa a hora da surpresa.

Os socialistas fizeram a sua campanha á base da responsabilidade de direcção que tiveram nos ultimos anos no Ministério da Economia, com Karl Schiller, e no Ministério dos Estrangeiros, com o próprio Willi Brandt, á base de um entendimento com os países de Leste, incluindo a própria Alemanha Oriental, defendendo a participação activa dos empregados nas empresas, com co-gestão, chamando muitos dos seus dirigentes á década de 70 a da «participação», após a da prosperidade económica que «manteve a C. D. U. no poder durante 20 anos e que levou a média dos salários dos trabalhadores alemães de cerca de 60 dólares por mês para cerca de 200 dólares em duas décadas», segundo as palavras do «Herald Tribune», prevendo novo objectivo e nova orientação.

Esse objectivo sofreu uma pausa. Estável a combinação cristã-democrática e em progresso os sociais-democratas, basta que o ritmo desse progresso nas ultimas três eleições se mantenha para que os partidários de Willi Brandt tenham o poder dentro de quatro anos. Em 1965 tiveram 39 por cento da votação, com 202 deputados, Em 1961 tiveram 36,2 por cento, com 190 deputados. Os 42,7 por cento de agora continuam, pois, o crescimento médio de votação socialista. Mas em quatro anos muita água corre para o mar...

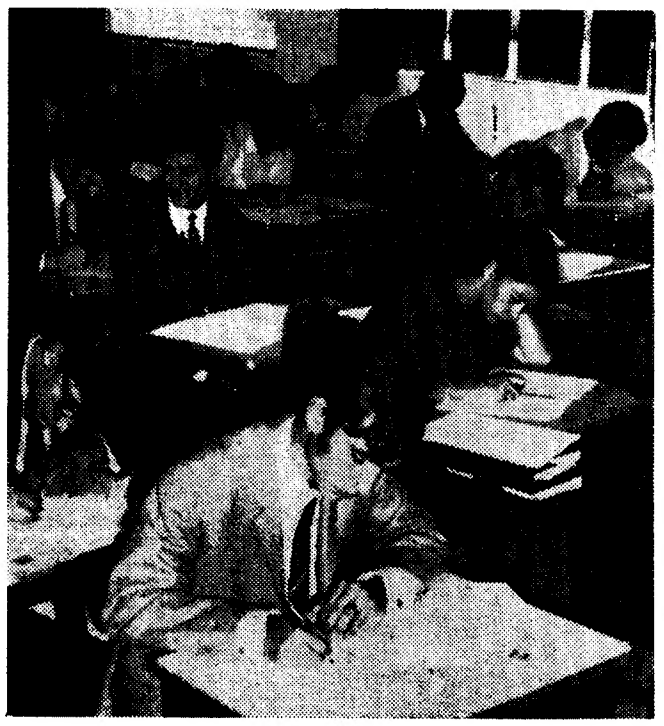
O N. P. D. ultrapassou todas as previsões

Passando sobre a descida grande, dois dos liberais, a mostrar que o eleitorado de nossos dias não vai para posições de compromisso, não deixemos de acentuar a outra grande surpresa, qual é a da votação N. P. D. Com os seus 4,3 por cento não conseguiu entrar no Parlamento. Mesmo assim ultrapassou todas as previsões, que lhe davam uns 2 por cento. Não entrando no Parlamento, fica o Governo livre de pedir ao Supremo Tribunal Constitucional a sua proibição como partido não democrático. Mas constitui um aviso, que em qualquer depressão económica se pode tornar bem grave.

Os liberais tiveram apenas 5,7 por cento, numa descida constante desde 1961, em que tiveram 12,8 por cento, e 1965, em que tiveram 9,5 por cento. Mas com 29 deputados, contra 224 dos socialistas e 243 dos cristãos-democratas, os liberais continuarão a ser os árbitros possíveis da política parlamentar e governamental alemã, se é que que a grande coligação não continua, contra o que parece provável.

Houve surpresas, evidentemente, mas é o pão nosso de cada dia.

RAUL REGO



Durante as provas de exame de Física e Química dos candidatos da alínea A) ao Instituto Industrial de Lisboa

PROSSEGUEM OS EXAMES NO INSTITUTO INDUSTRIAL

Com as provas de Física e Química prosseguiram, pelas 9 da manhã, na Escola Industrial Josefa de Obidos e Instituto Industrial de Lisboa, os exames de admissão áquele Instituto, dos candidatos da alínea b) e iniciaram as suas provas os da alínea a), respectivamente de 7 e 3 disciplinas.

Ao princípio da tarde submeteram-se ainda á prova de Ciências Naturais os candidatos da alínea b) que, no passado dia 23, iniciaram os exames de admissão ao Instituto Industrial com a prova eliminatória de Português.

Apresentaram-se então a exame 536 alunos, dos quais foram excluídos 89 candidatos.

Estavam inscritos para as provas de exame da alínea a) 309 candidatos. Por chegarem com uma hora de atraso foram excluídos alguns, mesmo sem ser submetidos a exame. Disse-nos o director do Instituto.

— Apesar da valiosa colaboração dos jornais que informou o dia, horário e local da realização dos exames, houve candidatos que chegaram atrasados uma hora. Foram excluídos, claro!

Os exames continuam amanhã, ás 9 horas, com a prova de Matemática, na Escola Industrial Josefa de Obidos para os candidatos da alínea b) e, á mesma hora, no Instituto Industrial de Lisboa para os candidatos da alínea a).

As provas de Francês e Inglês a que têm de comparecer os candidatos da alínea b) realizar-se-ão também amanhã, pelas 15 horas, na Escola Industrial Josefa de Obidos.

No dia 1 de Outubro terão lugar as provas de Desenho para as duas alíneas, ás 9 horas, no Instituto Industrial de Lisboa, Escolas Josefa de Obidos e Machado de Castro. Da parte da tarde, os candidatos da alínea b) serão ainda submetidos, pelas 14 horas, ás provas de Geografia e História.

OLISTA DJALMA E AO TRIBUNAL

lo atropelamento mortal excesso de velocidade

os antes da meia-noite, á da de uma curva e den- da povoação. Graziela ndes da Silva Ramos, de anos, casada com o tra- hador rural António José mos, regressava a casa mpanhada por dois fi- s: Jorge Manuel, de 8 s, e Isabel Maria, de 6. nessa altura que o auto- vel do jogador, despis- do-se a grande velocida- segundo informação do agente sr. Manuel Justo, da P. V. T. do Montijo), colheu a senhora e as crianças.

— *A velocidade era tão vertiginosa* — disse aquele agente — *que o carro atirou a mulher a 23 metros de distancia. O corpo do pequenito estava ainda mais longe.*

Dois mortos — mãe e filho — e um ferido muito grave, a pequenina Isabel Maria, transportada de urgência para o Hospital de S. José (em estado de coma e com prognóstico reservado). Quanto ao autor do atropelamento, a sua fuga iria demorar a exacta identificação. Aliás por pouco tempo, já que nas imediações da portagem da Ponte sobre o Tejo aparecia pouco depois um carro abandonado, com a chapa em nome do jogador brasileiro.

A pista deu certo. Detido na sua residência, Djalma confessou acrescentando que não parara porque tinha medo. Contava apresentar-se hoje ás autoridades. As autoridades foram mais velozes.

— *Temos um serviço bem montado* — explicou o agente Justo. — *Casos destes não levam muito tempo a deslindar.*

linhas

s condições fixadas em ulamento.

///

sr. dr. Miguel José de rbon Sequeira Braga foi nerado, a seu pedido, do r de vogal, eventual, da issão de Reorganização implificação de Serviços Direcção-Geral de Trans es Terrestres.

s de Bolsa

ENTEJO

TRÊS PRÉDIOS PRESTES A DESABAR

Os três prédios, situados na Rua Maria, aos Anjos, continuam em perigo iminente de desmoronar-se pondo em risco a vida de qualquer pessoa que transite por ali.

As fendas e desníveis patentes nas fachadas e empenas acentuam-se, de dia para dia. A verificar-se o desabamento, os imóveis anexos serão também afectados, pois, é notória a pressão exercida pelos primeiros sobre os segundos.

É sempre prova de carinho dar uma prenda de gosto ás pessoas de amizade.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

AUMENTO DE CUSTO DE VIDA
NÃO!...
40 ANOS a procurar vender sempre por melhores preços
OUTONO E INVERNO
APRESENTAMOS AS NOVAS COLECÇÕES DE MEIAS DE FANTASIA E COLLANTES
Nova promoção de vendas
6 MEIAS, IGUAL A 5 PARES
15$00
Meias descanso sem costura: indicadas para toda a mulher empregada ..... 65$00
REI DAS MEIAS
LARGO RAFAEL BORDALO PINHEIRO, 32

Tomar sem luz durante quatro horas

TOMAR, 29 — Esta cidade esteve, ontem, quatro horas ás escuras. Efectivamente, das 18 ás 22 horas, verificou-se uma interrupção do fornecimento de corrente em virtude de uma faísca ter atingido um cabo condutor de energia eléctrica.

O facto ocorreu quando forte trovoada desabou sobre a cidade.

O Cine-Teatro não deu espectáculo e nos cafés e restaurantes os clientes foram servidos á luz de candeeiros a petróleo e velas.

Cerca das 22 horas, foi possível restabelecer a corrente e tudo voltou á normalidade.

Serviços em prata

Um lindo sortido com modelos exclusivos, a preços sensacionais. **Ourivesaria Pimenta, R. Augusta, 253 a 257.**

I CURSO LUSO-ESPANHOL PARA DIRIGENTES E TÉCNICOS DE EMPRESAS TURÍSTICAS E HOTELEIRAS

Com a participação de cerca de 300 técnicos portugueses e espanhóis, começou hoje, no Estoril, no Pavilhão dos Congressos (a funcionar no edifício do antigo casino, especialmente adaptado para o efeito), o I Curso Luso-Espanhol sobre Economia, Administração e Contabilidade de Empresas Turísticas e Hoteleiras, organizado pelo Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira e patrocinado pela Direcção-Geral do Turismo e pelo Instituto de Estudos Turísticos do Ministério de Informação e Turismo de Espanha.

O curso, que termina no dia 4 do próximo mês, é dirigido pelos srs. eng.º Álvaro Roquete e Angel Alcaide Inchaústi, director-geral do Turismo e director do Instituto de Estudos Turísticos de Madrid, respectivamente.

Entre os participantes portugueses, contam-se dirigentes de empresas turísticas e hoteleiras do continente, ilhas adjacentes, Cabo Verde, Moçambique e Angola.

Na mesa de honra da sessão de abertura, viam-se, além do eng.º Álvaro Roquete e de D. Angel Alcaide Inchaústi, os srs. Jaime Enteria, director do turismo espanhol em Lisboa; dr. Manuel São Payo, director dos Serviços de Património da Direcção-Geral de Turismo; Ricardo Barrio Moreno e dr. António Serras Pereira, secretários do curso, respectivamente, pelas representações portuguesa e espanhola; e dr. Serra e Moura, presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol.

Abriu a sessão o eng. Álvaro Roquete, que começou por saudar os participantes. A dada altura, afirmou:

«Temos para nós que o alcance do actual Encontro há-de situar-se entre coordenadas que nos permitam, á luz da técnica moderna, equacionar os problemas de gestão administrativa de forma a que as soluções encontradas se integrem no realismo das nossas particularidades específicas. Tal «desideratum» pressupõe um espírito de abertura e comunicação humana, em permuta de ideias alicerçadas nas experiências respectivas.»

Um aspecto da mesa da presidência na reunião inaugural

Usou da palavra, em seguida, D. Angel Inchaústi que, depois de retribuir as saudações, proferiu uma conferência, subordinada ao tema «Economia do Turismo».

Conferências por especialistas

O primeiro dia de trabalhos foi preenchido com conferências pelos srs. Evaristo Escorihuela Mezquita, drs. Carlos Robalo e Magalhães Coelho, José Rivero Romero, Juan Fúster Laren, dr. Manuel Rocha e Manuel López Cachero, que abordaram temas especializados.

À sessão de encerramento do curso assistirá o secretário de Estado da Informação e Turismo.

AS PRÓXIMAS ACTIVIDADES DOS ORGANISMOS ACADÉMICOS DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

COIMBRA, 29

Os representantes dos organismos académicos dos estudantes universitários ficaram diligência junto do reitor e do secretário-geral da Universidade, no sentido de ser facultado o acesso ás suas instalações dos componentes dos referidos organismos e dos estudantes que nos mesmos se queiram inscrever para o próximo ano lectivo.

O secretário da Universidade mostrou o maior interesse pelo assunto e conseguiu que fosse emanada a ordem seguinte:

«1) — Das 14 ás 17 horas, todos os estudantes podem entrar no edifício das instalações académicas para se inscreverem nos organismos autónomos.

«2) — Durante todo o dia — excepto aos domingos —, todos os sócios dos organismos podem, mostrando o cartão, entrar nas instalações académicas.»

Estão, assim, abertas as inscrições nos referidos organismos académicos.

DOIS FERIDOS NUM ACIDENTE DE VIAÇÃO EM PAÇO DE ARCOS

Esta manhã, cerca das 7 e 20, na Rua Costa Pinto, em Paço de Arcos, um automóvel, conduzido pelo sr. Armando Lima de Brito, domiciliado na Rua da Paz, 60, em Lisboa, despistou-se, galgou o passeio e foi colher a sr.ª D. Arminda da Silva Neves Farinhas, de 39 anos, casada, residente na Rua Maria do Rosário Patacão, 25 (Moscavide), e o sr. Manuel Viriato Marques, de 18, morador em Magameças (Almada).

O acidente ocorreu próximo do quartel dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos, que transportaram os dois feridos ao Hospital de S. José, onde os mesmos ficaram internados, embora o seu estado não seja considerado grave.

Três mortos e dois feridos graves num choque de veículos

CANAS DE SENHORIM, 29 — Hoje, pelas 8 horas, na povoação da Lapa do Lobo, freguesia de Canas de Senhorim, a camioneta RR-62-42, da firma Alberto Gaspar, da Figueira da Foz, conduzida por José Azenas Figueira, chocou com o automóvel do dr. Constantino Lopes Simões Loureiro, antigo notário e advogado em Viseu, que se dirigia para a sua terra natal, em São João de Areias, em Santa Comba Dão.

O choque, devido ao nevoeiro e a um cão que se atravessou na estrada, foi violento, tendo morrido o dr. Constantino, de 77 anos, a professora primária D. Maria Teresa de Sousa Amaral, de 27 anos, solteira, que conduzia o automóvel, e o trabalhador rural Afonso Lopes, de 40 anos, casado e pai de numerosa família.

Ficaram gravemente feridos Lucinda de Sousa, tia da professora, de 50 anos, e José Cardoso, de 13, que foram internados no Hospital de Mangualde, em perigo de vida.

A G. N. R. de Canas de Senhorim tomou conta da ocorrência. Os cadáveres foram levados para a casa mortuária desta localidade.

O funeral das vítimas deverá realizar-se amanhã, depois de autopsiados os respectivos corpos.

Escola de Enfermagem Artur Ravara

As aulas da Escola de Enfermagem Artur Ravara abrem na próxima quarta-feira, devendo os novos alunos comparecer naquela escola ás 10 horas.

O condutor do veículo, de pé, chama pelos bombeiros, enquanto as vítimas tentam levantar-se do chão

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	540$	—	540$
Consolidado 3 1/2%	—	—	632$
Centenários 4%	—	.480$	—
Obrigs Tesouro 5%	1.003$	003$	.004$
Externo 1.ª Série	—	—	760$
Externo Série c.	830$	850$	850$
Externo 3.ª Série	—	732$	—
Externo 3.ª Série c.	890$	880$	900$
Cautelas 3.ª Série	—	—	180$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	490$
A. P. T. 5% 56	—	925$	—
A. P. T. 5% 58	—	925$	—
C. P. 4 1/2% 65	905$	—	—
C. P. 5 1/2% 67	—	1.005$	—
C. U. F. 6%	—	1.005$	—
C. U. F. 6% 68	—	1.000$	—
Gás Elect 4% 48	—	800$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	875$	—
Gás Elect 5% 52	—	—	890$
Gás Elect 5% 58	880$	—	890$
Gás Elect 5% 59	—	—	890$
Gás Elect 5% 62	—	900$	—
Gás Elect 5% 63	—	905$	—
Gás Elect 5% 65	900$	—	900$
Gás Elect 6% 67	—	1.010$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	820$	830$
H. E. Cávado 5%	—	—	—
H. E. Cávado 6%	—	—	1.000$
H. E. Douro 5%	—	815$	820$
H. E. Douro 6%	1.002$	1.001$	1.003$
H. E. Norte Port. 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	—	1.000$
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	860$
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	860$
Lisnave 6%	—	—	1.004$
Metropolitano 4%	900$	—	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.020$	—
Moçambique 5%	—	750$	800$
Nac. Electr. 5%	840$	835$	840$
Nitratos 5%	—	—	830$
Nitratos 5% 60	—	820$	830$
Petroquímica 5%	—	—	—
Port. Celul. 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	965$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	800$	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	845$	—
T. A. P. 4%	—	—	960$
Termoelect. Port. 5%	—	805$	810$
U. E. P. 3 3/4%	—	84$	—
U. E. P. 4%	—	85$	86$
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	82$	82$	33$
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	860$	850$	860$
AC ÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.580$	1.570$	1.580$
Alentejo	900$	890$	900$
Angola	—	3.140$	3.200$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	3.580$	3.570$	3.600$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
L. & Açores p.	7.040$	7.040$	7.050$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	6.600$	6.600$	6.620$
Portugal n.	3.300$	3.280$	3.300$
Portugal p.	4.220$	4.150$	4.250$
Totta Aliança	—	6.200$	6.300$
Ultramarino n.	2.850$	2.830$	2.860$
Ultramarino p.	3.070$	3.050$	3.100$
Seguros			
Alentejo	76$	75$	77$
Douro	—	1.200$	—
Mundial	590$	580$	595$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	45.000$	60.000$
Ultramarino	—	15.000$	30.000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	810$	840$
Ag. Cassequel	852$	850$	855$
Ag. Incomati	—	1.980$	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buzi	—	80$	81$5
Cabinda	—	215$	220$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.000$	2.000$	2.004$
H. E. Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	173$	173$	175$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	—	370$	375$
Zambézia	82$	81$5	83$
Angolana	—	—	—
C.ª Diversas			
Cidla	—	7.500$	7.600$
Cim. Leiria	—	4.000$	4.050$
Cim. Tejo	—	—	—
Col. Navegação	—	1.530$	1.540$
C. U. F.	1.330$	1.300$	1.350$
Ind. Aliança	—	580$	650$
Nac. Navegação	—	3.500$	3.650$
Petroquímica	2.170$	2.160$	2.180$
Port. e Colónias	1.430$	1.420$	1.440$
Port. Celulose	—	4.420$	4.600$
Port. Pesca	—	1.150$	1.200$
Port. Tabacos	755$	754$	760$
Sacor	—	—	4.850$
Siderurgia Nac.	1.560$	1.550$	1.590$
Socel	2.820$	2.810$	2.850$
Tabacos de Portugal	—	—	1.550$
Tabaqueira	—	8.400$	8.600$
U. F. Azoto	820$	815$	820$
Águas, Electr. e Gás			
Águas Lisboa p.	—	405$	425$
Águas Lisboa 34	—	420$	—
Águas Lisboa 36	—	—	410$
Eléct. Beiras	—	1.650$	1.700$
Gás Electr.	428$	427$5	429$
H. E. Alto Alentejo	158$5	158$	158$5
H. E. Cávado	1.260$	1.260$	1.265$
H. E. Douro	1.228$	1.227$	1.230$
H. E. Norte Portugal	305$	—	305$
H. E. S. Estrela	—	—	—
H. E. Zêzere	1.260$	1.255$	1.265$
Nac. Electricidade	1.225$	1.222$	1.225$
Termoeléctr. Port.	1.230$	1.225$	1.230$
U. E. P.	195$	193$	198$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	191$3	197$
F. I. D. E. S.	—	119$2	122$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

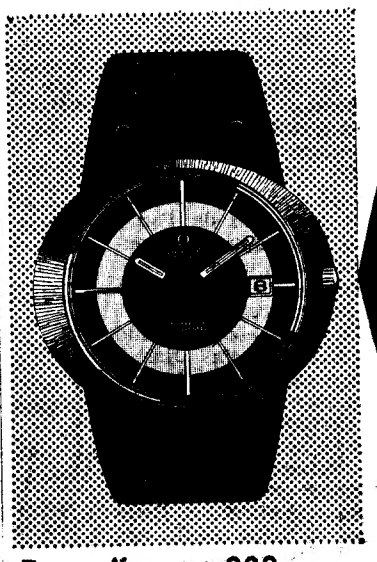
	22/9/69	26/9/69	29/9/69
GERAL	138,6	139,4	139,4
METRÓPOL	134,2	134,8	134,7
ULTRAM.	170,9	173,5	173,8

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul:		
— Rands de 1 e 2		
— Rands de 5 a 20	35$50	37$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$25	28$65
— Dollars de 5 a 1000	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$15	7$40
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,2	$04,6
Bélgica — Franco	$50	$54
França — Franco	4$90	5$30
Suíça — Franco	6$58	6$78
Marrocos — Dirham	—$—	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	310$00	325$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

AVISO
O BALNEÁRIO DO BAIRRO ALTO, Rua do Norte n.º 72, está aberto para Homens e Senhoras todos os dias

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA
ALTA FIDELIDADE
ESTEREOFONIA
Rua Rodrigo da Fonseca, 31, 1.º
Telef. 43464 — LISBOA



DYNAMIC
Ω
OMEGA
Apresentado na
AGÊNCIA OFICIAL
Relojoaria
MAURY
Rua Áurea, 202
LISBOA

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

«Sebastião entre os Homens», «Fados» e «Ladrão, precisa-se»

Em repetição, apresentam-se no II programa: o 3.º episódio do Folhetim «Sebastião Entre os Homens» e o programa de fados com Lídia Ribeiro, acompanhada por António Chainho e António Luís Gomes (guitarras) e José Maria Nóbrega e Raul Silva (violas).

A's 22 e 15, em estreia, o episódio «Quando os bons amigos se juntam», da série «Ladrão Precisa-se», com Robert Wagner no principal papel.

MOMENTO DESPORTIVO

A's 20 e 10, surgirá nos «écrans» a rubrica «Momento Desportivo» que será preenchida por comentários, resumos filmados e ainda por entrevistas sobre os principais acontecimentos da actualidade desportiva.

«IMAGENS DA POESIA EUROPEIA»

Prosseguindo no estudo da poesia Alexandrina, iniciado há oito dias, o dr. David Mourão-Ferreira falará hoje, na sua rubrica «Imagens da Poesia Europeia», dos poetas Teócrito, Mescos e Bion.

Colaboração de Rosa Lobato Faria.

CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS
PROF. [illegible] DE AMARAL
Professores portugueses e estrangeiros
3 LABORATÓRIOS DE LÍNGUAS
SALAS DE ESTUDO (Audiovisuais)
LIÇÕES EM CLASSES
LIÇÕES INDIVIDUAIS
Todos os NIVEIS
R. Mouzinho da Silveira, 25
Tel. 538494

EXTENSÃO CULTURAL DO CENTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS:
«LINGUA PORTUGUESA»
pelo Rádio Clube Português
Hoje às 19.45 (Lisboa)
6.ª-Feira, às 23.15 (Miramar)

RELATÓRIO DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA

A afirmação do dr. Robert Gastrow, do Instituto de Estudos Espaciais Goddard, nos Estados Unidos, de que as pégadas do primeiro homem na Lua durarão um milhão de anos, serve de tema ao filme que hoje se apresenta em «Relatório da Ciência e da Técnica», onde se verão fotografias tiradas pelos astronautas durante recentes voos a pouca distancia da Lua.

Outro filme de grande interesse é o que se exibe depois do já referido e ocupa-se da descoberta de petróleo no Alasca.

As perfurações com diamantes e a recuperação dos metais são outros assuntos também de grande importancia que serão tratados em «Relatório da Ciência e da Técnica», que se transmite pelas 19 e 45.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: Abertura; 19 e 2: Série Juvenil — «O Bom Gigante»; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Relatório da Ciência e da Técnica; 20 e 10: Momento Desportivo; 20 e 30: Portugal Africano; 21: Telejornal; 21 e 35: Imagens da Poesia Europeia; 21 e 55: Zip-Zip; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 45: Fecho

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Folhetim — «Sebastião entre os Homens» 21 e 55: Fados, com Lídia Ribeiro; 22 e 15: «Ladrão precisa-se»; 23 e 10: Grande Plano; 23 e 30: Fecho

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura; 19 e 2: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Desenhos Animados; 20 e 15: Expedição; 20 e 40: Se Bem me lembro; 21: Telejornal; 21 e 35: «Big Valley»; 22 e 35: TV Mundo; 23 e 30: Marcha do Mundo e Fecho.

I Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Viagens sem passaporte; 21 e 55: Concerto para jovens; 22 e 40: Cronica; 23 e 5: Honey West»; 23 e 30: Fecho

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 5: Que quer ouvir?; 16 e 30: Programa da tarde; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 17 e 45: Quinze minutos com Beatriz de Sousa Santos; 18 e 5: Novos ritmos; 18 e 20: Tempo de juventude, por Odette de Saint-Maurice; 19 e 45: Rádio Rural — Música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias do passado; 20 e 40: 19.º e último episódio do Folhetim «A Mão e a Luva»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Música ligeira; 21 e 40: Vamos ouvir o acordeonista Tino Costa; 22: A Ciência ao serviço do Homem, pelo dr. António Manuel Baptista; 22 e 20: A orquestra Ligeira da Emissora Nacional; 22 e 40: Conjuntos ligeiros; 23 e 5: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 17 e 30: O compositor interpretando a sua obra; 18 e 30: Crítica de Teatro, pelo dr. Duarte Ivo Cruz; 18 e 40: Música de tecla — obras de Bach e Janacek, por Myra Hess e Lamar Growson; 19: Crítica literária, pelo padre João Maia; 19 e 10: Semanário musical; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música de piano; 20 e 30: Música sacra; 21: Recital pelo duo de violino e piano Vasco Barbosa-Grazi Barbosa; 21 e 41: Música sinfónica.

VOZ DO OCIDENTE — 397 m 755 kc/s — Às 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (cultural MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Seis canções de Strauss, pelo soprano Anelies Kupper. Ao piano Hans Altmann; 23 e 15: Parte de um concerto pelo quinteto de soprano da Rádio Sudoeste da Alemanha — num programa cedido pelo Instituto Alemão; 0 h: Cantatas; 1: Fecho.

Emissão esteriofónica — MF 2 de Lisboa (94,3 mc/s.), Porto (92,5 mc/s), Lousã (89,3 mc/s) e Monchique (91,5 mc/s) — Das 21 ás 23: Música ligeira; Música sinfónica; Música coral; Solos.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 12: 1.º disco; 19 e 15: Meridiano zero; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 19 45: Lingua portuguesa, pelo professor Vasco Botelho de Amaral; 20: Hoje convidámos...; 20 e 7: Selecção; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Isto é Brasil; 21 e 3: Alegria no trabalho; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Grande roda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 4: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 21 e 2: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Em órbita dois; 1 e 3: Banda sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 17: ...dirige o ritmo; 19 e 30: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia-a-dia; 21 e 5: Diálogo; 21 e 10: Só-rádio; 21 e 30: Rádio Piacard; 21 e 45: Música tradicional e palestra religiosa; 22 e 3: O Santo; 22 e 15: Música tradicional e palestra religiosa; 22 e 30: Presença Coimbrã; 23 e 4: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Música seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — Às 16. Radiorama; 18: Melodias; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 30: Página 1; 21: Os novos emissores em marcha; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 11 ás 17; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 11 e das 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2.

PORTUGAL AFRICANO

Cerca das 20 e 30, será transmitido novo programa da série «Portugal Africano», em que serão focados alguns aspectos das províncias ultramarinas.

ZIP-ZIP

Mais um Zip-Zip vamos ter em nossas casas a partir das 22 horas.

Expectativa em redor do programa de hoje. Entre as figuras que desfilaram no palco do Villaret, salienta-se a cavaleira americana Edith Evans, a tal senhora que está na origem da demissão do cavaleiro Manuel Conde de presidente do Sindicato dos Toureiros e que foi entrevistado há precisamente oito dias, também no Zip-Zip.

canal da crítica

É ASSIM A PEDAGOGIA DO ESGOTO

Fiquei simplesmente apavorado com o argumento de Kimba, o leãozinho branco, filme dedicado às crianças. Tenho ainda nos olhos as imagens tenebrosas do Kimba a combater com o monstro que vive nos canos de esgotos de Paris para fugir aos seres humanos, seus inimigos mortais.

É basto evidente: fiquei amedrontado porque não sou criança, os adultos são uns medricas, puff! As crianças, essas, perderão o sono com estas monstruosidades, terão pesadelos, ficarão instáveis, enervadas, mas isso não quer dizer pescoço. Hão-de pagar caro — ai hão-de! — o facto de serem crianças e indefesas. E depois, sim, depois as crianças vejam lá se se queixam. E se não se queixam é porque gostam, estão contentes, etc.

Pois, como ia dizendo, fiquei tão sobressaltado com o monstro dos esgotos de Paris que me afastei cheio de gómitos do receptor. Quando regressei ao meu posto, já por lá se falava há muito e infelizmente devo ter perdido alguns pormenores de muito interesse.

FALOU-SE DE TURISMO

Tratava-se, como ao diante vim a saber, de uma *mesa-redonda* constituída para uma troca de impressões sobre o curso luso-espanhol. De hotelaria, creio.

Integravam a *mesa-redonda* Alexandre de Almeida, Manuel Orey, Serras Pereira e Felner da Costa. Como perguntador, por doença de Artur Agostinho, Jorge Alves.

Merecia transcrição quase integral a actividade, na rubrica, daqueles elementos. Mas, para onde eu quero chegar, isso chega a ser insignificante. Importa antes de mais nada sublinhar o carácter de autêntica mesa-redonda que a rubrica assumiu. Nada de guiões, de intervenções, de palestras. Aconteceu diálogo, discussão, controvérsia, naturalidade. Estivemos longe do amen-mania de outras redondezas de mesa organizadas na Televisão. O assunto, ameaçado de aridez, tornou-se, pelo contrário um ensaio de utilidade, de proveito e de interesse para o grande publico.

Destacarei, como de grande influência no interesse desta *mesa-redonda*, o nome de Manuel Orey. Para além do domínio completo do campo de visão, soube sempre exprimir-se com facilidade, com total abandono de poses e palavreado pernóstico.

De qualquer modo, há que ponderar sèriamente na sua sugestão para a criação de uma cooperativa de fornecimento de hotéis; há que ponderar na gravidade de uma exploração hoteleira, como a que se processa no Algarve, a efectuar-se apenas nos meses de Verão; há que recordar, como norma de acção turística, a sua afirmação de que é ingente darmos ao turista mais alguma coisa do que sol e cordialidade...

No final, Jorge Alves estava de uma alegria quase infantil. Tudo lhe correra bem, houvera animação — e o seu trabalho ficara assim extremamente facilitado.

AO SERÃO

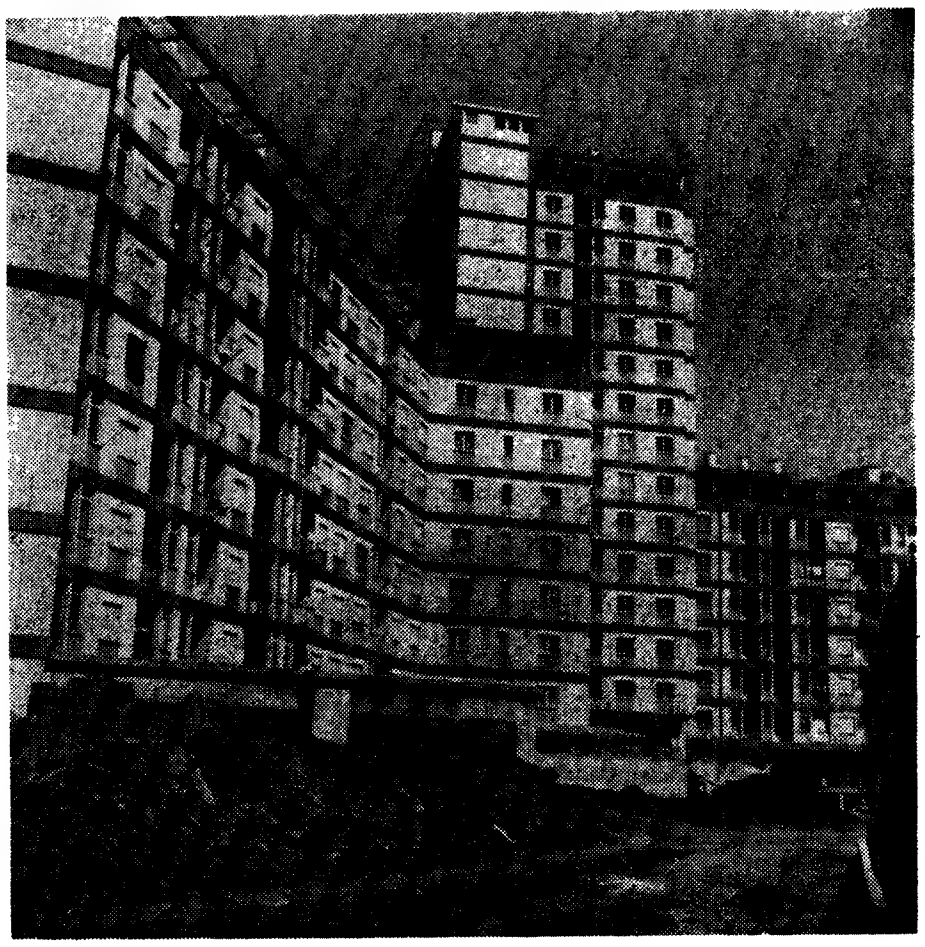
O serão teve a servi-lo um curioso filme sobre a Sicília e mais uma fita do chefe Ironside.

«A Sicília de Rosselini» possuía, para além de tudo o mais, a qualidade de se referir constantemente á qualidade humana da ilha. Pessoas, povo da Sicília eis o que não desapareceu um unico instante de diante dos nossos olhos. As próprias pedras, as paisagens, os monumentos marcavam-se como referências pessoais, populares. Por detrás da camara de filmar, o amor da terra. Amor que não prescinde da crítica, da observação afiada. Antes pelo contrário. Fica-se a pensar, a sonhar com o tempo em que os nossos artistas, os nossos cineastas, irão por esse Portugal fora proceder ao retrato da nossa terra. Mas retrato em corpo inteiro.

Depois foi, como se sabe, o Ironside. Assim: Eva, da equipa do chefe, apaixona-se por um jornalista de quem se desconfia pertencer a uma quadrilha. Ele também desconfia. Não, ali não, é rapaz sério viu-se depois. Eva, porém, desmancha o quase noivado por chegar á conclusão de que, se o amasse, procuraria ilibá-lo...

Estranha forma de amor que de tal modo se confunde com a cumplicidade, com a subordinação total, com a despersonalização... Eis o esquema de amor que o «american way of life» propõe ao consumo mundial através de uma série considerada «inofensiva» cujo unico objectivo é entreter, etc., etc. Como se alguém se entretivesse a apodrecer...

3.ª FASE DA REBOLEIRA



VISTA PARCIAL DA REBOLEIRA

Iniciada a 3.ª fase

J. PIMENTA, S. A. R. L.

oferece-lhe as garantias de sempre, dentro de uma melhor e maior gama de Apartamentos Mobilados

180 Contos rendem-lhe 1.125$00 Mensais

200 Contos rendem-lhe 1.250$00 Mensais

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Apartamentos em exposição: REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO DE ARCOS (Espargal), CASCAIS (por detrás do Hotel Baía).

PROPRIEDADES A VENDA EM: REBOLEIRA, AMADORA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, PAREDE, CASCAIS E LISBOA

LISBOA: R. Conde Redondo, 53, 4.º-Esq.—Tel. 45843/47843
QUELUZ: R. D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Tel. 93 36 70

«OPERAÇÃO SAUDADE»

No âmbito da «Operação Saudade», promovida pelo Movimento Nacional Feminino, chegaram à Metrópole mais os seguintes militares: alferes miliciano Martinho Ferreira da Silva, de Espinho, Mortágua; furrieis milicianos António José Maneiros dos Reis, de Silves, e Joaquim Ferreira Fernandes, de Aveiro; 1.os cabos Francisco Joaquim dos Santos Teixeira, de Coimbrões, Vila Nova de Gaia, Joaquim da Silva Couto, de Vila Nova de Gaia, e Virgílio Carvalho Godinho, de Carnide, Coimbra; e soldados Fernando Amaral Barrocas, do Barreiro, Albertino da Silva Ferreira, de Barca-Maia, Jacinto Albuquerque Ferreira, de Vila das Aves — Santo Tirso, e Cílio Gonçalves Medeiros, de Granja-Boticas.

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

BEDFORD
ESPECIALISTA DE TRANSPORTES

tem algum problema de transportes

na aquisição de um camião novo
na substituição do que tem em serviço
na redução do custo dos seus transportes
na organização de uma nova secção de transportes

consulte o nosso especialista pelo ☎ 58111

SOREL
Escritórios e oficinas - Rua Filipe Folque, 12
Oficinas de camiões - Rua D. Luiz I, 28 - LISBOA
CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

BEDFORD O CAMIÃO MAIS DIVULGADO EM PORTUGAL

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua do Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

✝

MAXIME CARLOS MARIA ANTÓNIO VAULTIER

MISSA DE 7. DIA

Christiane Magnez Vaultier, Elisabeth Hèlene Mireille Vaultier Parain, seu marido Michel René Parain e filhos, Anne-Marie Vaultier Mathias, seu marido Marcello Duarte Mathias e filho e mais família, participam que amanhã, dia 30, pelas 12/20 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima (Altar Mor), será rezada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO — TELEF. 48260

MORANGOS E ESPARGOS

Importadores de plantas e garras, lembramos todos agricultores interessados possibilidade de fazerem suas encomendas para virem a ser fornecidos na melhor oportunidade. Possuímos referências das qualidades francesas que distribuímos em todo o País com centenas de milhares unidades vendidas, nalguns casos, apenas a um cliente. Enviamos aos interessados catálogo com indicações do modo de plantar estas muito rentáveis culturas.

MARMOGAL LDA.

Rua Conde Almoster, lote 14-6.º-Esq. LISBOA

JOAQUIM LIBÓRIO VIEIRA

Médico

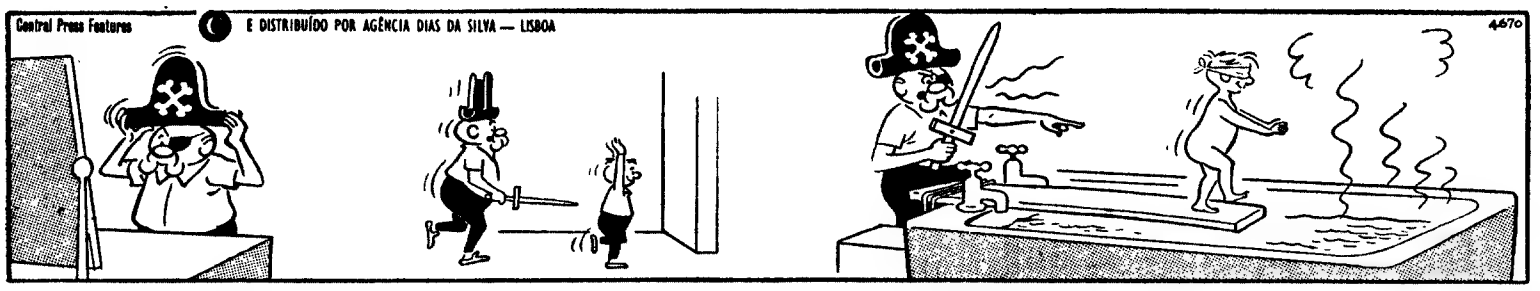
AGRADECIMENTO E MISSA DO 30.º DIA

Sua mulher, filhos, sogra, irmã, cunhados e mais família vem por este ÚNICO MEIO agradecer a todos que se dignaram assistir ao funeral do saudoso extinto ou que de algum modo lhes manifestaram o seu pesar, e participar que a missa do 30.º dia pelo seu eterno descanso se celebra amanhã, dia 30, às 12 horas na Igreja Paroquial de Arcozelo, Gaia, agradecimento que torna extensivo a todos que com a sua presença honrarem este piedoso acto.

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

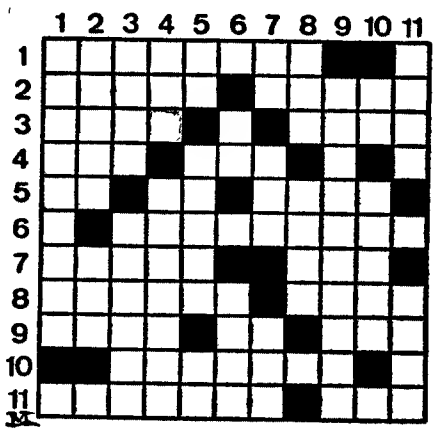
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5313

HORIZONTAIS — 1 — Elevar-se. 2 — Sustenta obstinadamente. Causa. 3 — Provoca. Lavram. 4 — Curso de água. Porém. 5 — Nome de letra grega. O povo português (pop.) Espécie de golfinho, que habita os mares do Norte. 6 — Ajudava. 7 — Cama pobre Decâmetro quadrado. 8 — Prendo. Estampilhe. 9 — Cabo no extremo da serra de Sintra. Nota de música. Negação. 10 — Faças ajustes com outrém para receber ou pagar qualquer quantia ou coisa determinada sobre facto que terceiro decidirá 11 — Retardou. Repercussão

VERTICAIS: 1 — Tomar baixo e grosso. 2 — Macambuzio. Patrão. 3 — Cume. Investir. 4 — Ave pernalta Vinho de má qualidade. 5 — Em a. Tocar. Artigo (pl.). 6 — Ande Dificuldade. 7 — Preposição N ta de musica. Pau-ferro. 8 — Rate. Braços de mar. 9—Natural de Braga 10—Partia. Fruto de aveleira. 11 — Essência imaterial da vida humana. Deus dos ventos.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5312

HORIZONTAIS: 1 — Vês. O. Atar. 2 — Mágico. Ru. 3 — Baralhará. 4 — és. Mofe. 5 — Emitam. Joad. 6 — Ti. AVARENTO. 7 — Hormona. Sob. 8 — Os. Asso. 9 — Vespa. Pi. Cá 10 — E. O. Eu. Id 11 — NECESSITADO

VERTICAIS: 1 — Beethoven 2 — Em. Miose. 3 — Sabei. Sic. 4 — GASTAM. 5 — Ir. Avo. Aos. 6 — Oca. Maná. 7 — Olm, Raspei. 8 — Hoje. Siut. 9 — Afonso. 10 — Arreato. Cid. 11 — Rud. DOBRADO.

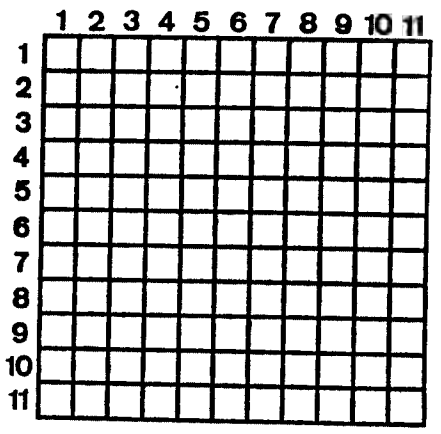
(Provérbio: O AVARENTO E O NECESSITADO (GASTAM DOBRADO.)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9156

HORIZONTAIS: 1 — Cidade da Checoslováquia. Antiga cidade da Polónia. 2 — Espécie de forragem (Bras.). Freguesia do concelho de Coimbra 3 — Sufixo que designa estado. Osso do braço. Em a. 4 — Sustento. Para barlavento. Empunhei. 5 — Género de gorgulhos tropicais. Antepassados. 6 — Remo para trás. Genro de Maomé. 7 — Nome de frutos. Pronoma demonstrativo. 8 — Conjunção. Constrói. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. 9 — Segundo. Crisol (pl.). Post scriptum (abrev.). 10 — Estreito. Vagalhão 11 — Empunhara. Limpa com areia

VERTICAIS: 1 — Os soldados Exclusiva 2 — Espécie de andorinha. Veios de água. 3 — Bario (s. q.). Avaliam. Níquel (s. q.). 4 — Organização das Nações Unidas (abrev.). Fecho as asas para descer mais depressa. (Inv.º). Igual. 5 — A folhagem das plantas. Oficial de justiça (Gir.). 6 — Pronome pessoal. Oceano. 7 — Nome de fruto. Forma antiga de Sara (deserto). 8 — Curso de água natural e abundante. Rio da Prussia Oriental. Ribeira do distrito de Portalegre. 9 — Viração. Comunicação. Vê. 10 — Ave palmípede Cavaleiro turco. 11 — Guarneceis de asas Esmonca.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9155

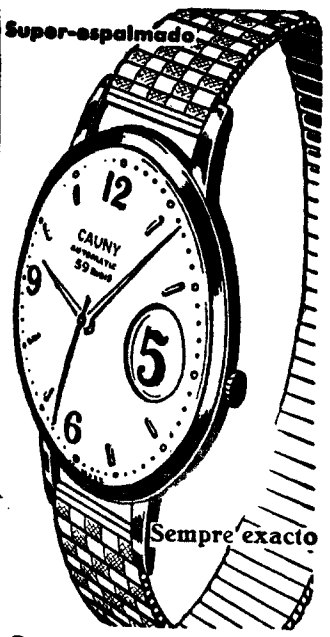
HORIZONTAIS: 1 — David. Alceu. 2 — Im. Riste. Mr. 3 — Val. Ore. Ion. 4 — Aros. Sala. 5 — Satão. Paris. 6 — Mala. Omar. 7 — Disco. 8 — Armião Ordem 9 — Teor Aula 10 — Ami. Aos. Rol. 11 — Oásis. Anosa.

VERTICAIS: 1 — Divas. Latão 2 — Amaram. Rema. 3 — bota. Mois. 4 — Ir. Saldar. 5 — Dio. Oaio. As. 6 — Srs. Dó. 7 — Até. Poço. Sá. 8 — Lê. Samoira, 9 — Iara Duro. 10 — Emolir. Elos. 11 — Unhas. Emala.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Setembro de 1939 publicava:

«**BERLIM**, 29 (Urgente) — A agência oficiosa **D. N. B anuncia que os governos da Russia e da Alemanha resolveram propor á Grã-Bretanha e á França a cessação das hostilidades**»



Calendario Automático
relógios suíços
CAUNY
Garantia total

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 625$00 e 725$00 no caso de não terem vagas nas camaratas com direito a alimentação e reforma e com perspectivas de melhoria

Devem possuir a habilitação da 4 classe e idade compreendida entre os 18 e 34 anos

Resposta a este jornal ao **n.º 349.**

JVC NIVICO
(RCA — VICTOR DO JAPÃO)
QUALIDADE DESDE 1927
ELECTRÓNICA
HI-FI • STEREO • GRAVADORES
RÁDIOS • TV • DISCOS • CASSETES

D. Amélia Maria Xavier de Lima

MISSA DO 30.º DIA

ANTÓNIO XAVIER DE LIMA e mais família participam que mandam celebrar missa do 30.º dia, pelo eterno descanso da sua alma, amanhã dia 30, às 9 horas, na Igreja da Quinta do Anjo — Palmela e às 19 horas na Igreja da Freguesia de Arrentela — Seixal.

Agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

Veja o seu DATSUN

É claro que V. preferia estar a conduzi-lo pelas nossas estradas.
E não admira: V. é um fiel admirador deste magnífico automóvel.
Por isso aguarda ansiosamente a oportunidade de ser um dos felizes clientes que todos os dias recebem o seu DATSUN.
Todos os dias entregamos muitos mas não são o suficiente. Nós sabemos. Há exactamente um ano que distribuímos DATSUN mas ainda não pudemos satisfazer todos os pedidos.
Porque o DATSUN é o carro sonhado de muita gente. A nossa produção aumenta e os nossos clientes também. No dia em que V. guiar o seu próprio DATSUN compreenderá porque é que tantas pessoas não se importam de esperar.
Porque nenhum outro automóvel do género oferece tanto em elegância, em comodidade, em qualidade, em segurança por tão baixo custo.
E com o DATSUN não há problemas de assistência técnica. Tem o apoio de uma empresa de grande dimensão. E, em breve, instalações que serão das maiores e melhores de todo o País. Onde o seu DATSUN continuará a receber completa e perfeita assistência.

DATSUN

ENTREPOSTO
NOVA DIMENSÃO NO MERCADO AUTOMÓVEL

NISSAN MOTOR CO., LTD.

ENTREPOSTO COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS S.A.R.L.
Av. Duarte Pacheco, 21-A — Telef. 68 11 10/97/8 — Lisboa 3
Oficinas: Praceta Projectada à Estr. de Benfica (ao J. Zoológico)

REDE DE CONCESSIONÁRIOS

VIANA DO CASTELO — Assistência — Garagem Nova — Av. Rocha Páris, 146
BRAGA — Filial RÓTOR — Rua Eng. Arantes Oliveira, 442 — Assistência — Auto Central de Braga, Lda. — Av. João XXI
PORTO — RÓTOR — Sociedade de Comércio e Representações, S. A. R. L. — Rua Alexandre Herculano, 351/367
VISEU — Viseu Industrial, Lda. — Av. 28 de Maio
ÁGUEDA — Auto Beira — Sociedade de Automóveis, S. A. R. L. — Borralha
COIMBRA — Coimbra Auto, de Brinca e Morais Lda. — Rua do Arnado 19-21-23
FUNDÃO — Indústrias do Fundão, Lda.
CASTELO BRANCO — Garagem da Beira — Rua de Santo António, 1 a 13
LEIRIA — Auto Metalúrgica de Nicolau Mateus e Filhos, Lda. — Rua de Santo António
PORTALEGRE — Elias e Gabrielsky, Lda. — Rua Guilherme Pinheiro, 28
SANTARÉM — C. Cristo, Lda. — Av. D. Afonso Henriques, 97
SETÚBAL — Tecnisado, Lda. — Av. Duarte Pacheco, Lote 2
FARO — Barradas, Pontes e Lança, Lda. — Rua General Teófilo da Trindade, 9-11
MADEIRA-FUNCHAL — Auto-Comercial Central do Funchal — Rua do Hospital Velho, 19
ÉVORA — Barradas e Cândido Colaço, Lda. — Praça Joaquim António de Aguiar, 30-31
VILA REAL — Álvaro Teixeira Serra — Praça General Silveira — Chaves

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
EM 3.ª SEMANA
Um novo filme de
CLAUDE LELOUCH
VIVER, AMAR MORRER
com Amidau — Caroline Cellier

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme de FRANCESCO MASSELI segundo o romance de ALBERTO MORAVIA
OS INDIFERENTES
c/ Claudia Cardinale, Rod Steiger e Shelley Winters

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
As 15.45, 18.30 e 21.45
CLAUDIA CARDINALE e ROD STEIGER em
OS INDIFERENTES

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
O mais discutido filme de Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
c/ Claude Rich Olga Georges-Picot

EUROPA
(Adultos) Tel 661016
Às 15.15 e 21.30
BARBRA STREISAND e OMAR SHARIFF em
FUNNY GIRL
(Uma rapariga endiabrada)

LIDO
Praça D João I — AMADORA
Às 21.30 (M 17 anos)
O inesquecível filme de maior sucesso mundial
DOUTOR JIVAGO
Maravilhoso espectáculo em 70 mm

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
Um filme extraordinário de interesse e realismo
A CHAMADA
c/ Catherine Deneuve e Michel Piccoli

CHIADO TERRASSE
(M 17 anos) As 15 e 21 h.
A RAPOSA
GOLPE SOBRE GOLPE

CONDES
(Adultos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Em 2.ª SEMANA
OS COMEDIANTES
70 mm
Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guiness e Peter Ustinov
(Ar condicionado)

MONUMENTAL
(M 17 anos) Tel 555131
em 2 SEMANA
Às 15.15, 18.15 e 21.30
a mais bizarra concepção de sexo na era do espaço
BARBARELLA
com Jane Fonda e Ugo Tognazzi

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite
UM ESPECTÁCULO DE GARGALHADA SEM FIM!
O GENDARME CASA-SE
com LOUIS DE FUNÈS

EDEN
(M. 6 anos) Tel. 820768
Às 15.15 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Veja anúncio especial
O extraordinário filme de WALT DISNEY
O LIVRO DA SELVA

AVIS
(M 6 anos) Tel 47163
As 15.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Uma sensacional comédia
O ÁS DO PEDAL
com Bourvil
Franscope — Eastmancolor
Autorizado para maiores de 6 anos á tarde e á noite

ROMA
(Adultos) Tel 727778
Às 15.30 e 21.45
Uma novela de Graham Greene
OS COMEDIANTES
com Richard Burton, Elisabeth Taylor, Alec Guinness e Peter Ustinov
70 m/m PANAVISION ALETROCOLOR

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e ás 21.30
CAMINHO PERDIDO

VOX
(M. 21 anos) Tel. 728808
As 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA
DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade) comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO: É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja dúvida na avaliação da idade.

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
A última obra de CLAUDE CHABROL
A MULHER INFIEL
com Stephan Audran, Michel Bouquet e Maurice Ronet

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 h
OPERAÇÃO RID BROTHER
ESCADA ACIMA, ESCADA ABAIXO

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 32 63 05
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
EM GRANDE ÊXITO
Um filme de acção explosiva
COMISSÁRIO X 3 PANTERAS AZUIS
com Tony Kendall e Brad Harris
Mais aventuras... Mais mulheres... Mais acção .. Mais «suspense»...
Eastmancolor

ODEON
(Adultos) Tel 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
SÓ HOJE E AMANHÃ
O FILME DE MISTÉRIO
PASSAPORTE PARA A MORTE
com Tom Tryon (o famoso protagonista de «O Cardeal»)
e Lorenza Guerrieri
Tecniscope — Eastmancolor

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(O Medico Della Mutua)
com Alberto Sordi, Bue Valoxi e Evelyn Stewart
AR CONDICIONADO

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 h.
A PARTILHA
A RAPARIGA E O GENERAL

Logan's
Scotch Whisky de luxe
of White Horse

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA
RUA DO BONJARDIM, 420 — PORTO
J. A. DA COSTA PINA, LDA.
RUA DO ALECRIM, 73 — LISBOA

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: «Grande Companhia Internacional».

TEATROS
TRINDADE — Às 21 e 30: «Silva Vicentina» (12 anos).
A B C — Às 20 e 45 ás 23 h.: «Ena, já fala» (17 anos).

CINEMAS
JARDIM — Às 21: «Dançando o Srilanki» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21 h.: «Missão mortal» (17 anos).
PARIS — Às 21: «A Pequena Paródia» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21 h.: Um lugar chamado pólvora» (12 anos).
CINEARTE — Às 21 h.: Vingança ao amanhecer» (17 anos).
IDEAL — Às 21 h.: «O homem que ri» (17 anos).

● Linha de Sintra
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Sal e pimenta» (17 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «Quando digo que te amo» (12 anos).

● Linha de Cascais
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Caminho perigoso» (17 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Mulheres perigosas» (17 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «As Sandálias do pescador» (12 anos).

COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Tarzan encontra um filho» e «Serenata à chuva» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Manda-me depressa que tenho frio» (17 anos).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno M
(Ver pelos carros das mediações e telefones entre parênteses)
ALCÂNTARA — Probidade, R de Alcântara, 15-A-B (638589).
AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 70 (6373 8)
ALTO DO PINA — Eusil, R Barão Sabrosa, 104 (841912)
ALVALADE — Rainha Santo, Rua Af Lopes Vieira, 57-B (765262) e Alentejo, Av do Igreja, 28-B (7 2682)
ANJOS — Guerra, Rua Andrade, 32-36 (845513)
AREEIRO — Belo, Av de Roma, 53-A (776314) e Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 76-B (725859) e Central do Areeiro, Av Paris, 2 e (720820).
AVENIDAS NOVAS — Santo Maria, Av 5 de Outubro, 283-A (763016) e Cardoso, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B e C (772291) e Saldanha, Av Praia da Vitória, 53-55 (43938).
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (44000)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 41 (3 216).
BAIXA — Frazão, R. dos Portas de St.º Antão, 72 (328180) e Durão, R Garret, 90-92 (324 66)
BENFICA — Marques, E de Benfica, 648 (700096) e Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) e S. João, Est. da Luz, 24-A (783 79)
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206) — Almeida, R Silva Carvalho, 36 (681726)
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) e Rualte, Lda., Rua do Alto do Carvalhão, 5-A-5-B (651721).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969).
CHILE — Lab.º do Brasil, R Alves Torgo, 29-31 (46843).
CONDE BARÃO — Lys, R do Esperança, (17-19 (6609 3)
CONDE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (45048).
ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 130 (660339)
GRAÇA — Anunciada, R do Vigário, 74 (856360) e Progressiva, Rua St.º Marinha 8 (8636 9).
LUMIAR — Patutela, Herdeiros, R do Lumiar, 22-24 (790832)
OLIVAIS — Fernandes Borges, R. C, 3, Lote 300 (3 09) e Central dos Olivais, Rua Alferes Barilaro, Ruas 7-C, Olivais-Norte (315539)
PALHAVÃ — Curie, Av Madame Curie, 5-A (778439)
PAMPULHA — Infante Santo, R. do Olival, 290 (661003).
PATRIARCAL — Cunha, Rua do Escola Politécnica, 6 (32545)
PEDROUÇOS — Restelo, R Duarte Pacheco Pereira 1-C — (610741).
PENHA DE FRANÇA — Dimes, Rua Conde de Monsaraz 17-B (842533)
PICHELEIRA — Mariuz, Calç da Picheleira 40-B-C (720703) e 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua do Beneficência, 91 (773728)
SANTO AMARO — St.º Amaro, Rua F Elísio, 29-A-B (637070).
SÃO PAULO — Ultramarina, Rua de S Paulo, 0 (32 77)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grilo, R. do Grilo, 25 e Alves de Carvalho, Rua do Vale de St.º António, 1-9 (840125) 48-A (251234)
MOSCAVIDE — Varela — Av.ª de Moscavide, 44 (Tel 25185201 e Império — R de Olivença,

● Linha de Cascais
ALGÉS — Nita — Av Combatentes G Guerra, 64 (Tel 212070)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (24 28 39)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenida Patrão Lopes, 4 (2432039).
OEIRAS — Central — R João Teixeira Simões, 18 (Tel 2430058).
PAREDE — Brandão, Av.ª da República, 11-C (247 054)
ESTORIL — S João — S. João do Estoril (Tel 261 86)
MONTE ESTORIL — Suiça, Cruzeiro (260087).
CASCAIS — Cordeiro — Av Comb. G. Guerra 40 (Tel 280170-281419); Nova — Estrada de Alvide—Fontainhas (T 281044).

● Linha de Sintra
AMADORA — Dias, Av Marquês de Pombal, Lote 9 (934589) e Campos, R Elias Garcia, 85 (930072) e Clobel, R António Sardinha, 23-D (938551)
DAMAIA — Confiança — Est Militar, Lote D (Tel. 971028).
QUELUZ — Correia, L do Mercado, 3 (950905) e «Zeller, R. da República, 83 (950045).
CACEM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).
SINTRA — Marrazes (Estefânia) L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058).
VENDA NOVA — Nova — R Elias Garcia, 0 (Tel 933920)
COLARES — Abrejo (299086)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge 5 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av.ª do Bela Rosa, 8 (Tel 224250).
ALMADA — Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (270076)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 11 8 (224 4
BARREIRO — Central — Av Alfredo da Silva, 48 (T 2273207).
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, L 5 de Outubro 62 270121)
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Moderna, Rua Bulhão Pato 60 (230 56)
SESIMBRA — Leão — Av.ª Salazar (Tel 229471)
SETÚBAL — Costa — Largo da Misericórdia (Tel 22760) Brasil — P do Brasil (Tel 24788).
SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho, 38 (Tel 22 8560

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861353 ✻ Companhias Reunidas, 537011 ✻ Gazcidla 538821 ✻ Gazcidla idem e feriados, 382069

BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✻ Voluntários, 538524

POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✻ Segurança Pública, 866141 ✻ Judiciária, 535380 ✻ Marítima, 326456 ✻ Internacional, 362721 ✻ Viação e Trânsito, 42205 ✻ G.N.R. (área rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✻ Enfermagem permanente, 766161 ✻ Enfermagem de urgência, 43738 ✻ Hospital de Santa Maria, 775171 ✻ Hospital de S. José, 860131 ✻ Sangue, oxigénio e soros, 771168 ✻ 771169 ✻ Transfusões, soros ✻ oxigénio, 538524 ✻ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✻ Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ✻ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✻ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✻ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✻ Estação Marítima de Rocha, 672445 ✻ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
ARROZ DE FRANGO À MINHOTA
QUARTA-FEIRA
FEIJÃO COM ENTRECOSTO
Av. Praia da Vitória, 50-E (Junto do Monumental)
Telef 536080

POPFADO
(M. 17 anos)
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
AMANHÃ
ABERTURA DE
BAR E DA BOITE,
COM O CONJUNTO DE HÉLDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

restaurante arameiro RIA
LISBOA
(Restauradores)
Trav. St.º Antão, 21
— AR CONDICIONADO —
Aberto até ás 3 horas

TARANTELA
RESTAURANTE ✻ SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535208
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

NOVO RESTAURANTE SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
António
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
ENCERRADO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.ªs-feiras)
(Maiores de 15 anos)

APÓS AS REFEIÇÕES — **CHAVE D'OURO** — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Na voz de uma negrita de 15 anos

«Cantiga por Luciana» venceu o Festival do Rio

RIO DE JANEIRO, 29 — («Telex» do nosso enviado especial, Neves de Sousa) — **Terminaram no Maracanãzinho as jornadas do Festival Nacional do Rio. A vitória coube á composição intitulada «Cantiga por Luciana», com letra de Paulinho Tapajós, de 24 anos, vencedor de festivais universitários, filho de maestro e autor de vanguarda. A música pertence a Edmundo Souto, de 27 anos, nascido em Belém, que cursa Arquitectura e é adepto do Flamengo. Trata-se do compositor favorito de Elis Regina, Maria Bethania e Milton Nascimento.**

A parelha vencedora é autora da canção «Rumo Sul», que no Festival de Atenas conquistou o sexto lugar.

A intérprete é uma negrinha de 15 anos, de nome Eva Corrêa, ex-integrante do «Trio Esperança», irmã mais nova dos elementos do conjunto «Golden Boys». «Cantiga por Luciana» representará o Brasil no Festival Internacional da Canção que aqui começa na quinta-feira e termina no domingo.

A letra, muito bela, constitui um preito de saudade a uma garotinha recentemente falecida, cuja mãe desmaiou no Maracanãzinho, no meio de um indescritível Carnaval, em que participaram 50 mil pessoas.

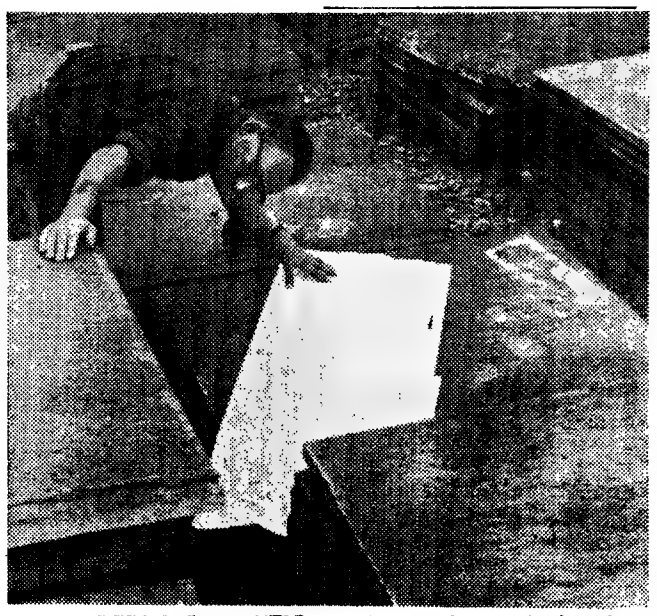
O prémio para cada um dos autores é de 210 contos portugueses. A intérprete receberá 70 contos.

Outras distinções: Cláudia foi considerada a melhor intérprete e Eva a revelação feminina.

A fadista portuguesa Maria Valejo cantará em quinto lugar na quinta-feira, depois da Alemanha e antes do Líbano. Está confiante e a sua fotografia tem vindo publicada nas primeiras páginas de todos os jornais. Com um «biquini» arrojado, Valejo tem sido o modelo favorito dos fotógrafos, sucedendo-se as entrevistas à Rádio e à TV. Beatriz Costa tem constituído o seu melhor apoio moral.

Amália será substituida por Julie London. Maria Valejo ocupa um quarto ao lado de Jane Fonda (sem Vadim) no Hotel Glória, onde nos encontramos hospedados. Entretanto, o Turismo Português e a nossa Embaixada têm ignorado a presença da artista portuguesa. Joaquim Saraiva prepara no seu restaurante, «Lisboa à Noite», a «claque» de Valejo.

- **O FESTIVAL INTERNACIONAL (MAIS DE 20 PAÍSES) COMEÇA NA QUINTA-FEIRA**
- **MARIA VALEJO («BIQUINI» ARROJADO) TEM «CLAQUE» GARANTIDA**



O MODERNO E O ANTIGO — Estas pedras laminadas vão seguir para Francfort, onde revestirão a fachada de um moderno edifício comercial. O exportador (inglês) tem sido assediado com encomendas, já que as suas pedras — de formação ordoviciana e portanto com uma idade calculada entre 400 e 500 milhões de anos! — são praticamente indestrutíveis

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado a encoberto e o vento era fraco, por influência de uma depressão centrada a sudoeste do Algarve. Chovia na costa.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Anadia, 30°; mínima: Montalegre, 9°,4.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 20°; Coimbra e Faro, 22°; Lisboa, 19°; Penhas Douradas, 6°; e Portalegre e Funchal, 21°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Continuação do tempo instável, com aguaceiros e possibilidade de trovoadas, principalmente nas regiões do Centro e Sul.

Amanhã
Nascer ás 7 e 31
Ocaso ás 19 e 21

Dia 3 Dia 11 Dia 18 Dia 25

MARÉS

PREIA-MAR: Dia 29 — 6 e 17 (4,1 m); 18 e 40 (4,0 m). Dia 30 — 6 e 54 (3,9 m); 19 e 19 (3,7 m). Dia 1 — 7 e 33 (3,7 m); 20 e 01 (3,4 m). BAIXA-MAR: Dia 29 — 12 (1 m); Dia 30 — 0 e 15 (1,1 m); 12 e 33 (1,2 m). Dia 1 — 0 e 47 (1,4 m); 13 e 12 (1,5 m).

DEPURAÇÃO EM PRAGA

(Continuação da 1.ª página)

leiras do movimento de liberalização e trouxe de novo homens pró-Moscovo para o Governo da Checoslováquia.

Saíram os reformistas e apareceram os homens da linha dura. Contudo, nem todas as caras são novas. Algumas eram já conhecidas durante a era da linha dura de Antonin Novotny, o predecessor de Dubcek como chefe do Partido.

Hoje Dubcek tinha multissimo de um ídolo caído. «Vimos que isso ia acontecer», disse um transeunte checo, com um triste encolher de ombros, ao ser conhecida a notícia da sua queda final.

A Comissão Central do Partido Comunista demitiu-o do seu lugar no «Praesidium» governamental e ordenou que deputados do Partido o expulsassem do cargo de presidente da Assembleia Federal. Dubcek perde a chefia do Partido em Abril último.

Ao mesmo tempo, a comissão seguiu a orientação do novo chefe autoritário do Partido, Gustav Husak, ao colocar o selo de aprovação na ocupação, afirmando que ela defendera a Checoslováquia contra a contra-revolução.

Isso deu o golpe final á posição de Dubcek de que não existira qualquer contra-revolução para justificar uma invasão.

Entretanto, a luta pelo poder no seio da hierarquia do Partido, por causa da sorte de Dubcek, parece ter deixado Husak como vencedor, embora tivesse de fazer concessões á ala dos ultraconservadores. Poupou, porém, ao sempre popular Dubcek a ignomínia da expulsão da Comissão Central.

O dr. Husak assumiu uma atitude moderada quanto a Dubcek, mas deu ao Partido pulso livre para tratar da eliminação final do seu mais íntimo colaborador dele — Josef Smrkovsky.

Smrkovsky foi expulso da Comissão Central e perderá o seu cargo como presidente da Camara do Povo do Parlamento e como deputado comunista.

Banana para Lisboa

CIDADE DA PRAIA, 29 — (A.N.I.) — Mais 500 contos vão ser concedidos, como empréstimo, pela Caixa de Crédito Agro-Pecuário de Cabo Verde, aos produtores de banana desta província, com vista á ampliação das suas áreas de produção, de forma a que se possa exportar habitualmente para Lisboa e outros mercados.

SALORA

PREMIADO COM MEDALHA DE OURO
SALORA
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE TOTALMENTE FABRICADO E MONTADO NA FINLÂNDIA.
- COM VHF E UHF
- MELHOR IMAGEM
- MELHOR SOM
- TÉCNICA AVANÇADA
- QUALIDADE EXCEPCIONAL

Á VENDA NAS BOAS LOJAS
representante exclusivo:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
R. ANTONIO ENES, 20 1º TEL 535057 - LISBOA
R. DR. ALFREDO DE MAGALHAES, 99 - PORTO

A «NOIVINHA DA PAVUNA» («ESPECIALISTA» EM JUNQUEIRO) CHEGOU HOJE A LISBOA

A «noivinha da Pavuna» chegou esta manhã ao aeroporto de Lisboa, vinda do Rio de Janeiro, para passar duas semanas em Portugal, graças ao prémio que conquistou num concurso da TV-Lupi sobre a vida e a obra de Guerra Junqueiro.

É longa a história do concurso a que a jovem Leni Orsida concorreu apenas porque um dos prémios era um vestido de noiva e ela, com o casamento á vista, não podia comprá-lo. Durante dois meses leu cerca de 200 volumes da bibliografia de Junqueiro e até a pergunta mais difícil (mencionar 72 nomes de autores que escreveram sobre o poeta de Freixo de Espada á Cinta) foi muito fácil.

O concurso deu-lhe prémios no total de 700 contos, além de duas casas e uma viagem a Portugal e a Itália. Entretanto, a «noivinha da Pavuna» (do nome do bairro onde morava) casou e seu marido, Silvério Varela, acompanha-a na viagem.

Leni Orsida Varel. estará duas semanas em Portugal, deslocando-se ao Norte a convite da filha de Guerra Junqueiro. Depois, partirá para Itália, que é a pátria dos seus antepassados.

O casal português com mais filhos radicado no Brasil

O Chefe do Estado recebeu, esta tarde, no Palácio Nacional de Belém, o casal português com mais filhos radicado no Brasil. Trata-se do sr. António Carneiro e esposa.

Raul Solnado rejeita a hipótese do Zip-Zip no Brasil ou na Venezuela

O actor Raul Solnado rejeitou, esta manhã, a hipótese do programa Zip-Zip ser apresentado na Televisão do Brasil ou da Venezuela, como o deu a entender num dos ultimos numeros do jornal «Voz de Portugal», que se publica em Caracas.

«*Zip-Zip* — escreve aquele semanário — *está em órbita, numa órbita que poderá trazê-lo á Venezuela e ao Brasil, ás redes de Televisão ou ao Cinema, especialmente dedicado ás comunidades portuguesas.*»

«*Não tem qualquer fundamento essa notícia*», afirmou Solnado, acrescentando serem já muitas as dificuldades para produzir o programa em Portugal, «*quanto mais na Venezuela ou no Brasil.*»

Segundo o mesmo jornal, os seus directores tencionam publicar em breve uma entrevista com Raul Solnado, «*um cómico que é bom em qualquer parte*».

O arcebispo de Madrid pede que se reconheçam «as legítimas aspirações dos seres humanos»

MADRID, 29 — (A. N. I.) — Um arcebispo espanhol publicou uma carta pastoral em que pede ao Governo espanhol e aos líderes económicos que «reconheçam as legítimas aspirações dos seres humanos».

A carta intitula-se «O Papa falou com os espanhóis» e será publicada no boletim do arcebispado, no dia 1, por mons. Casimiro Morcillo, arcebispo de Madrid.

Trata-se de um comentário sobre um discurso do Sumo Pontífice ao colégio dos cardeais, a 23 de Junho.

«DIALOGO PERMANENTE»

«Existem luzes e sombras na nossa vida política e social» — escreve mons. Morcillo, que pede ao Governo que procure criar um «novo organismo para o estudo dos problemas e das tensões» e aponta a necessidade de «um conceito dinâmico do bem comum, através do ideal traçado pelo Concílio Vaticano II».

O arcebispo pede também aos «líderes» económicos que apliquem generosamente as medidas de desenvolvimento económico e que antecipem as leis, de modo a imporem com brevidade uma lei social e económica. Isso dará satisfação social e material aos trabalhadores. O arcebispo apelou também para «um diálogo permanente entre os patrões e os trabalhadores».

RETICÊNCIAS

Mons. Morcillo pôs também algumas reticências a respeito da Concordata de há 16 anos entre o Vaticano e o Governo espanhol, pela qual Franco pode nomear bispos, e afirmou que, no futuro, a Igreja não se deverá identificar tão intimamente com o regime político como até aqui.

Mons. Morcillo já testemunhara pessoalmente este facto, no princípio do ano, quando, sob pressão de alguns elementos da Igreja Católica em Espanha e, possivelmente, do próprio Vaticano, renunciou á sua presença em dois organismos políticos — o Parlamento e o Conselho da Coroa.

REFORMA SOCIAL

«Paulo VI tem manifestado o seu desejo de que as dioceses vazias sejam ocupadas em breve» — escreve Mons. Morcillo.

Existe actualmente um grande número de bispados vazios em Espanha, mas alguns observadores afirmam que o Governo espanhol e o Vaticano não têm conseguido chegar a acordo acerca dos bispos a nomear.

Por fim, mons. Morcillo pede que os padres canalizem os seus esforços para a reforma social das actuais estruturas da Igreja e que «trabalhem em íntima união com os seus bispos».

VINTE CONTOS PARA CADA «TREZE» NO TOTOBOLA

O concurso de ontem do Totobola teve 141 concorrentes (122 na Metrópole, 15 em Angola e 4 em Moçambique) que acertaram nos 13 resultados. Cada um deles ganhou, assim, um prémio de 20 469$40.

Com doze resultados certos apuraram-se 3144 apostadores (2599 na Metrópole, 372 em Angola e 173 em Moçambique), ganhando, cada um, 918$00.

ÉVORA — Primeiro comício eleitoral oposicionista em que se focaram a situação e as reivindicações dos trabalhadores rurais. **(Ler na última pág.)**

REVELADA HOJE NUMA CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

A POSIÇÃO DA C. E. U. D. DE LISBOA SOBRE O PROBLEMA DO ULTRAMAR

A Comissão Eleitoral de Unidade Democrática (C. E. U. D.) de Lisboa tornou público o seguinte documento sobre o problema do Ultramar:

«Na sua recente comunicação ao País o sr. Presidente do Conselho quis deliberada e conscientemente situar como um dos pontos fundamentais a debater pelos candidatos à Assembleia Nacional o problema ultramarino português. O repto lançado à Oposição é claro e inequívoco: nenhum programa político pode ser válido neste momento sem que formule tanto quanto possível em relação ao problema colonial uma linha de actuação, um pensamento coerente, uma finalidade a atingir.

Se efectivamente for levantado o «tabu», S. Ex.ª realiza um louvável acto político. A questão de África não é, não pode ser, uma questão do Governo, seja ele qual for, é uma questão nacional. Nela se empenha a Nação e cada um de nós, e se a sua resolução pertence à comunidade, não se compreende nem se aceita que seja subtraída a um debate público, a um conhecimento aprofundado, a uma consciencialização do Povo, a uma vontade claramente expressa pela opinião pública.

Integralmente assumi-

(Continua na 9.ª pág.)

MESA REDONDA

especial eleições

Missão da Imprensa e seus pressupostos

Mesa-redonda em que intervieram os candidatos José Carlos Megre (C. E. U. D.), José Manuel Tengarrinha (C. D. E.) e Luiza Manoel de Vilhena (C. E. M.)

(NA PÁG. CENTRAL)

AS ELEIÇÕES EM PORTUGAL

De Sidónio ao 28 de Maio

DAVID FERREIRA

Os «momentos» eleitorais provocaram sempre e continuam a provocar discussões, atritos e litígios em todos os países do mundo, como é fácil de verificar através da Imprensa. É muito natural que assim seja: com a aproximação dos actos eleitorais quase todos os cidadãos, orientados geralmente pelas correntes políticas que melhor definem as suas aspirações no sentido de verem resolvidos de determinada maneira os problemas nacionais e modificadas as suas próprias condições de vida, se aprestam imediatamente para a luta. E os detentores do Poder obstinam-se habitualmente em não perder nenhuma das suas posições e em aumentar mesmo as vantagens daí advindas, não hesitando muitas vezes em utilizar os variados meios e recursos que o Poder lhes faculta para aniquilar adversários inermes ou deficientemente apetrechados para as pugnas eleitorais.

Nas repúblicas presidencialistas e naquelas que, embora não rigorosamente caracterizadas como tal, muito se assemelham a elas, a eleição do Presidente da República — simultâneamente Chefe do Governo — reveste-se de importância capital, porquanto, se o chamado primeiro magistrado da Nação exercer de facto a plenitude dos poderes que lhe são conferidos pela Constituição Política do País, será ele realmente quem traçará as linhas fundamentais da futura política nacional. Compreende-se, portanto, fàcilmente que, num país como os Estados Unidos da América do Norte, a eleição do Presidente da República provoque sempre maior frenesi popular do que a eleição dos membros do Congresso (Câmara dos Representantes e Senado), apesar das grandes batalhas a que esta eleição costuma sempre dar azo. De resto, os sistemas eleitorais adoptados diferem bastante entre si naquelas duas formas de eleição.

Quando se trata, porém, de eleições em regimes republicanos de tipo parlamentarista, a eleição do

(Continua na 5.ª pág.)

A Comissão Monárquica afirma-se vítima de arbitrariedades

(Ler na pág. 10)

espelho da imprensa

Os portugueses vão votar?

«Conforme já é do domínio público o Governo marcou a eleição dos deputados que hão-de tomar assento na Assembleia Nacional durante a nova legislatura, para o próximo dia 26 de Outubro. Só é bem de desejar que o acto eleitoral agora anunciado se processe e decorra em moldes que constituam segura garantia de que, em verdade, se vão realizar eleições tal como devem ser e como se efectuam na grande maioria do mundo cujos povos no permanente exercício dos deveres e dos direitos cívicos que lhes são assegurados pela liberdade e pela democracia.»

(...)

«O Estado Novo tem os seus partidários, a sua organização política em permanente actividade. Organização que tem o apoio do Governo, pelo que se não poupa a gastar largas somas. Tirando os monárquicos, que estão organizados na larga medida em que querem, o único partido, o único agrupamento político que dentro da República existe é a União Nacional, onde se enquadra a gente do Governo e que usa uma denominação nada apropriada. Aos democratas, a toda a Oposição republicana, desde 28 de Maio de 1926 que lhes não é permitido terem organizações, com sedes próprias, como têm os monárquicos, sem dúvida os mais contundentes adversários do regime implantado em 5 de Outubro de 1910, onde possam estudar e debater os problemas nacionais. E onde, além disso, tenham em permanente funcionamento a máquina eleitoral, não só para que na hora própria a Nação conheça os seus homens, os melhores valores da Oposição, mas também para que se possa atender, a tempo, a todas as exigências legais que vão desde a elaboração do recenseamento eleitoral, à apresentação das candidaturas e à comparência perante as urnas.

Bem sabe a União Nacional das dificuldades que tem encontrado, apesar do apoio oficial e da força económica de que dispõe.

Desde que aos cidadãos não seja permitido o pleno e permanente exercício de todas as liberdades cívicas e políticas, jamais se poderão realizar eleições, que eleições de facto o sejam.

Com liberdade apertadas e condicionadas, para mais, limitadas a um curto espaço de dias, nada feito.

(...)

Desde 28 de Maio de 1926 se não realizam eleições. (...)

Ora desde que se não apresentem pelo menos duas listas não é possível ao eleitorado escolher, pelo que legitimamente as urnas não funcionam.

(...)

E há momentos, como o que a Portugal se apresenta, em que o primeiro passo devia ser dado através da concessão de uma total amnistia a todos os considerados delitos políticos e da formação de um governo de União Sagrada, para usarmos a designação adoptada pelos portugueses de 1914-1918, aquando da Grande Guerra.

(«República», 28-9-69).

Hora de responsabilidade

«Está a desenrolar-se outra vez no nosso País mais uma campanha eleitoral. Depois de cumprida a sua missão, durante o tempo e pelo modo que a Constituição determina, a Assembleia Nacional terminou o seu mandato e outra vai ser eleita. Como habitualmente em todos os países acontece, o fenómeno desperta atenção, interesse, partidarismo, programas, propagandas e ambições. Merece, portanto, também uma palavra de comentário nosso. Primeiro para elogiar o que ele há de importância, de valor na vida nacional, e depois para reprovar o que nele pode introduzir-se de ilícito, de inconveniente e até de criminoso.»

... ...

«Na reflexão pessoal pode dar-se o caso de surgir uma dificuldade quanto à escolha do melhor caminho a seguir. Quantas vezes isto acontece até aos que mais reflectem e melhor tentam informar-se. Mas, nesse caso, como em tudo o que é humano, tem de haver lugar para o divino há que ouvir a Palavra de Deus, expressa no Evangelho e nas orientações emanadas, até sobre este assunto, da Suprema Autoridade da Igreja. Esta fonte de informação e ensinamento impõe-se sobretudo aos crentes, numa hora em que no mundo lavra grave e perigosa desorientação e num país como o nosso de secular tradição cristã e missionária.

Uma palavra merece ainda o outro aspecto do fenómeno eleitoral, o que nele pode haver de negativo. Um pouco por toda a parte, porque o homem e também as paixões políticas são sempre os mesmos, quando surge o período de eleições partidos e partidários entram em luta. Todos querem vencer, ocupar lugares de maioria no Parlamento, pois dele podem sair ministros e moções de apoio ou oposição ao governo. Se o fizessem com linha, dentro dum nível de respeito, de intenção pura e de objectivo digno, nada haveria a reprovar. Mas infelizmente nem sempre assim acontece. Não raro, o ódio, a mentira, a calúnia e até a violência entram na campanha eleitoral contra pessoas e instituições. Ainda agora cenas bem tristes se passaram até nas eleições da Alemanha Ocidental. E outras vezes, como acontece em todos os países de regime comunista, só os partidários deste têm liberdade de voto.»

... ...

«Não estamos ao serviço de nenhuma das correntes que a ela vão concorrer. Somos apenas e sempre, e inteiramente, por Portugal e pela Igreja Católica. Fazemos, no entanto, os mais ardentes votos por que tanto os preparativos como a execução do acto eleitoral decorram com elevação e dignidade. Porque somos todos portugueses e homens, devemos em momento e acto de tanta importância tratar-nos com respeito, dignidade e amor. E para mais alguém nos dar conselhos sobre o assunto citamos estas palavras vindas, já há tempos, duma autoridade da Igreja, sempre nossa Mestra. «Nas presentes circunstâncias é estricta obrigação para quantos têm esse direito, homens e mulheres, tomarem parte nas eleições. Cada qual deve votar segundo os ditames da sua consciência. Ora é evidente que a voz da consciência impõe a todo o católico sincero que dê o seu voto àqueles candidatos que ofereçam garantias suficientes para a tutela dos direitos de Deus e das almas, para o bem de cada um, das famílias e da sociedade, segundo a lei de Deus e a doutrina cristã». Nestas poucas palavras está contido tudo o que é necessário para quem quer que seja, mas principalmente porque é católico, conscienciosamente cumprir o seu dever eleitoral.»

(«Novidades», 28-9-69)

O peso da estupidez

«(...) As oposições, colocadas, conforme vemos estarem, no plano antinacional, não são incoerentes ao cindirem-se. O mesmo não sucede com os que se apresentam como defensores da realidade eterna da Nação. Aqui, os traidores acumulam com a infâmia deste nome o peso da estupidez.

As coisas são como são e não admitem evasivas».

(«Diário da Manhã», 23-9-69)

Os eleitos e réprobos

«Importa que, dum e doutro lado, se respire o indispensável espírito de tolerância, esforçando-nos por despirmos a caricatura do «amigo Bento», afastando juízos preconcebidos, que nos incitem a considerar sòmente os do nosso lado como eleitos e a condenar os do outro lado como réprobos. Que a falta de serenidade e o espírito de facção não sejam tais, que impeçam a vista de reconhecer S. Francisco de Assis para lá do *nosso muro!*...»

(«Reconquista», de Castelo Branco, 20-9-969)

Maturidade

«Votar é um acto humano que requer maturidade, é um acto que exige de cada um que saiba descrever valores e contravalores.

— Mas existirá esta maturidade em todos aqueles que usam este direito da pessoa humana?»

(«O Distrito de Portalegre», 20-9-69).

Exibições tristes

«Em Braga, um grupo que se rotula de nacionalista independente veio a público afirmar que também pretende apresentar a sua lista de candidatos a deputados. Esta erupção do micróbio eleitoral é tanto menos compreensível quanto os seus signatários se afirmam *conscientes da necessidade de apoio ao regime*, pois julgamos bastante estranho que dividir possa ter o significado de apoiar. Mais lamentável ainda é que as mesmas pessoas não recelem descer às insinuações e querelas pessoais.»

(«Diário da Manhã», 26-3-69)

ASSIM VAMOS NÓS

«Seara Nova»

O número de Outubro da prestigiosa «Seara Nova», contràriamente ao habitual, sairá apenas em meados do próximo mês. Neste período

eleitoral, e na linha tradicional daquela revista democrática, aguarda-se um conjunto de trabalhos focando alguns dos problemas nucleares da sociedade portuguesa.

Sabe-se que serão tratados, entre outros, temas de actualidade política, económicos, questões sociais, do ensino e investigação e ainda problemas da vida cultural e artística. Depoimentos e entrevistas serão outros tantos motivos de interesse do próximo número da «Seara Nova».

Além deste número da revista, a «Seara Nova» abordará ainda os problemas da realidade nacional através de três edições que aparecerão brevemente. O 2.º volume das «Teses e Documentos do II Congresso Republicano de Aveiro» completará a edição integral dos trabalhos que despertaram um invulgar interesse por parte do público; na colecção «Seara Nova», será publicada uma «Crítica a alguns aspectos do Plano de Fomento»; na série «Cadernos Seara Nova» será recolhido um extenso diálogo entre os drs. Francisco Pereira de Moura e Sérgio Ribeiro, versando «A Política Económica Portuguesa».

Proclamação da U. N.

Parece que a União Nacional só entrará a fundo na campanha eleitoral a partir de 6 de Outubro. O «motor de arranque» dessa campanha será uma Proclamação ao País — que estaria a ser cuidadosamente preparada

O cinema na campanha

O cinema também estará presente na campanha eleitoral. Desta vez dos dois lados. Uma das missões da Oposição Democrática — que saiamos — já encomendou um filme de propaganda. Filme curto — que estas coisas são caras...

Espólio e definição

Afirmou o conselheiro Albino dos Reis, candidato da U. N. por Lisboa, na homenagem a Marcello Caetano, por motivo do primeiro aniversário da sua posse como presidente do Conselho:

«Desse espólio riquíssimo (a herança de Salazar) faz parte a definição da nossa política ultramarina, irreversível política de civilização e de permanência, sejam quais forem os trabalhos ciclópicos ou os sacrifícios que nos imponha.

Eis uma constante política que, na consciência da Nação, deve estar fora e muito acima das nossas querelas domésticas e que V. Ex.ª proclamou solenemente no discurso de posse e tem reafirmado em posteriores declarações públicas. Recordo, agora, que já há 4 anos me pronunciei a este respeito, entendendo que, antes de definida e posta em execução a política de defesa das nossas províncias ultramarinas, todas as hipóteses de solução podiam ser discutíveis. Depois de tomada pelo Governo a posição que tomou, nada pode fazer-se para enfraquecer a força moral do País, e tem de corresponder-se aos mais arreigados sentimentos e vitais interesses da Nação. Permita-me, sr. presidente, que, em nome de todos, envie aos soldados de África e a todos os portugueses de além-mar o abraço fraterno da nossa infrangível solidariedade.

E mais adiante:

Senhor Presidente:

O tempo, na sua marcha irreversível, vai-nos afastando insensìvelmente de um período ímpar na história da nossa administração pública e vai dando aos factos e ás figuras relevantes desse período a majestade augusta do Passado e acordando nos corações sentimentos de veneração

Conselheiro Albino dos Reis

e pungente saudade. Nas gerações que ultrapassaram o meio do caminho da vida ficaram marcas inextinguíveis e recordações fiéis que o tempo exceptuará dos seus atrevimentos.»

ao acaso da rua

— Quantas vezes já votou?

Votar é um direito e um dever cívico. Um acto grave que não se coaduna com mentiras.

● Após algumas negativas; depois de muita gente apenas ter mexido a cabeça dum lado para o outro, a querer dizer

que não; a seguir mesmo, a termos encontrado uma senhora que, singelamente, nos disse «*faça outra pergunta a que eu possa responder*», inquirimos o sr. A. São Marcos que nos afirmou:

— *Pois eu já votei tantas vezes que, quantas, não me lembro.*

E explicou:

— *Voto desde que sou eleitor e, desde que o sou, já não me recordo da data exacta. Bem bê tenho 84 anos e nunca deixei de votar.*

Pelo nosso lado, perguntámos, já com a certeza da resposta:

— Votará, portanto, nas próximas eleições?

— *Com toda a certeza, se for vivo...*

Oitenta e quatro anos a exercer um direito: o do voto.

● Atitude diferente é a do colchoeiro sr. Francisco José Gramacho Santos que «*nunca votou*».

— Não está inscrito como eleitor?

— *Acho que sim. Sou casado, tenho filhos e estou nas condições de eleitor. Mas, até aqui, nunca votei.*

— Votará nas próximas eleições?

— *Este ano, ainda não sei. Mas, talvez... talvez*

● A sra. D. Prudência Henrique também nunca votou. É doméstica. Sabe, em todo o caso, o processo. Apenas, não vota, porque não quer votar:

— *Nem sequer estou inscrita. É que eu nunca dei um passo para me inscrever.*

— Portanto, não votará nas próximas eleições?

— *Com certeza que não. Eu nem estou inscrita.*

● Uma outra senhora, D. Maria Cecília Santos Pinto Basto, também não é eleitora.

— *Nunca votei* — afirma. — *Estou tão fora disso que nunca me inscrevi.*

— Mas não lhe interessa o acto eleitoral?

— *Interessa, mas acho que o podem resolver sem mim. Eu até nunca votei!*

— Portanto, não irá votar nas próximas eleições?

— *Possivelmente, não. Nem devo estar inscrita.*

● O funcionário da Lisnave sr. Tomás da Silva Teixeira tem votado, sim senhor, e, para este ano, confia...

— *Sim, já votei mais de uma dúzia de vezes.*

E acrescentou:

— *Eu estou «dentro» da freguesia de*

Santos-o-Velho e os de lá, costumam votar nos Bombeiros Sapadores da Avenida D. Carlos. É ir lá, levar o voto e metê-lo na urna.

— Tenciona, portanto, votar nas eleições deste ano?

— *Pois, A Junta de Freguesia deve mandar-me o respectivo envelope para eu ir votar. E, então, vou.*

● Finalmente, ouvimos o cortador de carnes verdes sr. Carlos Alberto Bandeira das Dores. À pergunta, disse: «*nunca*».

E informou:

— *Nem sequer estou inscrito.*

— Porquê? Por atitude? Por esquecimento? Por negligência?

— *Nada disso. O que se passa é que eu não quero saber de políticas. Só me interessa a minha vida (minha mesmo) e já me dá muito que fazer.*

— Não vota, portanto, nas próximas eleições?

— *Não. Não tenciono.*

E, logo a seguir, concludente:

— *Não volo.*

manifesto

Da Oposição Democrática ao povo de Aveiro

Para efeitos de publicação, recebemos da Oposição Democrática do Distrito de Aveiro o seguinte manifesto político dirigido ao povo daquele círculo.

Apesar da sua formação autoritária, sobejamente comprovada durante os quarenta e três anos que leva de poder, não conseguiu o actual regime liquidar completamente a essência democrática da estrutura política da Nação.

Designadamente, regulamentou quase até à extinção os direitos de cidadania legalmente conferidos pelo artigo 8.º da Constituição de 1933; viciou a expressão da vontade popular no mecanismo para a eleição do Presidente da República, substituindo o sufrágio directo pelo voto pretensamente qualificado de um colégio escolhido; impediu os cidadãos de elegerem os presidentes das suas câmaras municipais e tornou estas em delegações do poder central, sem raízes e sem apoio popular

Mas não conseguiu ainda, efectivamente, prescindir da Assembleia Nacional, nem teve a coragem de substituir o sistema da sua formação — as eleições gerais.

Só que, submetendo-se a este imperativo constitucional, usou durante cerca de quarenta anos das arbitrariedades mais chocantes para preencher os lugares dessa Câmara de Deputados com homens cuja função foi sempre a de apoiarem os pontos de vista governamentais, por mais errados e desconformes se mostrassem com o interesse nacional

Com o desaparecimento político do prof. Oliveira Salazar e a sua substituição pelo prof. Marcello Caetano, em Setembro de 1968, não poderá lucidamente afirmar-se que um novo capítulo se abriu na política portuguesa, já porque o novo Presidente do Conselho é pessoa inteiramente comprometida com as estruturas corporativas e económicas do regime e, portanto, estruturalmente um homem antidemocrático, já porque as mais significativas atitudes que ele e o seu Governo tomaram traduzem muito mais um sentido de continuidade do anterior sistema político do que a sua modificação, *contra o que alguns esperaram...*

Mas, ao mesmo tempo que este espírito de continuidade do autoritarismo e a ineficácia burocrática do corporativismo se vão afirmando como programa de governo, a consciência do tempo presente e das coordenadas que o dominam impede o poder de se manter apegado a certas formas de comportamento fossilizadas Daí não ser aquilo que se toma como mudanças, como aberturas, como liberalização, mais afinal do que uma *forma nova* de levar á prática o que incontestàvelmente se apresente como uma *política velha.*

Não há duvida contudo de que, ao contrário do governo do prof. Salazar — de sentido e visão medievais, exercido na defesa da humildade como atitude social, da pobreza como forma de redenção, do subdesenvolvimento como defesa contra a alternativa de um forte proletariado — o prof. Marcello Caetano, mais pelo sentido que pode dar-se á sua ultima remodelação ministerial do que por qualquer outra razão, parece destinado a vir promover a frustrada revolução burguesa, apoiar e encorajar o capitalismo industrial e financeiro nascente (não só por ver nele um meio de aumentar os padrões de consumo como, ainda e sobretudo, por estar erradamente convencido de que essas são as formas actuais de contenção das forças da esquerda).

É nesta perspectiva que o próximo acto eleitoral para deputados irá realizar-se.

E é nessa perspectiva que as forças democráticas do Distrito de Aveiro irão disputá-lo.

Ao anunciar este seu propósito, fazem-no na convicção de que as eleições poderão decorrer com o mínimo de decência que sempre reclamaram e sempre lhes foi negado, traduzido na igualdade dos candidatos perante o eleitorado e os meios de o informar, perante as urnas e a forma de fiscalizar a votação e a respectiva contagem! Fazem-no convictos de que prestam um serviço ao País, porque consideram importante que os seus candidatos sejam — na próxima Assembleia Nacional — os autores da denuncia de todas as fraudes que se têm perpetrado neste País, sob a capa protectora do silêncio, da censura e das concordâncias comprometidas! Fazem-no ainda com a certeza de que os seus candidatos poderão constituir um poderoso factor de dinamização própria Assembleia Nacional, críticos implacáveis do Governo sempre que este pretenda relegando os interesses do Povo, satisfazer os apetites insaciáveis das várias minorias que se foram formando ao longo destas ultimas quatro dezenas de anos á sombra da impunidade

Mas as forças democráticas do Distrito de Aveiro têm a noção exacta da situação de *desvantagem* com que partem os seus candidatos, relativamente aos candidatos governamentais.

Tal desvantagem resulta desde logo não só de terem estes ao seu serviço a máquina do seu próprio partido, o caciquismo exercido por quem desfruta do poder e a engrenagem governamental, como ainda do facto de — por acção do governo do dr. Salazar — se ter promovido a completa despolitização do País, realidade confortável para os homens que — em quase meio século — apoiaram uma política que deixou todo um povo no mais baixo nível de alfabetização e de padrão de vida da Europa!

É este o quadro real em que a Oposição democrática de todos os distritos irá bater-se nas próximas eleições.

A esta situação terão os democratas do Distrito de Aveiro de opor a sua *inabalável vontade de servir o País*, para o ver alinhar com as nações civilizadas, sem vergonhas inuteis.

A esta situação responderão os democratas do Distrito de Aveiro com a sua *coesão* e com a *solidariedade* de todas as forças que se opõem ao actual regime político, não só porque ele não representa a vontade da Nação mas ainda porque a experiência lhes mostrou que a reconstrução e a redenção da Pátria não podem ser obra de uma minoria dominante, mas sim consequência da mobilização de todo o Povo na procura do seu alto destino.

Neste sentido, os democratas do Distrito de Aveiro apelam para todos os homens e mulheres de formação democrática com vista a — para já — constituirem, nos concelhos, em todos os lugares e freguesias, nas escolas e com os companheiros de trabalho, comissões que venham a apoiar os candidatos oposicionistas na sua luta por um verdadeiro espírito de convivência entre os portugueses.

Agosto de 1969

Pelos democratas do Distrito de Aveiro, seguem-se 195 assinaturas, entre as quais as dos candidatos pelo círculo eleitoral.

A recusa da cedência do Teatro Garcia de Resende

Ainda em relação ao caso da não cedência do Teatro Garcia de Resende, outro comunicado da C. D. E. de Évora, afirma o seguinte:

«No caso em referência, acontece que o Teatro Garcia de Resende se encontra normalmente fechado, sendo no entanto cedido pelo Município a qualquer entidade particular que nesse sentido lhe dirija uma pretensão.

A candidatura de deputados é incontestàvelmente um acto de serviço público como o reconhece a própria lei, ao isentar do imposto de selo toda a documentação que lhe é inerente, e também o próprio Governo, ao decretar o pagamento das listas desde que os candidatos consigam vinte por cento dos votos. Porquê então este procedimento de excepção, que veda aos nossos candidatos o acesso a um edifício publico que não tem «utilização normal»?

O secretariado da C. D. E. do distrito de Évora — que nesta data manifesta ao sr. governador civil do distrito a sua apreensão pelo facto — considera que a proibição de os seus candidatos utilizarem o Teatro Garcia de Resende, a concretizar-se, contribuiria para lhes impedir o acesso ao eleitorado e, consequentemente, seria capaz de anular toda a campanha que, de acordo com a vontade anunciada pelo Governo, deve ser caracterizada por uma absoluta seriedade e concessão de iguais direitos a todas as candidaturas.»

PERFIL DOS CANDIDATOS

C. D. E. do Funchal

Segundo elementos fornecidos pela respectiva Comissão Eleitoral, publicamos a seguir a biografia dos candidatos pela C. D. E. da Madeira:

António Loja

ANTÓNIO EGÍDIO FERNANDES LOJA nasceu no Funchal, a 22 de Dezembro de 1934, é licenciado em Histórico-Filosóficas, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e defendeu tese sobre «O Aparecimento da Maçonaria em Portugal». Foi presidente da direcção do Cineclube do Funchal e é colaborador da revista «Seara Nova». Capitão miliciano na situação de disponibilidade, prestou serviço militar obrigatório, de Dezembro de 1956 a Fevereiro de 1959 e de Março a Outubro de 1961, em Viseu. Novamente chamado às fileiras em Março de 1966, seguiu para a Guiné em Dezembro desse ano e ali permaneceu até Agosto de 1968, a comandar uma companhia de caçadores. António Loja exerce a profissão de gerente comercial.

Fernando Rebelo

FERNANDO PEREIRA REBELO, advogado, de 46 anos, natural de Gouveia. Licenciou-se, com distinção, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Exerceu advocacia na sua terra natal e, durante os últimos anos, no Funchal. Foi duas vezes presidente da Associação Académica de Coimbra (presidiu á primeira direcção eleita a seguir á normalização estatutária). Dirigente do T. E. U. C. (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), exerceu o cargo de director do jornal académico «Via Latina». Foi membro da Comissão Democrática de Coimbra de apoio á candidatura do general Norton de Matos e das Comissões Distrital da Guarda e Concelhia de Gouveia de apoio á candidatura do general Humberto Delgado.

José Barroso

JOSÉ MANUEL DOS REIS BARROSO nasceu em Lajes do Pico (Açores), em 16 de Agosto de 1943. Quando aluno do ensino secundário, foi presidente da Comissão Pró-Associação dos Estudantes do Ensino Liceal. Mais tarde, como universitário, presidiu á direcção da Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. É estudante de Economia e trabalha como redactor-coordenador no semanário «Comércio do Funchal». Tem a seu cargo, nomeadamente, a secção de política nacional e internacional, e é, ainda, um dos encarregados da secção de temas regionais. Correspondente na Madeira do semanário «Vida Mundial», ali se encontra desde 1936.

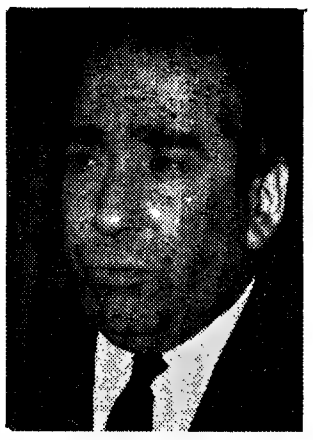
U. N. de Lisboa

Segundo elementos fornecidos pelo respectivo organismo, publicamos a seguir os principais dados biográficos dos candidatos a deputados pela U. N. no distrito de Lisboa:

Alberto de Alarcão e Silva

ALBERTO EDUARDO NOGUEIRA LOBO DE ALARCÃO E SILVA, tem 38 anos, é natural de Coimbra e licenciou-se pelo Instituto Superior de Agronomia em 1956. Estudioso de problemas socioeconómicos e demográficos, fez parte de numerosas comissões organizadoras de cursos e congressos de agronomia. Pertence á Sociedade de Ciências Agronómicas de Portugal, de cuja assembleia geral é secretário, e á Comissão Portuguesa do Conselho Internacional de Serviços Sociais. Tem publicado numerosos trabalhos e é candidato a deputado pela primeira vez.

Alarcão e Silva



Franco Nogueira

Albino dos Reis

Alberto Franco Nogueira

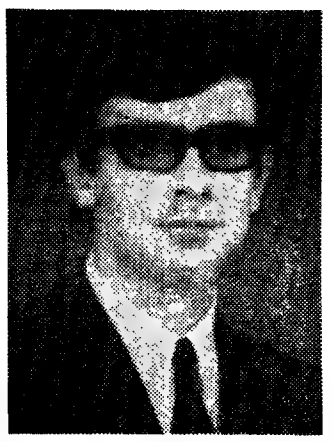
ALBERTO MARCIANO GORJÃO FRANCO NOGUEIRA, nascido em Vila Franca de Xira, em 1918, é licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa. Ingressou na carreira diplomática, como adido de legação, em 1941, tendo estado em missão na Legação em Tóquio, na Embaixada de Washington e junto do Alto Comando Aliado no Japão. Em 1954 foi transferido para o Corpo Consular, com a categoria de cônsul-geral, e colocado em Londres, e continuou em serviço da Secretaria de Estado como chefe da Repartição dos Negócios Políticos. Como representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros, participou em numerosas reuniões e conferências internacionais, entre as quais a Conferência Internacional de Trabalho e a Convenção para a Supensão da Escravatura. Em 1958, foi nomeado ministro plenipotenciário de 2.ª classe e colocado como adjunto do director-geral dos Negócios Políticos, e, em 1959, ascendeu á categoria de ministro plenipotenciário de 1.ª classe e ao cargo de director-geral dos Negócios Políticos e da Administração Interna. É desde 1961 titular da pasta dos Negócios Estrangeiros. Recentemente, ascendeu na escala hierárquica á categoria de embaixador. Nunca foi deputado.

Albino dos Reis

ALBINO SOARES PINTO DOS REIS JÚNIOR, juiz-presidente (aposentado) do Supremo Tribunal Administrativo nasceu em Loureiro (Oliveira de Azeméis), em 30 de Setembro de 1888, e é licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra. Ingressou no funcionalismo público como oficial do Registo Civil da sua terra natal, de onde passou a S. João da Madeira, no exercício de idêntica função pública e, também, da de notário. Iniciou a sua carreira política, como deputado, por Oliveira de Azeméis, e foi eleito para a legislatura de 1921-1925. Em 1922, foi eleito para a presidência da Câmara Municipal do seu concelho, lugar que ocupou até 1926. Em Novembro de 1931, foi ocupar o cargo de governador civil de Coimbra, lugar que abandonou para tomar parte no primeiro Governo presidido pelo prof. Oliveira Salazar, como ministro do Interior, em Julho de 1932. Deputado nas nove legislaturas transactas da Assembleia Nacional, exerceu os cargos de primeiro vice-presidente e de presidente daquele organismo. Actualmente desempenha as funções de vice-presidente da comissão central da União Nacional. Presidiu, também, á respectiva comissão executiva. Faz parte do Conselho de Estado.

António Loja

Fernando Rebelo



José Barroso

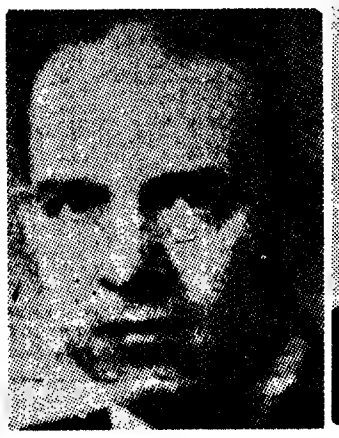
Fernando Santos e Castro

FERNANDO AUGUSTO SANTOS E CASTRO nasceu no Funchal, em Julho de 1922, fez os estudos primários e secundários em Luanda e concluiu em Lisboa, o curso de engenheiro agrónomo com 19 valores na tese final do curso. Enquanto estudante, foi fundador e dirigente da Casa dos Estudantes de Angola e da Casa dos Estudantes do Império e foi, depois, subinspector da Mocidade Portuguesa. Iniciou a sua vida profissional no Grupo de Técnicos que, a partir de 1947, realizou o Inquérito Nacional ao Custo da Produção de Trigo e entrou para o quadro técnico da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, como engenheiro de 3.ª classe, em 1949, ascendendo sucessivamente á 2.ª e á 1.ª classes. Foi nomeado chefe dos Serviços Técnicos em 1955. De 1958 a 1961, exerceu as funções de chefe de gabinete do secretário de Estado da Agricultura e, em Março de 1961, foi nomeado chefe de repartição do quadro técnico da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas. Presidente da Junta Nacional do Vinho, de Junho do mesmo ano até 1967, foi designado, em 1965, procurador á Câmara Corporativa, a cuja secção permanente passou recentemente a pertencer. É vereador da Câmara Municipal de Lisboa, desde 1 de Janeiro de 1968; vice-presidente da Comissão Distrital da U. N. de Lisboa e presidente da Comissão Concelhia de Lisboa do mesmo organismo.

Designado recentemente para o cargo de presidente da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, é candidato a deputado pela primeira vez.

Francisco do Casal Ribeiro

FANCISCO DE MONCADA DO CAZAL-RIBEIRO CARVALHO nasceu em Lisboa, em 1914, e desempenha, actualmente, o cargo de administrador-director-geral da Cidla. Foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa e presidente da sua Comissão Municipal de Trânsito. É provedor da Santa Casa da Misericórdia da Ericeira, desde 1959, faz parte da respectiva Mesa, e tem a seu cargo, ainda, a representação das Misericórdias da Ericeira e de Mafra, no Conselho Municipal de Mafra, desde 1959. Foi deputado na 9.ª Legislatura. Como dirigente desportivo, exerceu os cargos de vice-presidente da direcção do Sporting Clube de Portugal (1954 a 1956), presidente (1957 e 1958), presidente do conselho fiscal (1962) e vice-presidente da assembleia geral (1963 e 1964). É presidente da comissão de fiscalização e director substituto do Automóvel Clube de Portugal, de cuja comissão desportiva faz parte.



Melo e Castro

José Pinto Leite

Teixeira Pinto

João Miller Guerra

JOÃO PEDRO MILLER PINTO DE LEMOS GUERRA nasceu em Vila Flor, em Maio de 1912, licenciou-se em Medicina na Universidade de Coimbra e foi assistente de Neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, na qual prestou provas de doutoramento, em 1952 e fez concurso para professor agregado, em 1957, e para professor extraordinário de Neurologia, em 1961, funções que presentemente exerce. Na mesma Faculdade, é também encarregado do Curso de Deontologia Profissional, desde 1956, e representante eleito dos professores agregados e extraordinários no Senado Universitário. Tem tido uma intensa participação em Sociedades Científicas e Congressos, nacionais e internacionais, e ocupado cargos de responsabilidade.

Na Ordem dos Médicos desenvolveu acção orientada no sentido da dinamização e renovação da sua especialidade, designadamente a partir do movimento que deu origem ao «Estudo sobre as Carreiras Médicas», de que foi relator, tanto ao nível da secção

(Continua na pág. 8).

Santos e Castro

Casal Ribeiro

Miller Guerra

As eleições em Portugal

(Continuação da 1.ª página)

Presidente da República é feita geralmente pela Câmara dos Deputados e pelo Senado, reunidos em congresso, tal como ocorreu em Portugal durante a vigência da I República, com excepção da eleição de Sidónio Pais. Quem estudar os doze meses do Governo de Sidónio Pais constatará que as grandes dificuldades que o sidonismo teve de defrontar ou promoveu contra si próprio começaram precisamente numa questão eleitoral.

Triunfante a revolução em 8 de Dezembro de 1917, a Junta Revolucionária dissolveu o Congresso da República no dia 9, destituiu em 11 do cargo de Presidente da República o cidadão Bernardino Machado e nomeou na mesma data o novo Governo, que tinha Sidónio Pais como presidente do Ministério e ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros. E a 27 do mesmo mês decretava que «o presidente do Ministério assumirá as funções de Presidente da República (...) enquanto não for eleito pelo futuro Congresso o Presidente da República».

Três meses depois, ao ser debatida mais uma vez em Conselho de Ministros a questão eleitoral, os ministros pertencentes à União Republicana, mais conhecida por Partido Unionista (que tinha Brito Camacho como chefe e no qual Sidónio Pais ainda estava filiado) dissentiram terminantemente da maneira como Sidónio queria fazer as eleições, em cujos projectos se tinham perdido muitas semanas de estudo e discussão. Eram três aqueles ministros: Alberto de Moura Pinto, António de Aresta Branco e António dos Santos Viegas; mas coube ao primeiro, na sua qualidade de ministro da Justiça, sustentar perante Sidónio Pais a oposição inabalável do Partido Unionista ao projecto eleitoral.

Os ministros unionistas abandonaram o Governo. E Sidónio Pais fez as eleições como desejava. Sem concorrente que ousasse opor-se-lhe e adoptando pela primeira vez em Portugal o sufrágio directo universal, com direito de voto concedido aos analfabetos, não teve dificuldade em ser eleito Presidente da República por pouco mais de meio milhão de votos. Renegara, porém, o compromisso que assumira de que o Presidente seria eleito pelo Congresso da República. Este não fora o único motivo de discordância do Partido Unionista; havia outros que se relacionavam com as eleições de deputados e senadores — discordâncias que respeitavam quer à distribuição das candidaturas, quer ao estabelecimento dos círculos eleitorais, quer ainda a outros aspectos do acto eleitoral, a realizar no mesmo dia da eleição para a Presidência da República.

Todavia, este primeiro passo oficial de Sidónio no caminho do presidencialismo não teve seguimento: a Constituição de 1911 continuava em vigor, pois fora alterada apenas «transitòriamente» em pouquíssimos passos por determinadas disposições constantes da lei eleitoral de 30 de Março de 1918. Foi ao abrigo daquelas disposições que Sidónio tentou várias vezes infringir a Constituição, o que levou Machado Santos, já então em franca oposição ao sidonismo e ao seu chefe, a atacá-los contundentemente por mais de uma vez tanto na Imprensa como no Senado, em cuja sessão de 9 de Dezembro de 1918 proferiu, entre outras, as seguintes palavras: «(...) Não me parece, sr. Presidente, que a Constituição fosse revogada, por ter sido apenas modificada em alguns pontos pela lei eleitoral. (...) Nós continuamos em sistema representativo. Os Ministros é que assumem as responsabilidades perante o Parlamento e não o Chefe do Estado. Como vejo este documento assinado apenas pelo sr. Sidónio Pais, chamo a atenção da Camara para ele, porque como sintoma reputo-o de extrema gravidade».

Regressado o país á Republica parlamentarista, depois do desaparecimento de Sidónio Pais e da sufocação das tentativas de restauração monárquica de Janeiro de 1919, em Lisboa e no Porto, passaram a vigorar novamente as normas eleitorais vigentes á data do triunfo do sidonismo. Convém, no entanto, saber que, apesar de Sidónio Pais ter sido eleito presidente da Republica por sufrágio directo universal, o seu sucessor, o almirante Canto e Castro, eleito presidente da Republica logo após a morte de Sidónio, ascendeu áquele elevado cargo por meio do sufrágio restrito dos membros do Congresso da Republica, nos termos da Constituição política de 1911 — reposta apressadamente em vigor na sua total plenitude no dia 16 de Dezembro. E os restantes presidentes da I Republica continuaram a ser eleitos desta maneira até ao advento da Ditadura Militar em 28 de Maio de 1926.

Quanto aos eleitores para os cargos legislativos e administrativos, voltaram a vigorar as disposições anteriores ao sidonismo; aparte as alterações que lhe tinham sido ou vieram a ser introduzidas posteriormente, sem, todavia, lhe modificarem a essência, a sua disposição fundamental continuou a ser a inscrita no Art.º 1.º do Código Eleitoral de 1913 (Governo de Afonso Costa): «São eleitores de cargos legislativos e administrativos todos os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores de 21 anos ou que completem essa idade até o termo das operações de recenseamento, que estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos, saibam ler e escrever português, e residam no território da Republica Portuguesa».

Voltaremos a este assunto para nos referirmos ao que, em matéria eleitoral, tem ocorrido depois de 28 de Maio de 1926.

tem a palavra

Alice Sampaio ★

A Democracia e a mulher portuguesa

Como mulher democrata afirmo-me, antes de mais nada, pela democracia, sem deixar de notar, contudo, as contradições que se levantam ainda hoje no nosso País quando se trata de assuntos referentes à mulher.

Todos sabemos, evidentemente, que, tal como não há raças superiores nem raças inferiores, que todos os grupos humanos são capazes de criar no seu seio sábios e filósofos, músicos e poetas, loucos e assassinos, que as grandezas e baixezas humanas não se medem ou pesam ou, sequer, avaliam em volumes de cérebro nem cores de pele, do mesmo modo, homens e mulheres são duas forças equivalentes, igualmente válidas, física e intelectualmente (reler Platão e ir às mais recentes conquistas da genética, por exemplo).

É certo que as obras de pensamento da mulher, tal como as dos escravos de todas as raças e credos, se têm imprimido na areia e apagadas pelos ventos de todos os negativismos e mitos. E pensamos, neste momento, num filme de Antonione — «A Noite» — em que uma mulher faz ouvir um poema gravado da sua autoria. Sentimos-lhe a voz próxima, a musicalidade estranha — e, de súbito, sorrindo, a mulher estende um braço, desgrava a fita: ainda não valia a pena! Talvez... (e que há excepções geniais há, mas são excepções, sabe-se, a confirmar a regra).

Será esse o motivo pelo qual os democratas portugueses, ao criarem os seus núcleos de trabalho, o fizeram agrupando os democratas por profissões, estudantes e particularizaram um grupo rotulado de *mulheres*?

Perguntamos:

Não haverá mulheres em todas, ou quase todas, as profissões? Não haverá mulheres estudantes? Porque se considera haver problemas específicamente femininos? Não haverá, nesse caso, também, problemas especificamente masculinos que justificassem um outro grupo à parte de *homens*?

É a mulher um ser «retardado», que, como as crianças, pode vir perturbar as sérias lucubrações dos adultos? Talvez. Parece-me, no entanto, que tal conclusão não será muito lisonjeira para o homem: — é que, em todas as sociedades, e sem grande margem de erro, pode o homem deduzir-se da mulher, e esta daquele, se bem interpretarmos qualquer tratado de sociologia moderna. E o homem, do qual a mulher é, segundo Sartre, «metade vítima metade cúmplice», será a outra «metade», vítima e cúmplice, não integral, enquanto homem e mulher se não redescobrirem ou reinventarem em totalidade, isto é, individualidade humana, simplesmente humana. Perguntaram a Indira Gandhi, quando investida no lugar de primeiro-ministro da República Indiana, se era feminista; respondeu: «Sou um ser humano» e com isto resumia tudo aquilo a que a mulher aspira no mundo de hoje, ser considerada um ser humano e como tal participar, lado a lado com o homem, seu irmão, na tarefa de transformar o mundo, de com ele rever as velhas fórmulas, caducas umas, reverdecidas outras, e, enfim, enfim...

É, pois, óbvio que constituímos um conjunto de seres humanos gramaticalmente do género feminino (o que não é profissão nem classe), mulheres, e não um grupo ou vários grupos de senhoras ou senhorinhas que façam parte de um movimento feminino (ainda que democrata); afirmamo-nos apenas, e simplesmente, seres humanos democràticamente com os mesmos problemas, as mesmas escondidas cóleras, idênticos martírios, a mesma morte do ser humano, o homem.

Consideramos que não há problemas da mulher que não digam respeito também ao homem, e ainda quando se trate dos chamados «problemas especificamente femininos» com a maternidade, por exemplo, mesmo nesse caso, julgamos que eles dizem igualmente respeito ao homem, pois que dizem respeito à sociedade presente e ao mundo futuro.

Parece no entanto que a democracia portuguesa não pensa desse modo, continuando a imperar o preconceito retógrafo e inadequado de que a mulher tem problemas distintos dos do homem, e como tal deverá agrupar-se em «movimentos» separados, e se assim acontece é porque o sentimento da inferioridade feminina está arreigado no espírito de todos (homens e mulheres); é porque esse «apharteid» paternalista, muito do agrado das classes conservadoras, com suas «páginas femininas», «programas femininos», «colecções de literatura **feminina», ainda não foi** ultrapassado e banido; é **porque a** nossa «ciência» arredada de toda a ciência moderna ainda não quis analisar o fenómeno à luz do verdadeiro conhecimento.

Tal posição seria quase inacreditável tratando-se de uma oposição democrática, não fosse ela, (oposição), vista no contexto das suas próprias limitações e contradições (e fossem estas as menores).

Assim, ao que julgamos, e oxalá julguemos erradamente, teremos ainda uma oposição democrática com as suas notas «feminis» — senhoras a aformosear sessões e mesas de presidência, — teremos grupos de senhoras e senhorinhas femininlmente esclarecidos em movimentos femininis, apenas para conseguir votos em massa (será boa política?) — e, já agora,, também jovens trabalhadores para inglês ver! — enfim, uma pseudo e mistificadora democracia se considerada superficialmente; uma já senil democracia fazendo frente a um governo caquético e cruel se julgássemos pelas aparências; uma pobre democracia oposicionista a aproveitar-se do ainda hipotético bodo de umas eleições paternalmente concedidas — se não provocarem grandes sustos! — por um governo podrido que quer dar-se a emoção de renovado, — isto tudo, evidentemente, se nos debruçássemos desprevenidos sobre o assunto e não olhásemos o fundo da questão, se não acreditássemos nas boas intenções de que toda a oposição democrática está animada, se não víssemos que se continua a errar nesta matéria, é mais por falta de bons hábitos adquiridos ao longo de gerações, por falta de diálogo, por alheamento do mundo do futuro em que já vivemos — mais por tudo isso que por outro qualquer escondido motivo.

E, já agora, desculpem-nos que citemos um pensador moderno, Simone de Beauvoir. Diz ela, citando por sua vez um grande historiador, no seu livro «O existencialismo e a sabedoria das nações»: «Michelet conta na História da Revolução Francesa que uma cidade de Este, sitiada pelos austríacos, vendo esgotados os seus recursos, hesitou um instante em impelir para fora das muralhas os velhos, as mulheres e as crianças, mas o comissário da República opôs-se a essa medida, declarando: «nós queremos a liberdade para todos». É que o fim não se resumia ùnicamente em defender a cidade dos austríacos; a cidade era preciosa porque nela se encarnavam os novos princípios da igualdade; uma vitória obtida renegando o ideal que se defendia teria sido a pior das derrotas.»

Também connosco não terá sentido qualquer vitória se começarmos por negar os elementares princípios de uma verdadeira democracia — que não julgamos fácil conquista, nem impossível.

N. B. — *Não façamos de maus entendedores que as minhas intenções também são boas (ainda que, de bem intencionados, esteja o inferno cheio!...).*

★ *Licenciada em Farmácia. Trabalha no serviço de controle de um laboratório de indústria farmacêutica*

LICEU
Diurno e nocturno
Ext. N.ª Sr.ª da Saúde
L. CONDE POMBEIRO, 12
T. 57048 (aos Anjos)

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

A SOCIEDADE GERAL DE COMÉRCIO INDÚSTRIA E TRANSPORTES, S.A.R.L. comunica aos Exmos. Carregadores e Passageiros que, por motivo de força maior, o navio ALFREDO DA SILVA sai para Cabo Verde e Guiné no dia 8 de Outubro e não a 10 como habitualmente.

Missão da Imprensa

Mesa-redonda em que participaram os candidatos José Carlos Megre (C.E.U.D.), José Manuel Tengarrinha (C.D.E.) e Luiza Manoel de Vilhena (C.E.M.)

À Imprensa cumpre um papel fundamental na informação, no esclarecimento dos cidadãos com vista a uma participação consciente e responsável na vida pública. Esse papel confere-lhe uma pesada responsabilidade, mas exige também condições sem as quais não pode ser desempenhado com a dignidade, a isenção, a objectividade e a independência inerentes a tão alta função.

O desenvolvimento progressivo da instrução e da Imprensa escrita (e depois falada) esteve ligado em todas as democracias na Europa e no mundo o interesse crescente do «homem da rua» pela vida nacional. O problema tocará porventura mais de perto, e nas incidências do dia-a-dia, os profissionais da Imprensa conscientes da influência e das responsabilidades do seu labor quotidiano na evolução da vida portuguesa. Mas ele concerne a todos os responsáveis e a cada cidadão. Por isso quisemos abrir esta série especial de mesas-redondas convidando a pronunciar-se sobre tão magna questão alguns candidatos a deputados.

SILVA COSTA (Chefe da Redacção-Adjunto do «Diário de Lisboa») — Não vou participar nesta mesa-redonda. Queria apenas dizer-lhes que o «Diário de Lisboa» está muito grato por terem acedido ao convite para se reunirem aqui. A finalidade destas mesas-redondas é evidente: elas visam permitir que, num clima de convivência, se encontrem e dialoguem pessoas representativas de uma pluralidade de opiniões que está expressa nas diversas candidaturas. Esta abertura às várias correntes de opinião é uma das características da independência do «Diário de Lisboa». Por isso convidámos a participar nestes debates pessoas de todos os movimentos que, em Lisboa, propõem candidatos a deputados: a União Nacional, a Comissão Democrática Eleitoral, a Comissão Eleitoral de Unidade Democrática e a Comissão Eleitoral Monárquica. A União Nacional não pôde até agora considerar o nosso convite e, segundo nos informou, só poderá fazê-lo dentro de alguns dias. Dada a urgência de preparar material para publicação, e a dificuldade — que fàcilmente se adivinha — de o aprontar atempadamente, foi-nos impossível adiar estas reuniões. Não pudemos assim esperar por que a União Nacional considerasse o nosso convite. Mas o «Diário de Lisboa» espera e deseja que, não se tendo feito representar nas primeiras mesas-redondas, a União Nacional participe nas que se vão promover até ao fim da campanha eleitoral.

MODERADOR — O tema desta nossa mesa-redonda é: «Missão da Imprensa e seus pressupostos (problemas da liberdade e da responsabilidade)». Muito em resumo, interessa-nos, pois, debater qual a importância da Imprensa — em especial a diária —, nomeadamente na formação da opinião pública, e quais os objectivos essenciais que ela deve prosseguir — talvez, de passagem, importando referir a tradicional distinção entre Imprensa informativa e formativa, e o seu sentido, ou a sua falta de sentido. Finalmente, quanto aos pressupostos — e esta é uma (ou a) parte essencial do nosso debate — queríamos que fossem focados todos os aspectos que se relacionam com a liberdade de imprensa e consequente responsabilidade. Aqui, interessa

José Carlos de Vasconcelos

também distinguir liberdade de Imprensa, existência de uma lei de Imprensa e abolição da censura prévia — na medida em que a abolição desta e a existência daquela não conduzem necessàriamente à referida liberdade.

Liberdade e capacidade crítica

JOSÉ CARLOS MEGRE — Em relação ao primeiro ponto proposto, ou seja, o da missão da Imprensa, é evidente que no mundo de hoje ela tem um papel cada vez mais fundamental, não só porque a difusão dos meios de comunicação (de que a Imprensa é talvez o mais importante, pelo menos por enquanto) atinge já a escala planetária, como também porque em grande parte é através da Imprensa que de facto se pode formar a opinião.

Quando digo formar, é no sentido, simultâneamente, de informar (a informação já é uma formação) e no aspecto pròpriamente formativo através da notícia de comentários tornando possível aos leitores apreender a interpretação possível dos factos concretos e ao mesmo tempo dar-lhes a possibilidade de exercitar pràticamente a sua capacidade crítica em função daquilo que lê.

É evidente que isto, quanto a mim, põe um problema fundamental que é o de sabermos se estão preenchidos os requisitos mínimos, para que de facto a Imprensa possa ser isso mesmo, ou seja, desempenhar perante o publico o papel que lhe compete. Assim, logo à cabeça temos o problema da existência ou não de limitações postas à informação em função do caso português, não só por estarmos num momento em que este deve ser focado especialmente, como até porque deve ser esse o que mais nos interessa.

Portanto, entrando na situação concreta portuguesa, todos nós sabemos que existe um regime de restrição que se costuma chamar de Censura, e que inteiramente apriorístico, quer dizer, é um regime que permite que não só a interpretação dos factos, como a notícia dos próprios factos (portanto a informação pura e simples) seja coarctada, seja limitada, desde logo se condicionando de uma maneira que me parece fundamental, a possibilidade de a Imprensa cumprir a sua missão, que é proporcionar ao público as notícias, e, neste caso, as notícias na máxima amplitude, ao mesmo tempo possibilitando-lhe uma capacidade crítica que só pode ser dada através da diversidade de opinião e portanto através da diversidade do comentário.

LUIZA MANOEL DE VILHENA — Estou completamente de acordo, e acho que a missão da Imprensa é, acima de tudo, informar e seguidamente formar. É claro que é preciso dissociar duas ideias diferentes: formar e mentalizar. Mentalizar é orientar a opinião pública de um país num sentido prèviamente dirigido. Formar, em meu entender, é informar de modo a que possa ser criada uma opinião publica consciente. Portanto, é necessária uma informação sã, que abranja notícias integrais e verdadeiras, de maneira que a opinião publica possa ser autêntica.

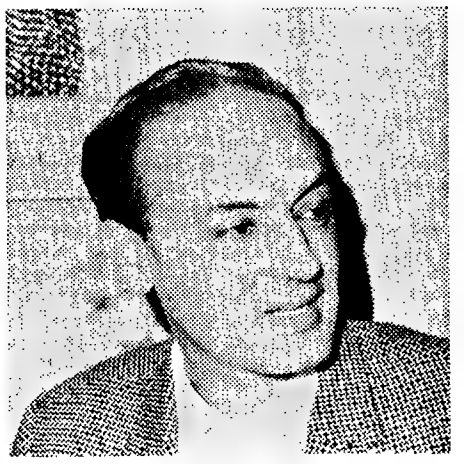
É claro que têm também a maior influência os comentários feitos pela imprensa. Entendo que esses comentários não podem ser feitos dentro de uma só orientação, mas isso normalmente não acontece numa imprensa livre. Os jornais devem dar informações totais e verdadeiras, e depois cada um deles fazer os comentários no sentido que corresponde á sua maneira de pensar e á sua orientação. Depois o grande publico pode escolher o seu jornal, ou inclusivamente pode ler vários jornais, e com as notícias e os comentários que lê vai formando a sua opinião, que não será, portanto, uma mentalização mas uma consciencialização dos problemas nacionais e internacionais.

Quanto á censura achamos que é perfeitamente prejudicial, porque é sempre facciosa, cortando aquelas notícias que não lhe convêm e deixando passar as que lhe agradam.

É claro que além da Censura nacional existe a censura dos jornais, que em alguns países também é nefasta, na medida em que essa censura interna também limita não só a informação como a possibilidade do comentário. O ideal, em meu entender, seria que houvesse uma censura nacional que apenas cortasse aquele género de comentários que afectassem a moral, que fossem críticas pessoais sem justificação; que, portanto, permitisse uma informação total e livre comentário mas que não permitisse o ataque pessoal. Mas eu creio que essa censura deve ser impossível, uma vez que não tenho notícia de que no mundo exista alguma desse género e, portanto, acho preferível que não exista censura e que cada jornal tenha consciência das suas obrigações e das suas limitações, de maneira a terem uma abertura suficiente para que todas as correntes se possam manifestar.

Missão insubstituível de informação e de formação

JOSÉ MANUEL TENGARRINHA — Eu estou de acordo com as linhas gerais traçadas sobre a missão da Imprensa e as condições fundamentais a que ela deve obedecer para cumprir essa missão. Parece-me, no entanto, que seria bom destacar aqui, que na actual situação dos meios de Informação de que a humanidade dispõe, que a missão da Imprensa, tanto no aspecto formativo como informativo, parece ser neste momento insubstituível; quer dizer, a Imprensa tem mui mais possibilidade do que a Rádio, a Televisão ou qualquer outro meio informativo de fornecer os acontecimentos com uma nitidez e com uma riqueza de pormenor que poderá ajudar a uma compreensão muito mais profunda do acontecimento; por outro lado, dentro da sua missão formativa, e



José Manuel Tengarrinha

numa linha mais doutrinária, a Imprensa terá possibilidade, através de uma longa exploração dos argumentos que fundamentam as diversas atitudes, de esclarecer muito mais perfeitamente o leitor sobre a razão de determinada atitude e de determinados argumentos.

SPORTING: 14-0 EM QUATRO JOGOS

Mantém-se os tons verdes do campeonato. O Sporting continua «leader» da classificação sem que após a 4.ª jornada, a sua baliza tivesse sido violada. Mas, para além desse indicativo de segurança, de impenetrabilidade o ataque dos «leões» prossegue numa impressionante rota de produtividade que o situa como o mais eficiente do torneio: 14 tentos, até onem, obtidos

Como se esperava e, aliás, está dentro das suas tradições, o Barreirense, no seu estádio quis «bater o pé» ao guia. E convenhamos que a sua resistência (de que Bento foi o mais elevado expoente) no decurso dos quarenta e cinco minutos iniciais chegou a causar apreensões nas hostes «leoninas», mais exactamente entre os adeptos, uma vez que, no rectângulo, os jogadores, mantiveram uma impressionante serenidade e confiança na força do seu futebol, que acabou, precisamente, por vir ao de cima, quando as forças físicas barreirenses não puderam calar o cada vez mais «allegro vivace» executado pela harmoniosa equipa sportinguista.

Na «première» de sabado, o Benfica em claro retorno de forma, a que a presença de Eusébio dá uma expressão de forte sinal positivo, desembaraçou-se, talvez com inesperada ligeireza, da Académica, uma Académica que foi uma saudosa recordação dequelou-tra de futebol cerzido, apoiado, alegre.

Surpresa em Guimarães? Talvez não. O incaracterístico começo de prova do Vitória minhoto não poderia ser tão rápidamente debelado, pese ao saber de Fernando Caiado. Por outro lado o êxito obtido pode ser aproveitado por Mário Wilson para definitivamente afastar da sua

(Continua na 7.ª página)

Aconteceu no jogo Barreirense-Sporting e esta imagem é elucidativa. Por diversas vezes o rectângulo do Estádio D. Manuel de Melo viu-se envolto por densas camadas de gases originários das numerosas fábricas existentes na laboriosa vila da margem esquerda do Tejo. Por sugestão e noutro tom poderemos dizer também que o Sporting caminha a «todo o gás» para a conquista de um título, ainda distante, é certo, mas que é a meta que os «leões» se propõem alcançar.

«A TODO O GÁS»

VIGOR VESTIDO DE AZUL

Excelente vitória, alcançando-a o Belenenses em Guimarães. A equipa de azul soube aproveitar as oportunidades de marcar (dois golos de Camolas) e defendeu depois a vantagem com o vigor que esta imagem documenta

NO PARIS-TOURS

AGOSTINHO E MIRANDA

—CLASSIFICAÇÕES MODESTAS

Leonel Miranda em 66.º e Joaquim Agostinho em 76.º — classificações dos dois portugueses no clássico Paris-Tours, o que apresentado só nesta fria linguagem dos numeros, sugere fraca e desoladora actuação. Porém, todas as corridas de bicicleta têm a sua história e, com esta, assim sucedeu: uma fuga de um grupo de belgas muito cedo ainda, não teve correspondência imediata por parte do grosso do pelotão. O tempo e os quilómetros foram passando, os homens da frente não abrandaram de esforço e a prova decidiu-se. Muitos «ases», cá atrás, foram demasiadamente passivos e os dois portugueses vieram com eles. Na fase derradeira, quando o andamento aumentou, fez-se uma certa selecção, o que permitiu a Leonel Miranda ganhar dois minutos e seis segundos a Agostinho. Classificações que não têm a modéstia sugerida pelos lugares, pois com os dois estradistas portugueses vinham dois numerosos pelotões.

Em resumo: actuação que não teve o impacto dos grandes cometimentos, mas que se situou na regularidade.

O vencedor, Van Springel, gastou 6 h, 38 m e 43 s para percorrer 286 quilómetros. Tempo de Miranda: 6 h, 48 m e 32 s; de Agostinho: 6 h, 44 m e 38 s.

O FUTEBOL VIAJA

Outubro começa (futebolísticamente) com excepcional actividade internacional ao nível de clubes.

No dia 1, nada menos de cinco equipas portuguesas defendem a sua posição. O F. C. Porto é o unico que joga em casa. Recebe o Hvidovre, para a «Taça das Feiras» e, como ganhou na Dinamarca, espera-se que repita o êxito.

Dos que se deslocam, o Sporting é o que parte com maior vantagem: 4 golos, que devem bastar para convencer o Lask, da Áustria. O Benfica, que vai a Copenhaga, e o Vitória de Setubal, que viaja até Bucareste, transportam a mesma diferença favorável: 2 tentos. Mais árdua parece a tarefa dos sadinos, pois o Rapid apresenta melhores credenciais que o Boldklub.

Por seu turno, a Académica tentará desfazer favoràvelmente, na Finlandia, o empate de 0-0 que o Kuopion levou de Portugal.

Finalmente, no dia 2, o Vitória de Guimarães, com um golo á maior, terá de lutar muito para superar o Banik, da Checoslováquia.

Seis encontros em dois dias — algo de notável, sem duvida.

QUARTA-FEIRA: K. B. (Dinamarca)-BENFICA; KUORPION (Finlandia)-ACADÉMICA; LASK (Áustria)-SPORTING; RAPID (Roménia)-V. SETÚBAL; e F. C. PORTO-HVIDOVRE (Dinamarca).

QUINTA-FEIRA: BANIK (Checoslováquia-V. GUIMARÃES.

Uma novidade em viagens da muito viajada equipa do Benfica: a presença de Artur Jorge

Domingo vazio

Houve futebol, isso sim. Mas para além do chamado «jogo das multidões», o domingo desportivo apresentou-se de um tal vazio que pode servir de legenda a este errado desporto português. Futebol — e quase nada mais. E no próprio futebol, o grande movimento, o vigoroso entusiasmo, são qualidades que não podem festejar-se no numero de jogadores que ontem o praticaram, mas sim endereçá-las ás grandes assistências que acorreram para os aplaudir ou invectivar.

Se os apaixonados pelo desporto não estivessem, em Portugal, mais ou menos «ambientados» a este estado de coisas, se o hábito não fizesse lei, olhariam em redor e sentiriam uma grande mágoa por tudo isto. Assim, vamos andando. Só quando chega a altura dé «comparar» com o que se passa «lá fora» é que se lamenta o atraso, o tempo perdido, os dias vazios que são reflexo de muita coisa vazia.

M. Z.

O FUTEBOL PORTUGUÊS E OS JOGADORES BRASILEIROS

A propósito de um artigo de Alves Henriques sobre os treinadores e jogadores estrangeiros no futebol português, recebeu aquele nosso colaborador uma carta de Pimenta Machado, o conhecido entusiasta do futebol que «mandou» para Portugal vários jogadores de boa capacidade.

Dado que Pimenta Machado sugere a publicação dessa carta, que efectivamente contém matéria de interesse, aqui fica o seu depoimento:

«*Tive hoje a satisfação de ler no «Diário de Lisboa,», edição de 7 de Setembro o artigo escrito por V. Sª., sobre o título «Jogadores e Treinadores Estrangeiros». Cujo tema é pelo seu conteúdo um aviso ou um chamamento a verdade a todos os clubes portugueses que normalmente procuram se reforçar com elementos estrangeiros, deixando ao ostracismo elementos portugueses, quer sejam técnicos ou jogadores, que pelo facto deixam de ter a sua oportunidade em prejuízo do próprio futebol português, tão necessitado de valorizar seus atletas para poder ombrear com as demais nações. Realmente, foram oportunas as vossas considerações sobre todos aqueles que em épocas passadas muito contribuiram para o desenvolvimento do futebol português, como os argentinos, húngaros e brasileiros. Profundo conhecedor como sou do futebol português, em face das ligações que mantinha com o Vitória S. C. da cidade de Guimarães, onde vivi cerca de 20 anos, consequentemente pude acompanhar a evolução extraordinária desse mesmo futebol, que há bem pouco tempo se cobriu de glória quando obteve o honroso terceiro lugar da Copa do Mundo, tendo na oportunidade eliminado o escrete do meu país: o Brasil. Assim, desejo parabenizá-lo pelas considerações que teceu aos jogadores Caiçara, Edmur, Carlos Alberto, José Morais, Faustino, atletas que foram para Portugal face a minha indicação e que muito contribuiram para elevar o nivel técnico do futebol português numa contribuição, de certo modo modesta, mas que ainda hoje são relembrados por terem sido autênticos «craques». Infelizmente agora verifico que empresários que visam sòmente lucros, estão conseguindo, simultâneamente diminuir o valor do futebol português e do meu próprio país. É caso para perguntar: que ideia fará o «torcedor» português ao ver se exibir os atletas que ùltimamente têm ido para o vosso país? Certamente que chegarão a triste conclusão, como está pobre de valores o futebol brasileiro... O mesmo acontece com os nossos «torcedores» quando tomam conhecimento pela Rádio e pela Imprensa locais dos nomes daqueles que estão a caminho da terra lusa, a título de reforços. Portanto, não me causa estranheza que em breve os dirigentes federativos do futebol português tomem providências no sentido de salvaguardar não sòmente os interesses financeiros dos clubes, como o próprio prestigio desse mesmo futebol. Não obstante esta consideração, ùltimamente têm sido citados nomes de jogadores brasileiros que se se tivessem transferido para o vosso futebol, certamente levariam a mensagem da pujança do actual futebol brasileiro, como Dário, do Atlético Mineiro; Da Silva, do Racing de Buenos Aires; Nino, do Náutico do Recife; Erandir, do Fortaleza do Ceará; Carlinhos, do Baia; Fernando Santana, do Santa Cruz do Recife, etc.*

Infelizmente o alto valor pedido pelos seus passes impede a concretização dessas transferências que seriam sensacionais. Sobre os técnicos brasileiros que ùltimamente estiveram ou estão em Portugal a serviços de clubes portugueses, sòmente um nome merece ser citado: Jorge Vieira. Infeliz na sua passagem pelo Belenenses, culminando com um absoluto sucesso quando esteve no Vitória Sport Clube, de Guimarães. Na referida colectividade, o mesmo teve oportunidade de provar os seus conhecimentos de bom técnico, aliado a experiência adquirida quando esteve no Belenenses, factor positivo para o seu sucesso no futebol português.

Yustrich, Flávio Costa e Otto Glória, especialmente este último, nomes que não necessitam de comentários. Os serviços prestados pelos citados treinadores ao futebol português não poderão jamais ser esquecidos, pois todos deram a sua parcela no desabrochar do amadorismo para um profissionalismo autêntico. Para mim, Otto Glória, o único dos três nomes mencionados ainda no vosso país, é pertença e glória do vosso futebol.»

OS MARCADORES DA 2. DIVISÃO

ZONA NORTE

Vilanova (Marinhense)	5
Naftal (Espinho)	3
Cleo (B.-Mar)	3
Varela (Salgueiros)	2
Iauca (Salgueiros)	2
Hugo (T. Novas)	2
Serranito (T. Novas)	2
Louro (Sanjoanense)	2
Soares (B.-Mar)	2
Nelinho (B.-Mar)	2
Silva (Tirsense)	2
Adé (Sanjoanense)	2
Paxim (Gouveia)	2

COM UM GOLO — Freitas, Videira e Vieira (Sanjoanense); Peixoto, Leonardo, Quim e Luís Pereira (Famalicão); Taco, José da Costa, Monteiro e Ferreira (Salgueiros); Rial, Borges, Nogueira e Vicente (T. Novas); Artur Augusto, Vítor Silva, Sá, Daniel e Gregório (Vizela); Amadeu, Jesus, Rui Ernesto, Chico e Romão (Lamas); Carapinha (Marinhense); Martinho, Sousa e Ramos (Leça); Ernesto, Jóia e Carlos Manuel (Tirsense); Virgílio, António Alfredo, Carolino, Morais Alves e Louro (Ac. Viseu); Feliciano, Julio e Araujo (Gouveia); Meireles, Leandro e Momade (Espinho); Rosendo, Garcia e Pereira (Penafiel); nas próprias redes: Almeida (B.-Mar), Bruno (T. Novas), Artur Augusto (Vizela) e Graça (Penafiel).

ZONA SUL

Nelson (Farense)	5
Rodrigues (Torriense)	3
Julião (Sesimbra)	3
Campinense (Peniche)	3
Carvalho (Oriental)	3
Mendes (Torriense)	3

COM 2 GOLOS — Francisco Mário (Sesimbra), Ludovico (Farense), Gomes (Tramagal), Marquitos e Sérgio (Sintrense), Jeremias (Luso); João (U. Santarém); e Raimundo (Atlético).

COM UM GOLO — Ramos, Luz, Évora e Pacheco (Portimonense); Ramusga e Costeiro (Oriental); António Carlos, Góis, Sá, Quintas e Narciso II (Torriense); Carlos Pereira e Julio (Sesimbra); Cunha Velho, Norberto e Luís (Peniche); Rangel e Armando Julio (Montijo); Artur Jorge, Lampreia e Testas (Farense); Mendes (Tramagal); Madeira e Gomes Ferreira (Sintrense); João Gaspar e Formiga (Atlético); Carlos Alberto (Luso); Carvalho e Jorge (Seixal); Medeiros (U. Santarém); Costa, Piçarra e Vasco (Lusitano); nas próprias redes: José Augusto (Montijo); Mendes (U. Santarém); Ferreira (Peniche) e Coelho (Lusitano).

Ciclismo internacional

A VOLTA À FRANÇA «N.º 2» DEVE (NO PRÓXIMO ANO) ACABAR EM ESPANHA

* Em França é assim. Mal termina uma «Volta» logo os seus organizadores principiam a trabalhar com vista ao ano seguinte. Foi o que sucedeu agora com a «Volta á França do Futuro», Ao terminar a sua 9.ª edição logo os promotores do famoso «Tour» se pronunciaram sobre os seus projectos para a prova de 1970. Assim foi anunciado que o «Tour-2» terá no próximo ano o seu final numa cidade próxima dos Pirenéus, possívelmente, em Espanha. E se assim for tudo indica que será San Sebastian a cidade eleita.

* *Os italianos também pensam já na sua «Volta do Futuro, cuja realização foi já anunciada para o mês de Maio. A prova terá 12 etapas e os italianos propõem-se participar com cinco equipas — duas nacionais e três regionais. A participação estrangeira será também numerosa.*

* O corredor belga Ferdinand Bracke deslocar-se-á brevemente ao México com o objectivo de arrebatar a Ritter o recorde mundial da hora. Ritter, por seu turno, já anunciou também que, no caso de Bracke lhe arrebatar o título, irá ao México com o mesmo propósito. Bracke leva para o México uma numerosa comitiva, composta por trinta pessoas, entre os quais o director da firma comercial francesa que representa.

* *Bahamontes vai formar uma equipa profissional para a próxima época, tomando assim o lugar da «Fagor» que anunciou já a sua intenção de dissolver a sua equipa. Os ciclistas da «Fagor» já foram abordados por um representante de «La Casera» e seis deles aceitaram a proposta que lhes foi feita. São eles: Mariano Diaz, Lopéz Rodriguez, Santamarina, Perurena e os dois irmãos Galera. A nova equipa conta ainda com Ascasibar e Valera. Bahamontes está também em negociações com Jesus Manzaneque e Lasa I. A equipa será dirigida por Moreno Casinero.*

Futebol português

dia 5, em Paris

PARIS, 29 — (A. N. I.) — o dia 5 de Outubro inicia-se o campeonato francês da segunda divisão de amadores. A equipa de futebol da Associação Nacional dos Portugueses na França (A. N. P. F.) recebe, no seu campo, o estádio municipal de Montbauron, em Versalhes, o conjunto do «Septieme Asa», como jogo preliminar do encontro internacional Sporting Clube de Portugal-Red Star.

TAÇA DE PORTUGAL

HOJE: SORTEIO DA 2.ª ELIMINATÓRIA

A Taça de Portugal deu ontem o seu primeiro passo, numa só «mão» em que participaram as equipas que constituem a 3.ª Divisão nacional e cujo campeonato ainda se não iniciou.

Nestes primeiros confrontos os concorrentes foram agrupados segundo as zonas a que pertencem, formando bloco as turmas da série A e B tal como as das séries C e D.

Recordemos os resultados desta eliminatória podendo assim verificar quais os clubes que disputarão a eliminatória seguinte cujo sorteio se efectua ás 18 horas de hoje na Associação de Futebol de Lisboa:

Zonas A e B

Covilhã-Mirandela	8-0
Penalva do Cast.-Lamego	0-5
Régua-Mortágua	7-0
«Os Marialvas»-Moncorvo	9-1
Alba-«Os Limianos»	2-0
Chaves-L. Vildemoinhos..	2-1
Rio Ave-Guarda	3-0
Gil Vicente-U. Coimbra...	0-1
Gonçalense-Fafe	0-5
Lourosa-Riopele	1-1
Ala Arriba-Bragança	4-0
D. Aves-Oliveirense	2-1
Vianense-Vale-Cambrense	2-0
S. P. Cova-Pinhelense	5-0
Avintes-Feirense	1-0

Zonas C e D

C. Piedade-Calipolense...	6-1
Portalegrense-Amora	3-0
Alhandra-D. Beja	0-1
Casa Pia-Grandolense	2-1
Juventude-Estoril	4-1
Naval-Faro e Benfica	6-1
«Os Nazarenos»-U. Sport	7-3
Alcanenense - Olhanense	1-3
Aljustrelense-Odivelas	2-3
Almada-Sacavenense	1-2

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Higiene perfeita da sua dentadura postica!

Num copo com água, ponha a sua dentadura postiça e uma pastilha COREGA. Instantâneamente a água torna-se azul e o oxigénio puro e activo de COREGA provoca uma forte efervescência que limpa completamente as próteses dentárias, até nos pontos menos acessíveis.

A novidade em COREGA consiste no facto da água permanecer azul durante a operação de limpeza, tornando-se límpida ao fim de alguns minutos, sinal de que a sua dentadura está já perfeitamente limpa.

COREGA TABS dá-lhe, em pouco tempo, a certeza de ter a sua dentadura postiça impecável, inodora e duma brancura extrema.

COREGA® TABS
Utilize também o pó fixativo COREGA

Representantes em Portugal:
Est. Jerónimo Martins & Filho, Lda.
Rua Ivens, 57 - 2º - Lisboa.

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO
PORTUGUÊS

- PROFESSORES DA NACIONALIDADE ALTAMENTE QUALIFICADOS
- MÉTODOS ACTUAIS C/ LABORATÓRIO DE LÍNGUAS E OUTROS MEIOS AUDIO-VISUAIS
- PROGRAMA SOCIAL
- CURSOS PROLONGADOS · INTENSIVO DE ESPECIALIZAÇÃO (Médicos, engenheiros) PARA PROFESSORES

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES:
RUA MARQUÊS SÁ DA BANDEIRA, 16
(Junto à estação do Metro de S. Sebastião)
Telefs. 51496-534054-534052

2.ª DIVISÃO — ZONA NORTE

SANJOANENSE NO 1.º LUGAR

O panorama que se observava na vanguarda da classificação da Zona Norte, sofreu profunda transformação com os resultados ontem verificados.

Do quinteto que encimava a tabela, todos com o mesmo numero de pontos (4), destacou-se a Sanjoanense, graças á substancial vitória (4-0) alcançada ontem, sobre o Torres Novas, que assim foi relegado para a segunda metade da classificação.

A turma de S. João da Madeira que comanda agora, isolada, com um ponto de vantagem sobre um quarteto, constituído pelo Beira Mar, Salgueiros, Tirsense e Famalicão, forma com esta ultima, o par de equipas que conservam ainda intacta a sua invencibilidade. A carreira da Sanjoanense nestas primeiras quatro jornadas exprime uma evolução de capacidade com sinal francamente positivo. Depois dos empates por 1-1 com o Penafiel e o Famalicão, foi ganhar a Viseu (2-1) para desfeitear ontem os torrejanos por 4-0, «score» que traduz o intenso domínio exercido mormente na segunda parte em que alcançou três tentos.

A defesa de Évora anulou esta tentativa dos alcantarenses

O Vizela foi também arredado do quinteto que na passada semana comandava a classificação, ao perder em Aveiro por 0-3. Os aveirenses ascenderam, assim, ao grupo dos «segundos», de parceria com o Tirsense, vencedor do U. Lamas, por 3-1, não obstante a resistência dos visitantes só ter sido vencida cerca da meia hora com o primeiro tento na transformação de uma grande penalidade.

Os salgueiristas encontraram sérias dificuldades na visita aos seus vizinhos de Leça da Palmeira. Ao fim e ao cabo lograram empatar a uma bola, mas os leceiros, que foram os primeiros a marcar, ofereceram tenaz resistência á esforçada dianteira visitante.

O Penafiel continua investido no indesejável papel de «lanterna vermelha», com o ponto solitário que conseguiu na primeira ronda frente á Sanjoanense. Ontem averbou a sua terceira derrota, desta feita no campo do Gouveia, por 1-3.

Além do que se verificou em Leça da Palmeira, a jornada forneceu mais dois empates: no Espinho-Marinhense (0-0) e no Famalicão-Viseu (2-2). Neste ultimo encontro os donos do campo chegaram a 2-0, mas depois de termos o «pássaro» na mão deixaram-no fugir...

A posição da Sanjoanense no comando da tabela não pode considerar-se ainda firme, nem a actual escalonamento das equipas na pauta, reveste por enquanto, verdadeiro significado quanto ás suas reais possibilidades. Basta passar em revista o panorama que a classificação nos oferece, com quatro equipas empatadas no segundo lugar, logo seguidas por um grupo de cinco clubes com menos um ponto e logo mais três com um escasso ponto de diferença. O Penafiel é de todos aquele que perdeu mais terreno...

CURIOSIDADES

■ Mais três empates. Neste momento apenas o Gouveia, Torres Novas e Vizela, ainda não conheceram a igualdade. O Famalicão é o campeão dos empates (3).

■ A jornada de ontem ficou assinalada com uma expulsão, facto sempre lamentável, especialmente como foi a do penafidelense Nelson, por agressão a um adversário.

■ Registou-se uma grande penalidade que foi convertida em golo. Transformou-a Silva, no primeiro tento do Tirsense no desafio com o U. Lamas.

■ Dois jogadores bisaram na marcação de golos: Paxim (Gouveia) e Adé (Sanjoanense).

■ O Famalicão teve uma tarde pouco feliz. Não só porque esteve a ganhar por 2-0 e consentiu o empate, mas porque logo a seguir ao primeiro golo viu a bola esbarrar por duas vezes nos postes da baliza dos visienses.

■ O Beira Mar e Salgueiros possuem os ataques mais realizadores, pois em quatro jornadas conseguiram 9 golos. Já a defesa do Espinho é a mais vulnerável da prova, tendo consentido 13 golos nos primeiros três jogos do Campeonato.

2.ª DIVISÃO — ZONA SUL

UM QUARTETO NA VANGUARDA

Torriense e Oriental tiveram as honras da jornada, pois ganhar em campo alheio é sempre proeza digna de realce. É bem conhecida a importância do factor casa. Por isso se põe em relevo o feito destas equipas, tanto mais que foram as únicas no conjunto das duas zonas que lograram semelhante êxito.

Os torrienses foram ganhar a Santarém por 2-0. O confronto apresentava-se difícil para os visitantes, mas uma inadvertida infracção do defesa local, Tito que num lance infeliz provocou «penalty», abriu caminho á vitória da turma de Torres Vedras.

Os orientalistas lograram triunfar em Sintra pela tangente (1-0), mas com um pouco de menos infelicidade em jogadas cruciais poderiam ter regressado a Marvila com uma vantagem mais confortável, pois Vasconcelos teve um remate á trave e Vitor Lopes perdeu também uma ocasião flagrante.

Nos restantes cinco encontros prevaleceu a vantagem das equipas visitadas.

O resultado mais expressivo, numa jornada fraca em golos (14), pertenceu ao Atlético ao derrotar na Tapadinha o Lusitano, por 5-1, embora um desses tentos (o 4.º) tivesse sido «oferecido» pelo defesa alentejano Coelho.

Seguiu-se o Farense com 2-0 ao Luso e depois o mínimo 1-0 nos outros três desafios. Ao Seixal valeu uma saída em falso do guardião montijense Redol para se colocar em vencedor. Peniche e Portimonense viram-se em apuros respectivamente contra o Tramagal e o Sesimbra, pois atingiram o intervalo com o marcador em branco.

Quatro equipas comandam a classificação com seis pontos numa demonstração de equilíbrio de forças que adensa o véu da dúvida quanto ao possível desfecho desse despique. Mas lá estão na frente o Torriense e o Oriental, as «vedetas» da jornada de ontem.

Logo a seguir a esse quarteto da vanguarda, um par de respeito: Farense e Atlético.

Portanto seis equipas que podem englobar-se no mesmo lote consideradas como, de momento, as mais sérias pretendentes a um comando isolado.

Destes seis grupos, porém, um se apresenta como, provàvelmente, o mais perigoso. Referimo-nos ao Portimonense, a única equipa que ainda não foi derrotada. Mas, há que atentar no Farense, pois trata-se da equipa mais realizadora. Ainda não passou uma jornada em branco e já vai com onze golos marcados.

CURIOSIDADES

■ Foi assinalado um «penalty». E, contra o que é hábito, a favor da equipa visitante. Beneficiário — o Torriense. Causa: o escalabitano Tito meteu mão á bola dentro da grande área.

■ Dos marcadores da jornada o alcantarense Raul foi o único a bisar.

■ O eborense Coelho foi o outro infeliz da jornada. Ao tentar interceptar um lance introduziu o esférico nas suas redes.

■ Três equipas ainda não conheceram a alegria da vitória: Luso, Santarém e Lusitano.

■ O Tramagal já leva três jornadas consecutivas sem marcar.

■ O Lusitano é a equipa com a defesa mais permeável, com 12 golos consentidos.

CLASSIFICAÇÃO DA 1.ª DIVISÃO

	EM CASA						FORA						TOTAL					
	J.	V.	E.	D.	G.	P.	J.	V.	E.	D.	G.	P.	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Sporting	2	2	—	—	9-0	4	2	2	—	—	5-0	4	4	4	—	—	14- 0	8
Benfica	2	2	—	—	8-0	4	2	1	—	1	1-2	2	4	3	—	1	9- 2	6
União de Tomar	1	1	—	—	4-2	2	3	1	1	1	3-7	3	4	2	1	1	7- 9	5
Belenenses	2	—	1	1	1-2	1	2	1	1	—	3-2	3	4	1	2	1	4- 4	4
F. C. Porto	2	1	1	—	5-4	3	2	—	1	1	2-3	1	4	1	2	1	7- 7	4
C. U. F.	2	1	—	1	3-3	2	2	1	—	1	4-5	2	4	2	—	2	7- 8	4
Vitória de Setúbal	2	1	—	1	2-3	2	2	—	2	—	3-3	2	4	1	2	1	5- 6	4
Varzim	2	1	1	—	3-1	3	2	—	1	1	0-3	1	4	1	2	1	3- 4	4
Braga	3	1	2	—	5-3	4	1	—	—	1	0-4	0	4	1	2	1	5- 7	4
Académica	2	1	—	1	4-3	2	2	—	1	1	3-6	1	4	1	1	2	7- 9	3
Boavista	2	1	1	—	5-4	3	2	—	—	2	3-6	0	4	1	1	2	8-10	3
Guimarães	2	—	1	1	1-2	1	2	1	—	1	1-5	2	4	1	1	2	2- 7	3
Leixões	2	1	—	1	2-1	2	2	—	—	2	2-5	0	4	1	—	3	4- 6	2
Barreirense	2	—	—	2	3-7	0	2	1	—	1	5-4	2	4	1	—	3	8-11	2

CLASSIFICAÇÕES

ZONA NORTE

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
SANJ.	4	2	2	—	8- 3	6
Beira-Mar	4	2	1	1	9- 5	5
Salgueiros.	4	2	1	1	9- 6	5
Tirsense	4	2	1	1	5- 4	5
Famalicão	4	1	3	—	4- 3	5
Gouveia	4	2	—	2	5- 4	4
Marinh.	4	1	2	1	4- 4	4
Leça	4	1	2	1	3- 3	4
T. Novas.	4	2	—	2	8- 9	4
Vizela	4	2	—	2	6- 8	4
Lamas	4	1	1	2	5- 6	3
A. Viseu	4	1	1	2	5- 6	3
Sp. Esp.	4	1	1	2	7-13	3
Penafiel	4	—	1	3	4- 8	1

ZONA SUL

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
TORRI.	4	3	—	1	10- 5	6
Oriental	4	3	—	1	6- 2	6
Peniche	4	3	—	1	6- 2	6
Portimon.	4	2	2	—	6- 4	6
Farense	4	2	1	1	11- 7	5
Atlético	4	2	1	1	8- 4	5
Sesimbra	4	1	2	1	7- 5	4
Montijo	4	2	—	2	3- 6	4
Seixal	4	2	—	2	2- 5	4
Tram.	4	1	1	2	3- 3	3
Sintr.	4	1	1	2	6- 7	3
Luso	4	—	2	2	3- 8	2
Santarém	4	—	1	3	3- 7	1
Lusitano.	4	—	1	3	3-12	1

A. F. L.

CAMPEONATO DE JUNIORES

Abstraindo dois resultados (Sporting - Casalense, 7-0 e Odivelas-D. Olivais, 5-0), a 3.ª jornada do «Distrital» de Juniores da 1.ª Divisão, da A. F. L., proporcionou, de certo modo, um equilíbrio de forças, aliás, fácilmente traduzível pelo débito de golos marcados em relação á jornada anterior.

Como «cartaz» dominante da jornada, o jogo Belenenses-Atlético, que os alcantarenses tão bem souberam tornear ao impor no Restelo, aos «azuis» mais um empate (1-1) o mesmo sucedendo ao Sintrense que no seu burgo, também, não foi além de uma igualdade (1-1) frente á aguerrida turma do Estoril. Ainda, na série A, a derrota do Algés, em Cascais, pela diferença mínima (0-1) é proeza para destacar. Atinando pelo mesmo diapasão, E. Amadora e Casa Pia ganharam por 3-0, com vantagem para os «gansos» que venceram fora (Oeiras).

Na série B, o D. Olivais ao defrontar o Odivelas somou uma derrota por 5-0, «goleada» que se aceita na medida em que a defesa lisboeta não teve «pernas» para travar o passo aos «arietes» contrários.

No Campo Grande, os avançados do Benfica não demonstraram grande «engodo» pela baliza e assim a derrota do Oriental não foi além de um simples 3-1.

Em Sacavém, o Vitória, logrou vencer a equipa local, por 2-1, contrariando, assim, os vaticínios de muito boa gente.

A aguerrida equipa do Alhandra embora cedendo dois pontos fez, porém, «sofrer» o Loures (1-0). Por seu turno, o Alverca, apenas, logrou vencer, em casa, por um «modesto» 2-0, o Bucelenses, nada impressionável.

Como nota predominante nesta série, o empate que o Torriense impôs na Malveira (1-1), que traduz, de certa maneira, o empenho posto na luta pelas duas equipas.

Classificação:

SÉRIE A — 1.º Sporting (16-1), 9 pontos; 2.º E. Amadora (8-3), 8; 3.º, Belenenses (6-2) e Cascais

(Continua na 7.ª página)

Lourenço, como mandam os canones, cabeceia o esférico de cima para baixo, perante a admiração do seu companheiro Pedras

BARREIRENSE, 0-SPORTING, 3

A RECUSA E A DÁDIVA

Querer é poder. Mas nem sempre esse querer é bastante. Nem sempre a força que advém do impulso da vontade é suficiente para contrariar outras, alicerçadas no raciocínio e noutros atributos que distinguem as forças autênticas do futebol.

Foi exactamente esse o quadro que se apreciou no campo D. Manuel de Melo, no Barreiro, onde o Barreirense impusera a si próprio a tarefa de travar a marcha vitoriosa do Sporting, neste seu estonteante princípio de campeonato.

E se o Barreirense quis!... Utilizando logo a partir do minuto inicial a «toada heróica» que se adivinhava, iria ser o seu principal argumento; dominados os seus jogadores pelo pensamento de que chegar primeiro á bola era o essencial e, a par disso, tentando em surtidas contra-atacantes surpreender o antagonista; buscando um golo que lhe servisse de estímulo para maiores empreendimentos e causasse a perturbação contrária; o Barreirense, diziamos, foi generoso, foi aplicado, pôde, mercê dessas qualidades, «segurar» a maior capacidade colectiva e individual do Sporting. O seu querer porém não foi bastante para vencer. O seu espírito de luta não bastou para ganhar. O Barreirense — repetimos — quis. Mas não pôde.

Nelson marca o 3.º golo

Bento: herói da resistência

Para as «nulidades» de que enfermou o ataque verde-branco durante sessenta e seis minutos só uma razão existe: Bento.

Com efeito, o guarda-redes do Barreiro foi o obstáculo intransponível, o unico homem que se não deixou bater, gritando durante a primeira parte, e por uma boa meia duzia de vezes, um categórico e inflexível NÃO aos lances criados pelos homens do meio campo do Sporting para Nelson ou Márinho ou até para eles próprios, ainda que José Morais, por demasiado servil ás manobras da «armação», se esquecesse de explorar as amplas zonas do flanco direito do seu ataque e que a equipa visitada consentia.

Fernando Vaz, astuto e ardiloso, quando o adversário já se rotinara nos movimentos que exigiam a anulação de dois arietes (Márinho e Nelson) tentou o golpe táctico: meteu Lourenço na zona frontal. E actuando Nelson como verdadeiro extremo (pelos dois flancos) a defesa barreirense teve de distender-se a toda a largura do terreno e abrir fendas. Uma das quais por onde Márinho «entrou» para cabecear o 1.º tento do desafio.

Azar, sim. Mas também fadiga

Já então o Barreirense denunciara dificuldades para manter o ritmo vivíssimo imposto pelos contrários. Já os seus jogadores eram batidos no arranque, já se perdiam muitas jogadas de choque e de ressalto. Já os reflexos de Bento não eram tão relampejantes, afectados por um desgaste físico e psíquico que necessáriamente teria de reflectir-se no seu labor.

E quando menos se esperava, num lance aparentemente inofensivo, o guardião do Barreiro socou o esférico para a sua própria rede, na sequência de um canto de Peres. Apesar de culpado, terá de julgar-se com benignidade o infeliz jogador, tão brilhante fora a sua acção no decurso da primeira parte do jogo.

Depois, o «esbracejar» de alguns barreirenses manteve o interesse pelo jogo, mas já não restavam duvidas quanto ao vencedor. Se é que elas chegaram a existir ante o «feroz» cerrar fileiras da defesa «leonina» quando teve de intervir.

Num jogo de «fornalha» — dentro e fora do campo — Rosa Nunes foi um árbitro que soube ser, simultaneamente, compreensivo e intransigente. Aceitou os lances viris sem outro propósito que não fosse o de deixar jogar a bola. Mas quando se apercebeu de «más intenções» cortou cerce e a direito, desprezando mesmo a lei da vantagem. Mas salvou o jogo...

ENCARNAÇÃO VIEGAS

Homenagem aos andebolistas do Almada

O Almada vai organizar o já tradicional jantar de homenagem aos seus jogadores de andebol, que se realizará no próximo dia 9 de Outubro, num restaurante local.

As inscrições podem ser feitas na sede do clube e nos cafés Lagoa Azul e Calhandra.

MARCADORES

Na 4.ª jornada obtiveram 19 tentos (oito dos visitantes), os seguintes 16 jogadores:

DOIS TENTOS — Torres (Benfica), Pinto (F. C. Porto) e Camolas (Belenenses).

UM TENTO — Eusébio (Benf.), Marinho e Nelson (Sporting), Moura (Boavista), Costeado (Guimarães), Guerreiro e Vagner (Setubal); Horácio (Leixões), Palmeira (Braga), Tito (Tomar), Valdir e Rico (Varzim) e Bento (Barreirense) nas próprias redes.

Moura na vanguarda

Moura (Boavista)	6
Nelson (Sporting)	5
Torres (Benfica)	5
Tito (Tomar)	4
Pinto (Porto)	4
Néne (Académica)	3
José Carlos (Barreirense)	3
Marinho (Sporting)	3
Camolas (Belenenses)	3

COM DOIS GOLOS — Peres (do Sporting), Monteiro e Pedro (C. U. F.), Manuel António (Académica), Arlindo (Braga), Eusébio (Benfica), Horácio (Leixões) e Guerreiro (V. Setubal).

V. SETÚBAL

UM «SUSTOZINHO

Um «sustozinho» apanhou o Vitória de Setubal, ontem, no estádio do Bonfim, onde recebeu a visita do Leixões. Terá pensado que a partida seria travada suavemente, e que no final dos noventa minutos contaria mais dois pontos, alcançados sem dificuldades. Porém, saíram errados os propósitos de tranquilidade dos sadinos que, para arrancar o triunfo tiveram de suar, correr e defender o resultado, que lhes podia fugir a qualquer momento. Quando os locais obtiveram o segundo golo, a poucos minutos do intervalo, convenceram-se de que o resto seria muito fácil e, consequentemente, que seria menor esforço.

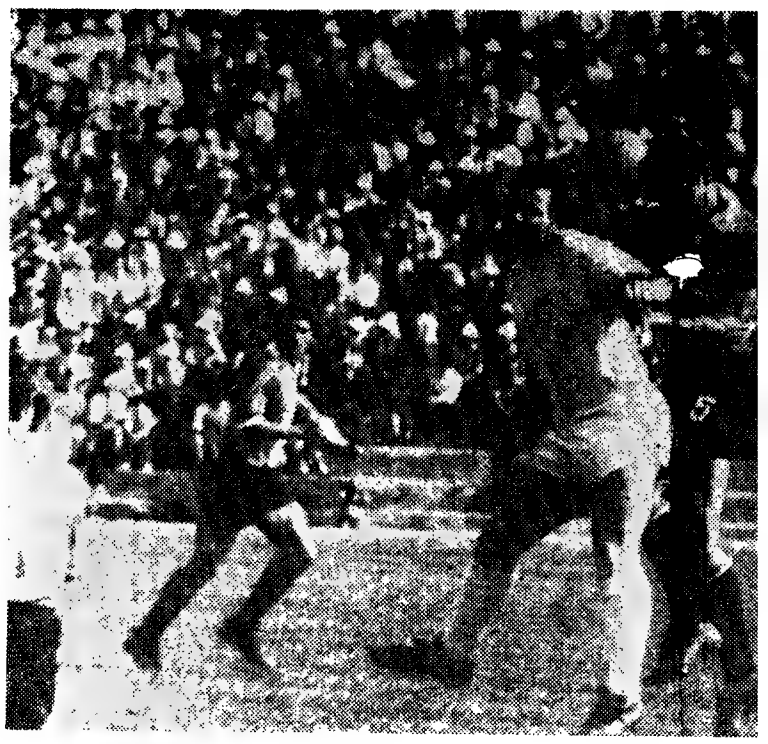
Não contaram, todavia, com o sistema «ronceiro» do Leixões, sistema a que a equipa nos habituou, e que tem dado frutos palpáveis. Os visitantes, dentro da toada que sabem desenhar e que surpreende os mais desatentos, trabalhando a bola com lentidão aguardando que um colega se desmarque, retendo o esférico com inteligência para, repentinamente lançar o contra-ataque, onde Horácio é o homem escolhido para o remate ás balisas contrárias, diminuiram a desvantagem para 1-2. Estiveram depois á beira de alcançarem a igualdade, o que a ter-se verificado o Vitória, certamente, teria maiores preocupações. Lembramos que, durante o ultimo trecho da contenda, não conseguiu deles qualquer outro golo.

O Vitória de Setubal não se exibiu bem. A sua defesa claudicou em muitas ocasiões, porque Conceição e Herculano, em tarde pouco afortunada, proporcionavam espaços tais que o adversário aproveitava sem rebuço. A movimentação deficientíssima da equipa, com excessos de passes laterais, permitiu ao Leixões criar uma barreira só lida, reforçada com seis e sete elementos, anulando os projectos segunda parte " Migue canjo (por lesão dest maior intenção ataca pontaria, com excepç que merecia melhor

O Leixões com o se boa estruturação, acal seu meio terreno, atr quando a entrar na contra-ataques. A acçã Raul, e a manobra cl dos na linha interm um dispositivo que Ge perfeito comando def

Apenas três golos estádio do Bonfim, p to foi anulado pelo á vida de que o guia Correia, de Faro, anu confirmado por Arca não devia ter estraga colega José Maria que pressionante, passou até o guarda-redes, f para dentro das baliza preende é que tenha i ty», três minutos depo falta de um defensor reiro, mas o lance fo bem visível. Surpreen bitro que, prontamente nal da grande penalid 2.º golo obtido por W

Se aquela precipitaç — não tivesse existido bitragem teria sido f direcção do jogo não para o que contribui das equipas.



Fogoso e combativo o ponta-de-lança vimaranense Mendes não tanto, demolir a muralha belenense, onde Murça foi sempre ob transpor

V. GUIMARÃES, 1-B

CAMOLAS — «A CHA

Foi quase nula a validade técnica do jogo de Guimarães. Vitória e Belenenses exibiram-se muito discretamente e salvo a fase final, em que houve emoção e velocidade, o desafio pouco ofereceu digno de verdadeiro interesse. Seria de aguardar mais de dois conjuntos em despique por supremacia momentanea, posto que ambos têm bons créditos firmados. A realidade demonstrou que os lisboetas estão já em fase de melhor apuro físico e globalmente mais ligados. Os minhotos encontram-se, ainda, longe do momento ideal e muitos dos seus elementos, alguns deles bastante categorizados, não se encontram em boa forma física.

De tudo se ressentiu o espectáculo, disputado em toada quase permanente de equilíbrio e pouca velocidade. Os Belenenses, come lhes convinha, aguardaram que o adversário tomasse iniciativas e não se deixando surpreender «espreitaram» atentamente a melhor altura para jogarem a sua sorte. Fizeram-no em contra-ataques bem conduzidos, sabendo aproveitar o adiantamento momentaneo dos defensores da casa para os culminarem com dois golos, todos eles «surpresa». Pode pois afirmar-se que o triunfo dos lisboetas no saber aproveitar as cas foram, que se depa Ao invés, no V Guima que, adiantado, fez o g dianteiros não foram nem um dos também que criaram.

Camolas foi a chave pela sua equipa, rubric tunidade os dois golos na totalidade o seu tra Luciano estorvou quant seus opositores. Restara ferência a Laurindo pela recimento que emprest do Belenenses. Como pouco haverá a destac dividuais dos vimarane Costeado, pelo que po quim Jorge pela regula pouco melhor d que

O árbitro, António Ga meiro trabalho em jogo desagradou, estando qu seguro nas suas interv

ENTRAL

ÚBAL, 2-LEIXÕES, 1

O»...

ojectos sadinos. Quando na Figueiredo substituiu Ar- o deste jogador) notou-se atacante, mas desacertada excepção dum unico lance lhor sorte.
m o seu futebol lento e de , acabou por «passear» no o, atrevendo-se de vez em r na zona adversária, em A acção do ex-benfiquista bra clássica de Bené situa- intermediária construiram ue Gentil completava, num o defensivo.
golos foram marcados no im, porque um outro ten- pelo árbitro. Não resta du- guia da partida sr. César , anulou (e bem) o tento Arcanjo. Aquele jogador stragado o esforço do seu da que, num arranque im- ssou vários adversários e les, fazendo rolar a bola balizas. O que não se com- enha inventado um «penal- depois. Houve, de facto, fensor leixonense, o Guer- ice foi fora da área, aliás preendeu a atitude do ár- amente, apontou para o si- enalidade. Assim, nasceu o por Wagner.
cipitação — assim julgamos xistido, diríamos que a ar- sido feliz, e dado que a o não teve dificuldades, tribuiu o comportamento

MÁRIO FRANCO

não conseguiu, no en- re obstáculo difícil de

S. 1-BELENENSES, 2

AVE»...

poetas encontrou o mérito r as oportunidades e pou- depararam ao seu ataque. Guimarães, foi um defesa o golo de honra, pois os ram capazes de concluir bém reduzidos momentos

have do sistema adoptado rubricando com rara opor- golos. Mourinho cumpriu eu trabalho e o irrequieto quanto pôde a acção dos estará fazer uma justa re- o pela quota parte de me- prestou ao primeiro golo omo já fizemos perceber, destacar das exibições in- aranenses, mas o defesa e porfiou, e Pinto e Joa- egularidade, estiveram um que os restantes colegas. io Garrido, fez o seu pri- jogos da I Divisão. Não do quase sempre certo e ntervenções.

ANGELO MOREIRA

Junto à «bandeirola de canto», três jogadores de Tomar (Kiki, Ferreira Pinto e Vieira — todos eles «ex-Benfica») tentam evitar a progressão do bracarense Palmeira

SP. BRAGA, 1-U. TOMAR, 1

ATACA MAL O ATAQUE DE BRAGA

No jogo de ontem, mais uma vez os bracarenses dei- xaram patenteada a inope- rancia confrangedora do seu ataque que, a continuar as- sim, **poderá** arrastar os ou- **tros sectores** a uma quebra **psicológica** e, concomitante- **mente, relegar** a equipa pa- ra ingrata posição.

O futebol bracarense está bem esplanado, sendo as jo- gadas gizadas com clarivi- dência pelos sectores recua- do e intermediário. Todavia, quando ao ataque, perdem os minhotos todo o discer- nimento interior, «morren- do» a maioria dos lances ofensivos — inglóriamente — na defesa adversária. Foi o que aconteceu ontem con- tra os tomarenses, como já se vira oito dias antes fren- te aos sadinos.

Nem a presença do brasi- leiro Betinho (ex-Flamengo, do Rio) conseguiu disfarçar essa fraqueza, muito embora se «sentisse» nos seus pés outra dimensão atacante. Com Adão longe da forma que o notabilizou, e Arlindo perdido em correrias e pi- cardias desnecessárias, a dianteira «arsenalista» fica limitada aos «sprints» de Palmeira, o que é indesmen- tívelmente muito pouco. En- fim, um problema «bicudo» para Frederico Passos.

No que se refere á exi- bição dos tomarenses, dire- mos apenas isto: muito bem. Realmente, exibiram-se com muito agrado, pertencendo- -lhes os bocados de melhor futebol. Dispondo as pedras do seu «xadrez» num perfei- to «4x3x3», o «onze» visitan- te jogou a seu bel-prazer, nunca estando em duvida a sua supremacia técnica ou táctica. Estiveram mesmo muito próximo da vitória, que não escandalizaria, mas que o veterano Alberto des- perdiçou perante os suspi- ros e alívios dos adeptos lo- cais. Constituída por ele- mentos voluntariosos e de bom tecnicismo, a equipa unionista poderá tornar-se a grande revelação da época.

No respeitante a nomes, destacamos Alípio, Leiria e Palmeira, nos minhotos, e Conhé, Kiki, Ferreira Pinto, Armando Luís, Tito e Vieira, nos visitantes. O ex-benfi- quista, então, alcandorou-se a plano de grande realce, constituindo a autêntica «do- bradiça» de toda a movi- mentação nabantina.

A arbitragem de Fernando Leite, afora o ostracismo votado á chamada lei da vantagem, situou-se **em bom** nível.

JOÃO LOURIVAL

VARZIM, 2-C. U. F., 0

JUSTIÇA E DESACATOS

O Varzim começou o jogo com o propósito bem evidenciado de assegurar com brevidade um resulta- do favorável. Os primeiros lances desenvolveram-se no terreno da CUF, e aos quatro minutos Sousa per- de a primeira oportunida- de de marcar para a sua equipa, o que já não acon- teceu com Valdir que pouco depois, recebendo da direita um passe primo- roso de Pena, dispara e bate, sem remissão, o guarda-redes da CUF. O grupo local, moralizado por este golo que foi se- quência de uma urdidura que teve princípio meio e fim, aumentou a pressão, desferiu sucessivos con- tra-ataques que a defesa cufista, apesar de bem es- calonada, não conseguiu deter, ou por vezes deti- nha com muito custo, até que Rico ao deambular na grande área dos visitantes e quando o adversário me- nos esperava, disparou um potentíssimo tiro que colheu de surpresa o guar- dião da CUF, fazendo as- sim o segundo golo do Var- zim.

Tinham passado vinte e oito minutos, e começou então a reacção dos visi- tantes, que não foi de me- lhor jogo ou de acutilân- cia sobre o terreno varzi- nista, mas de dureza que por vezes roçou pela vio- lência, surgindo então in- cidentes que empanaram um pouco o brilho do fu- tebol que os grupos vi- nham exibindo. Valdir colidiu casualmente com Castro, e quando o avan- çado varzinista lhe pedia desculpa, foi por ele cabe- ceado. Pouco depois, Pedro «varreu» Sousa, e mais não aconteceu porque a se- guir o árbitro dava por finda a primeira parte.

Balanceando esta fase de jogo, temos de concluir que a vantagem foi dos locais, que praticaram fu- tebol mais bem organizado e mais bem definido, e o resultado, mais que justo, só pecou pela sua escassez. A CUF, remetida um tan- to à defesa, não teve nos contra-ataques que desfe- riu qualquer êxito pela manifesta inoperância da sua linha dianteira, onde Fernando se apagou por demais vigiado.

No regresso ao terreno, o Varzim alterou o xadrez das suas peças, recuando Pena.

A pressão do Varzim continuava evidenciando melhor futebol, e a CUF voltou a endurecer o seu jogo, do que resultou o abandono de Marques após um chóque com Bambo, obrigando o varzinista a recolher ao hospital, e pouco depois Sousa seguiu o mesmo caminho, sendo um e outro substituídos por Serrão e Nunes Pinto. As quezilias que se segui- ram levaram o Varzim à retenção do esférico e a remeter-se até a uma de- fesa que se justificava, não só pelos dois golos que já tinha no seu activo, como pela ausência daque- les dois elementos que em grande parte foram a ba- se do seu ataque.

O jogo adquiriu equilí- brio, e terminou sem que a equipa cufista conseguisse abrir o seu activo, sendo justo salientar que em to- da a partida pouco ou na- da incomodou o guardião varzinista, a não ser em

Oportuno, firme e com a noção do tempo de en- trada ao «corte», o de- fesa cufista Bambo vai anular uma tentativa do varzinista Sousa

duas jogadas em que es- teve à beira de marcar, mas que foram colmatadas pelo guardião poveiro e por Sidónio, que salvou o golo sobre o risco da ba- liza.

A arbitragem de Rogério Moreira, de Braga, esteve bem, apenas com o senão de permitir demasiada du- reza de um e outro grupo.

AMÉRICO GRAÇA

F. C. PORTO, 2-BOAVISTA, 1

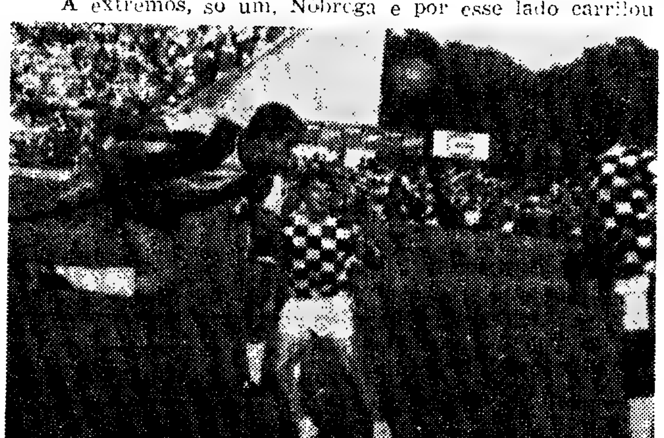
A VITÓRIA DO DESESPERO

Nas Antas o F. C. Porto voltou a estar... mal. Desta vez, como equipa, não chegou mesmo a ter o chamado «período bom» que lhe é tão peculiar. Desta vez nem isso...

Atenuantes: a viagem á Dinamarca, o desgaste de um jogo contra uma equipa de forte índice atlético e a determinação do adversário que por ser portuense pôs na luta muito «bairrismo».

A equipa ontem jogou sempre á «desgarrada», sem norte, dominando sobretudo no segundo tempo mas sem que do domínio nascessem abundantes ocasiões de golo.

A extremos, só um, Nóbrega e por esse lado carrilou



Ronaldo voa para a bola. O remate parte mas o golo não aparece

todo o jogo. Mudança de flanco quase foi lance esque- cido e daí um bom partido para a defesa do Boavista. Esta sem primores técnicos mas unida, e com Mário João excelente nos cortes altos foi anulando um e outro lance na área. E como de longe os remates saíram sempre tor- tos a Pinto, Lisboa e Pavão, os unicos que remataram, compreende-se que Quim tenha sido um guardião neces- sáriamente atento mas a bom dizer tranquilo.

Pelo contrário, Aníbal, por culpa de um defesa e «culpa» do ataque «axadrezado», muito mais rematador, viveu mais em aflição.

O Boavista no seu «3 : 3 : 4», ou «3 : 3 : 2 : 2», es- partilhou o duo Pinto-Ronaldo e como os «azuis-brancos» foram até á derradeira hora tremendamente lentos no arranque e sempre vencidos no corpo a corpo pela deci- são adversa, pôde aceitar-se o 0-1.

Sem primores mas estruturada na defensiva e afoita no ataque, a turma visitante vencia por mérito próprio aos 20 minutos do segundo tempo. Foi Moura, uma vez mais, o goleador.

Começou aqui a virtude do F. C. Porto. Sem rumo mas com garra lutou, lutou sempre, embora muitas ve- zes mal. À custa de insistências individuais foi apregoan- do que ainda tinha algo para dizer.

Gomes, que substituira Lisboa, e Leninho que entrara para o lugar de Ronaldo, terão contribuído com o seu «ar mais fresco» para que o Boavista, a vencer, pensasse apenas em defender-se.

Mas a oito minutos do fim, e na sequência de um livre, Pinto emendou á meia distancia e fez 1-1. O Boa- vista, cansado e perturbado, perdeu discernimento. O F. C. Porto acreditou que podia ganhar e três minutos depois, num lance extraordinário de codícia, força e sa- ber, Pinto arrancou, levou na peugada dois adversários, travou, desembaraçou-se de um, fugiu a outro, flectiu com o corpo driblando Quim e fez o golo. Golo de «an- tologia», que levantou o estádio e pôs o público de bem com a equipa, uma equipa, repita-se, que em «jogo jo- gado» mereceu má nota.

O Boavista perdeu ao fim e ao cabo por falta de sorte, a sorte que lhe negou o 0-1 mais cedo quando Aní- bal foi substituído pela barra ainda no primeiro tempo, mas perdeu também por esgotamento físico e nervoso. A equipa foi, durante 75 minutos, insuperável de querer. Nomes a destacar: Mário João, Barbosa (que saiu quase no final do meio tempo), Germano e Moura, numa equipa que soube sê-lo, encobrindo a diferença técnica com a entreajuda. Nisso deu lição.

No F. C. Porto, Gualter, Nobre, Pinto e Pavão, este no período final, os mais em destaque.

Saldanha Ribeiro foi rigoroso e (ao que nos disse) cauteloso na expulsão de Osvaldo, a dois minutos do fi- nal. Teve um erro; deixou sem punição uma falta de Su- cena agarrando Germano, primeiro fora da área, depois dentro dela, quase logo a seguir ao intervalo. De resto, bem.

LOBO DA ROCHA

Quatro jogadores do Boavista rodeiam um portista, que cabeceia em direcção á baliza

SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUÉ

S. A. R. L.

CAPITAL: 200 000 000$00

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS — TÍTULOS
AMORTIZAÇÃO DE OBRIGAÇÕES E PAGAMENTO DE JUROS

SORTEIOS

Nos termos dos anúncios oportunamente publicados, procedeu-se no dia 25 do corrente mês de Setembro aos sorteios, para efeito de amortização, relativos às emissões que a seguir se indicam, tendo-se obtido os seguintes resultados:

EMISSÃO DE 40 000 CONTOS — 1956 — 5 %

Títulos de 100 obrigações n.os: 110, 131, 141, 338, 345 e 401.

EMISSÃO DE 35 000 CONTOS — 1957 — 5 %

Títulos de 1 obrigação n.os: 22, 60, 148, 300, 383, 476, 517, 551, 581, 651, 694, 727, 777, 850, 865, 883, 896, 917, 955, 972, 1015, 1034, 1093, 1248, 1331, 1382 e 1447.
Títulos de 5 obrigações n.os: 1496, 1499, 1582, 1669, 1700, 1710, 1871, 1951, 1982, 1996, 2058 e 2062.
Títulos de 10 obrigações n.os: 2174, 2194, 2280, 2309, 2379, 2403 e 2408.
Títulos de 50 obrigações n.os: 2585, 2641 e 2699.
Títulos de 100 obrigações n.os: 2758 e 2818.

Amortizações anteriores

12.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 22
Títulos de 100 obrigações n.os 2727 e 2870
13.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 23
Título de 1 obrigação n.º 579
Título de 10 obrigações n.º 2496
Títulos de 100 obrigações n.os 2742 e 2764
14.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 24
Título de 1 obrigação n.º 1119
Títulos de 5 obrigações n.os 2050 e 2076
Título de 10 obrigações n.º 2234
Títulos de 100 obrigações n.os 2704 e 2852.

EMISSÃO DE 65 000 CONTOS — 1959 — 5 %

1.ª fase

Títulos de 1 obrigação n.os: 71, 177, 199, 295, 358, 396, 399, 436, 463, 820, 846, 875, 929, 989, 1088, 1181, 1330, 1436, 1501, 1809, 1847, 1880, 1896, 1978, 1992, 2231, 2276, 2360, 2425, 2453, 2518, 2641, 2731, e 2822.
Títulos de 5 obrigações n.os: 2982, 3100, 3165, 3194, 3275, 3285, 3290, 3388, 3470, 3539, 3557, 3649, 3666, 3677, 3801, 3832, 3900, 3912, 4007, 4154, 4184, 4257, 4308, 4515, 4534 e 4560.
Títulos de 10 obrigações n.os: 4679, 4777, 4780, 4920, 4974, 4985, 5008, 5163, 5314, 5321, 5341 e 5386.
Título de 100 obrigações n.º 5511.

2.ª Fase

Títulos de 1 obrigação n. 5515, 5566, 5584, 5605, 5832, 6011, 6060, 6078, 6114, 6175, 6214, 6218, 6273, 6290, 6370, 6473, 6651, 6805, 6821, 6839, 6898, 6902, 6934, 7088, 7100, 7117, 7158, 7175, 7350, 7357, 7461, 7481, 7490, 7574, 7624, 7692, 7729, 7868, 7967, 8108, 8194, 8199, 8203, 8205, 8215, 8291, 8513, 8550, 8605, 8668, 8750, 8765, 8812, 8813, 8968, 8989, 9030, 9146, 9185, 9218, 9329, 9346 e 9460.
Títulos de 5 obrigações n.os: 9611, 9672, 9742, 9760, 9947, 10038, 10084, 10123, 10145, 10212, 10219, 10359, 10385, 10500, 10507, 10589, 10600, 10637, 10801, 10842, 10854, 10891, 10977, 11073, 11088, 11188 e 11194.
Títulos de 10 obrigações n.os 11336, 11512, 11584, 11640, 11693, 11702, 11718, 11758, 11798, 12049, 12065, 12122, 12139, 12284, 12318, 12347, 12545, 12553, 12658, 12665, 12734, 12739, 12851, 12903 e 12936.

Amortizações anteriores

1.ª Fase

3.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 13
Título de 10 obrigações n.º 5245
5.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 15
Título de 10 obrigações n.º 5153
7.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 17
Título de 100 obrigações n.º 5497
8.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 18
Títulos de 1 obrigação n.os 1264, 1550 e 2889
Títulos de 5 obrigações n.os 2951, 3694 e 4171
Títulos de 10 obrigações n.os 4608 e 4799
Título de 100 obrigações n.º 5495
9.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 19
Títulos de 1 obrigação n.os 44, 45, 275, 331, 367, 1092, 1167, 1178, 1735, 1901, 2092, 2101 e 2672
Títulos de 5 obrigações n.os 2906 e 4581
Títulos de 10 obrigações n.os 5080 e 5113
Título de 100 obrigações n.º 5512

2.ª Fase

7.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 17
Título de 1 obrigação n.º 7799
Título de 100 obrigações n.º 12987
8.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 18
Título de 5 obrigações n.º 10930
Títulos de 10 obrigações n.os 11283 e 11674
9.º Sorteio — Com direito ao pagamento do cupão n.º 19
Títulos de 1 obrigação n.os 5632, 6111 e 6183
Títulos de 5 obrigações n.os 9512, 9619, 10213, 10231 e 10859
Títulos de 10 obrigações n.os 12200 e 12634
Título de 100 obrigações n.º 12991

JUROS

O valor líquido a pagar por cupão é o seguinte:

				Cupão	Portador	Portador Registadas	Governo Geral de Moçambique	Instituições de Previdência
3.ª	Emissão	40 000	contos /56	26.º	—$—	21$51	—$—	24$75
4.ª	»	35 000	» /57	25.º	16$95,8	21$51	25$00	—$—
5.ª	»	65 000	» /59	20.º	17$63	22$35	25$00	—$—
7.ª	»	15 000	» /67	4.º	—$—	—$—	30$00	—$—

PAGAMENTOS

O pagamento dos títulos averbados ao Governo Geral de Moçambique e às Instituições de Previdência e que foram sorteados, bem como o do juro das obrigações, será efectuado nos Escritórios da Sociedade, a partir de 1 de Outubro próximo.
Também com início na mesma data efectuar-se-á o pagamento dos títulos sorteados e dos cupões relativos às restantes obrigações, nas Sedes ou Delegações dos seguintes estabelecimentos bancários:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO LISBOA & AÇORES
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA-ALIANÇA
AUGUSTINE, REIS & C.ª
PANCADA, MORAES & C.ª
PINTO DE MAGALHÃES, LD.ª

Lisboa, 26 de Setembro de 1969.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Interessa aos totobolistas

Os campenatos de Espanha e Itália

O Totobola desta semana inclui jogos dos campeonatos de Espanha e Itália. Assim, o interesse que normalmente despertam entre nós estas competições toma, de momento, ainda maior acuidade.

Na certeza de que vamos ao encontro dos desejos dos leitores, inserimos a seguir os resultados das jornadas ontem efectuadas e as classificações dos respectivos campeonatos.

ESPANHA

MADRID, 29 — (A. N. I.) — Resultados dos encontros do Campeonato da Liga de Espanha:

Corunha-Elche, 1-0; Atlético de Bilbau-Saragoça, 2-0; Real Sociedad-Granada, 2-1; Sabadell-Maiorca, 1-0; Atlético de Madrid-Valência, 2-0; Las Palmas-Real Madrid, 2-4; Sevilha-Celta, 3-0; Pontevedra-Barcelona, 0-0.

Classificação:

Atlético de Bilbau, Sabadell e Real Madrid, 5; Las Palmas, Saragoça, Granada, Barcelona, Real Sociedad, Atlético de Madrid e Sevilha, 4; Maiorca e Corunha, 2; Celta e Pontevedra, 1; Elche e Valencia, 0.

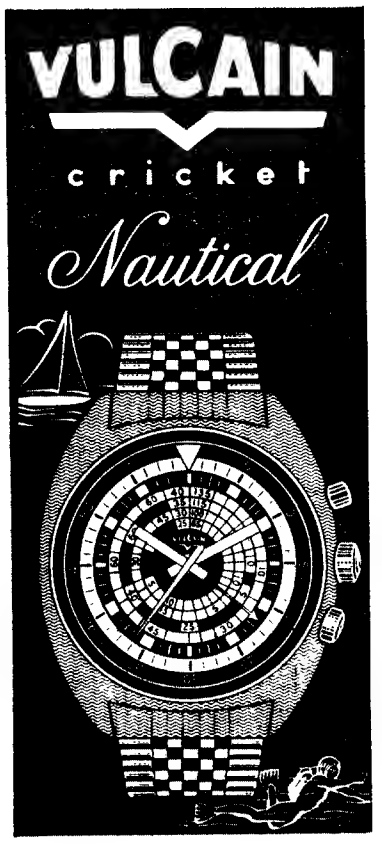
ITÁLIA

ROMA, 29 — (A. N. I.) — Para o campeonato italiano realizaram-se os seguintes encontros.

Bari-Nápoles, 0-0; Brescia-Cagliari, 0-2; Fiorentina-Sampdoria, 1-0; Inter-Turim, 2-0; Juventus-Bolonha, 1-1; Lazio-Milão, 1-0; Palermo-Vicenza, 1-3; Verona-Roma, 2-0.

Classificação:

Inter e Fiorentina, 6 pontos; Cagliari, 5; Milão, Verona e Vicenza, 4; Juventus, Bari, Bolonha, Lazio e Turim, 3; Roma, 2; Nápoles e Sampdoria, 1; Brescia e Palermo, 0.



HANNES KELLER matemático, perito submarino e recordista mundial; M. BRANDILY explorador e cineasta; e ARTUR DROZ, instrutor de mergulho, colaboraram com a VULCAIN na concepção deste inigualável relógio.

O QUE HÁ DE MAIS APERFEIÇOADO ESTÁ NELE REUNIDO

NENHUM OUTRO, COMO ELE, POSSUI:

* TABELA DE DESCOMPRESSÃO NO MOSTRADOR;
* TRIPLO FUNDO, única solução para a máxima garantia de sonoridade e impermeabilidade;
* DISPOSITIVO DESPERTADOR, para indicar o termo do tempo de mergulho e fazer comunicações, além da tradicional precisão VULCAIN.

VULCAIN NAUTICAL, O MELHOR RELÓGIO DO MUNDO PARA ACTIVIDADES SUB-AQUÁTICAS

VEJA-O NAS OURIVESARIAS E RELOJOARIAS

um gesto preciso...
...uma tinta adequada

Esmalte sintético para exteriores e interiores e ainda na pintura de automóveis, DULUX® oferece-lhe a garantia de qualidade da

DU PONT

Agentes Gerais
Bethencourt Bros, Ltd.
R. Sapateiros, 128-1.º
LISBOA
Sória Limitada
R. Sá da Bandeira, 214-216
PORTO

® MARCA REGISTADA

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE69/DSM

Faz-se público que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.º, em Lisboa, se encontra(m) aberto (s) o (s) Concurso (s) Público (s) seguinte (s):

CONCURSO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIO	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
16/PAE 69	SOBRESSALENTES-AUTO PARA VIATURAS UNIMOG 404-S	100 000$00	24 NOV. 69	15 H. 30
17/PAE 69	SOBRESSALENTES-AUTO PARA VIATURAS MERCEDES-BENZ LA-322/42	25 000$00	27 NOV. 69	15 H. 30

O (s) respectivo (s) Caderno (s) de Encargo (s) pode (m) ser consultado (s) todos os dias úteis das 14 às 18 horas e aos sábados das 10 às 12 horas.

As propostas devem ser entregues até às 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

O Presidente da COMPAE 69/DSM,
José Manuel Tojeiro Quintão
Ten. Cor. Eng.º SM

EURICO É DO BENFICA

QUELIMANE (Moçambique), 29 — (A. N. I.) — O Sport Lisboa e Benfica contratou agora o junior Eurico, do Benfica de Quelimane, por duzentos contos.

O jogador seguirá brevemente para Lisboa, onde iniciará um período de experiência. Pela transferência definitiva, o Sport Quelimane e Benfica receberá vinte mil escudos. Eurico foi já convocado para a selecção nacional de juniores.

Ernesto Mendonça, no «Fox Hound» vencedor da Regata «D. Pedro V»

Organizada pela Associação Naval de Lisboa, disputou-se a regata «D. Pedro V», a que concorreram oito embarcações de grande cruzeiro: «Whisper», do eng. Potier Godinho; «Albacore», do eng. Moniz Galvão; «Alverne», do dr. Guilherme de Oliveira; «Antares», de Lesland Guibert; «Binker», do conde Stuck du Quay; «Bayette III», do eng. Xavier do Amaral; «Bresgan», de António Fuertes; «Canção do Vento», do dr. Rui Vidal e «Fox Hound», de Ernesto Mendonça.

A prova, já de grandes tradições, disputou-se sobre o percurso Cascais, Cabeço do Pato, Parede e regresso a Cascais, cobrindo uma distancia de aproximadamente 24 milhas.

Deu a partida o comandante Dentinho, ás 10 horas, e no final, a classificação ficou como se segue:

1.º, «Fox Hound», 6 h, 54 m e 12,5 s; 2.º, «Whisper», 7 h, 14 m e 20,7 s; 3.º, «Bayette III», 7 h, 32 m e 35, 8 s.

As restantes embarcações desistiram, não se classificando portanto.

A. F. L.

(Continuação da 3.ª página)

(9-6), 7; 5.os, Estoril (5-4), U. Algés (2-2), Atlético (4-6) e Sintrense (4-7), todos com 6 pontos; 9.º 1.º Dezembro (1-4) e Casa Pia (3-9), 5; 11.º Oeiras (0-4), 4; 12.º, Casalense (1-11) 3.

SÉRIE B — 1.º, Odivelas (13-1) e Loures (6-1), 9 pontos; 3.º, Torriense (5-1) 8; 4.º, Benfica (6-1), 6; 5.º Sacavenense (4-5), Malveira (3-4) e Oriental (4-8), 5; 8.º, Alverca (3-2), Vitória (2-4) e D. Olivais (1-9), 4; 11.º, Bucelenses (0-7), 3; 12.º, Alhandra (0-4), 2.

SPORTING, 14-0

(Continuação da 1.ª página)

equipa «males psicológicos» que a faziam oscilar em momentos decisivos.

Estar a vencer em campo alheio durante 83 minutos, um antagonista chamado F. C. Porto e perder nos derradeiros sete a oportunidade de aumentar dois pontos ao seu pecúlio, dá ao Boavista o direito de se lamentar da fortuna. De qualquer modo os «axadrezados» afirmaram nas Antas que em qualquer terreno e contra qualquer adversário serão um «osso duro de roer» pela sua aplicação e valia.

Também o Vitória de Setúbal, ante um Leixões organizado, e ardiloso, teve alguns sobressaltos, uma vez que a equipa setubalense parece não ter encontrado ainda a movimentação certa e eficiente que tem de esperar-se de uma equipa que integra tão firmes valores.

Mantém a Cuf uma linha de irregularidade. Na Póvoa, ante um Varzim enérgico e vigoroso, os cufistas não puderam furtar-se á derrota. De lamentar uma certa rispidez que rodeou o encontro no trecho final a comprometer a beleza de uma luta emotiva e equilibrada, apesar da expressão numérica do desfecho.

Sofre agora o Campeonato um interregno de dois domingos, para satisfação de compromissos internacionais. Três semanas de tranquilidade para os adeptos. Tranquilidade... quando eles o que gostam é de sofrer.

TOYOTA
DYNA
DYNHEIRO DYNÂMICO

Transportar — são os negócios em movimento
No mundo de hoje o DYNHEIRO não pode parar
— tem que ser DYNÂMICO
O seu DYNHEIRO anda mais quilómetros mais baratos nas camionetas TOYOTA DYNA

Esta é a DYNASTIA das TOYOTA DYNA

Chassis curto — JU 12 — 3.500 kg de P.B.
Chassis longo — JU 15-H3 até 3.500 kg de P.B.
Veículos ligeiros de carga
Chassis longo — JU 15-HD até 5.000 kg de P.B.
motores diesel TOYOTA de 4 cilindros, 2.481 de cilindrada.
Travões com servo-freio; rodas duplas atrás; chassis excepcionalmente robustos com longarinas de aço; cabinas luxuosas, muito confortáveis e com grande espaço para 3 pessoas; equipamento de segurança; sistema de ventilação; conforto de um carro de luxo.

Distribuidores exclusivos

SALVADOR CAETANO, SARL

Concessionarios em todo o país Em Lisboa e no Porto: **TRANSMOTOR**

sonarte

«O guarda-redes não pode ser impedido de colocar a bola em jogo» —salienta o árbitro Saldanha Ribeiro

As circunstancias em que se deu a expulsão do dianteiro «axadrezado» Osvaldo levou-nos, no final do encontro, a tentar esclarecer o caso. Para esse efeito dirigimo-nos aos balneários.

Primeiro registámos o depoimento do jogador em causa, que nos declarou:

— Segundo o árbitro me informou fui expulso por ter praticado jogo violento e não por agressão, que não houve.

Em seguida o juiz da partida, Saldanha Ribeiro, depois de nos confirmar o que havia sido dito por Osvaldo, explicou:

— Realmente não foi por agressão. Em face da subita transformação que se deu no marcador já nos momentos finais da partida, entendi que, dado o clima emocional, seria preferível expulsar o jogador pela prática de jogo perigoso, para evitar que se repetissem jogadas desse tipo e evitar, assim, males maiores.

Manifestámos-lhe ainda a nossa estranheza pelo facto de assinalar sistemáticamente faltas sempre que os avançados se aproximavam dos guarda-redes, o juiz da partida explicou:

— Ainda bem que me levanta esse problema. E' que, segundo instruções difundidas pela F. I. F. A., o guarda-redes não pode ser impedido de pôr a bola em jogo. Neste caso, evidentemente, que quem devem ser punidos são os adversários que, carregando ou fazendo obstrução, impedem que o guarda-redes ponha a bola em jogo. O que se pretende com isto é que o jogo tenha o menor numero possivel de interrupções.

L. C.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Benfica, Académica, Sporting, Guimarães, Setúbal...

A SEMANA EUROPEIA

(DINAMARCA, FINLÂNDIA, ÁUSTRIA, CHECOSLOVÁQUIA E ROMÉNIA)

DAS EQUIPAS PORTUGUESAS

• *Entretanto, nas Antas, o F. C. Porto defronta o Hvidovre (Dinamarca)*

Há muito que fazer, no que respeita a futebol internacional, na semana que entra. Benfica, F. C. Porto, Vitória de Guimarães, Vitória de Seúbal, Sporting e Académica vão tentar o apuramento nas competições europeias em que participam.

O campeão já seguiu ontem. Os portistas já cá têm o seu adversário. Esta manhã, partiram o Vitória de Setúbal, o Sporting e a Académica. O Vitória de Guimarães, que joga a 2, um dia depois das demais equipas portuguesas, já está também de mala aviada.

As perspectivas são animadoras. Veremos se se confirmam.

O Benfica demanda a Dinamarca com dois golos de vantagem. O avanço não será — não o é — de molde a tranquilizar os «encarnados». Mas todos conhecem o abismo que separa o nosso representante do Boldklub e a experiência «rubra» fará o resto. Não se espera que os dinamarqueses, em Lisboa tão avessos ao remate certeiro, consigam superar a margem conseguida pelo conjunto da Luz. Favoritismo claro do Benfica, reforçado pela exibição frente á Académica.

Outro clube pràticamente na fase seguinte é o F. C. Porto. Vindo da Dinamarca já a vencer, não é

Das seis equipas portuguesas que esta semana têm jogos para as provas europeias, a Académica é, pelo menos em teoria, a que tem tarefa mais difícil, pois empatou em Coimbra com os finlandeses. Mas a rapaziada da «Briosa» tem sempre esperanças — e Nené representa muitas delas.

crível que os nortennos se deixem surpreender nas Antas. Basta um pouco de cuidado, aquele mínimo de cautelas sempre aconselhável, para vermos osportistas na eliminatória que se segue. Não será a combatividade e o poder atlético do Hvidovre suficiente para desfeitear o F. C. Porto. A não ser que os nortenhos facilitem, o que seria injustificável.

O Vitória de Guimarães não estará tão seguro. Na primeira «mão» o Banik Ostava perdeu por um golo de diferença. Margem escassa, que a indecisa forma dos vimaranenses torna mais periclitante. Os checos jogam tradicionalmente bem e a sua inegável capacidade constitui um óbice respeitável para o Vitória. O desempate apresenta-se como hipótese provável. Do mal o menos, o que não significa que o Vitória busque um desfecho definitivo a seu favor.

O Vitória de Setúbal estará em Bucareste para defender o par de golos conquistado em Lisboa. O Rapid revelou-se uma turma a ter em consideração e andariam mal os sadinos se o «desconsiderasse» de antemão. A combatividade dos romenos deparará com idêntica determinação por parte dos sêtubalenses. Há ocasiões em que não chega a classe (e o Vitória tem-na) para uma equipa se impor. O conjunto do Benfica sabe isso perfeitamente, pelo que há motivo para estarmos todos descansados.

O Sporting é dos mais sossegados nesta gesta do futebol lusitano. Não são apenas os 4-0 a influir favorávelmente no espírito dos «leader». É igualmente a forma do seu esquadrão, actualmente o mais forte do «association» português. Ataque que marca e defesa segura correspondem a trunfos deveras importantes. Os «verdes» desfrutam de excelente ensejo para reforçar o seu cartel em Lask e, consequentemente, em toda a Áustria. Não irão, certamente, desperdiçá-lo.

Por último, temos a Académica. Em Coimbra, contra um Kuopion devotado a uma defesa árdua, os estudantes tiveram de «descontentar-se» com um empate. Porém, a diferença de classe esteve tão patente, por tão flagrante, que se afigura como mais natural, não obstante o segundo desafio se realizar na Finlândia, que os escolares consigam resolver o problema.

Um êxito na ordem dos cem por cento seria sensacional. No entanto, essa perspectiva não parece fora do previsível. Oxalá se confirme a superioridade, existente, das equipas nacionais.

★

O Benfica já está na Dinamarca. Dos outros, que partiram hoje ou que partem amanhã (o V. Guimarães), eis os elemenaos em viagem:

Académica

Adolfo Mesquita e João Moreno, dirigentes; F. Andrade, treinador; Guilherme Luís, massagista e os jogadores Maló, Brassard, Curado, Alhinho, Bleo, Araújo, Rui Rodrigues, Gervásio, Vítor Campos, Nene, Vítor oGmes, Manuel António, Rocha, Mário Campos, Marques e Serafim.

Vitória de Guimarães

Dirigentes: Fernando Bastardo e Gil Mesquita; Fernando Caiado, treinador; Ribeiro, massagista, e os jogadores Roldão, Costeado, Manuel Pinto, oJaquim Jorge, Silva, Artur, Bilreiro, aMnuel, Mendes, Peres, Carlos Manuel, Castro, Bernardo da Velha, Daniel e Augusto.

O Benfica jogou mal na Luz, quando defrontou os dinamarqueses do K. B., mas ganhou por 2-0, com dois golos de Eusébio. E o famoso jogador será certamente uma das principais «armas» benfiquistas, depois de amanhã, para impedir a tão desejada recuperação do campeão da Dinamarca.

Sporting

Dr. Pereira da Silva e Abraão Sorin, dirigentes; Fernando Vaz, treinador; dr. Jorge Bandeira, médico; Manuel Marques, masagista e os jogadores Damas, Carvalho, Celestino, Pedro Gomes, Alexandre Baptista, Caló, Hilário, Pedras, Gonçalves, José Morais, Peres, Nelson, Màrinho, Lourenço, Dani e Oliveira Duarte.

Vitória de Setúbal

Silvério Gomes, dirigente; José Maria Pedroto, treinador; dr. Gaston de Sousa, médico; José Lima, massagista e os jogadores Conceição iVtal, Herculano, Cardoso, Gomes, Wagner, José Maria, Tomé, Rebelo, Cordeiro, Arcanjo, Jacinto João, Figueiredo, Guerreiro e Vítor Baptista.

O K. B. ganhou 6-2

COPENHAGA, 28 — A equipa de futebol do Benfica chegou a Copenhaga, para o seu encontro de quarta-feira com o KB de Copenhaga na segunda« mão» da primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus.

Eusébio confirmou que irá ao lar infantil de Allerup, perto de Copenhaga, onde os 23 internados, rapazes e raparigas, o desejam ver.

Otto Glória declarou que só depois do treino de hoje á noite designará a equipa que vai alinhar.

HAITI VENCEU SALVADOR (3-0)

SÃO SALVADR, 29 — (F. P.) — Num desafio de qualificação pOara o Campeonato do Mundo de Futebol, o Haiti venceu o Salvador por 3-0, a primeira mão, o Salvador venceu por 2-1. O terceiro jogo realizar-se-á na Jamaica.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

e seus pressupostos

Creio, portanto, que a Imprensa, como meio insubstituível de informação e de formação, deve obedecer, no entanto, a certas condições para que efectivamente esses objectivos sejam alcançados.

Parece-me ter havido na Imprensa mundial, nos últimos anos, uma evolução bastante rápida que, no entanto, está neste momento a sofrer, creio, alguma viragem

Quer dizer: creio que aos jornais de artigos curtos e de leitura rápida se deverá suceder — não em toda a Imprensa, evidentemente, mas em número cada vez maior — jornais que se detenham sobre os assuntos e os analisem com toda a atenção e com toda a soma de argumentos. Penso, portanto, que essa exigência parece estar a fazer-se sentir no público e que em grande parte já está a traduzir-se na procura de livros por parte de um público cada vez mais numeroso e exigente. Daí, tanto no nosso país como nos outros países, haver uma crescente procura de literatura de carácter ensaístico que possa responder muito mais profundamente às exigências das inquietações do homem dos nossos dias. Isto corresponde á crise que o mundo actual atravessa e que as gerações mais novas têm consciência, sem no entanto vislumbrarem com suficiente nitidez os caminhos que se lhe deparam e as soluções possíveis.

Há, no entanto, na geração dos homens que nasceram há vinte e poucos anos, traduzida na inquietação da juventude do mundo actual, uma preocupação de conhecimento, de análise e de discussão que já não se concilia muito com o tipo de Imprensa que no último vinténio predominou em todo o mundo. Para que, efectivamente, uma Imprensa possa cumprir esta missão de esclarecimento pormenorizado e objectivo dos factos, e ao mesmo tempo possa analisar as suas raízes, com suficiente profundidade para apontar caminhos e soluções para a gente inquieta, é indispensável que viva em regime de liberdade.

Há efectivamente algumas opiniões segundo as quais a liberdade de Imprensa traz consigo alguns riscos, e perigos consideráveis. Não me deterei muito sobre eles. Quero apenas dizer que não é com o exemplo do nosso País, nem com os exemplos mais expressivos de outros países do mundo, que se poderá fundamentar esta posição. Nós tivemos liberdade de Imprensa de 1821 a 1823. Tivemos depois na vigência da Carta outorgada por D. Pedro IV, de 1826 a 1828, e, mais tarde, finda a guerra civil, e vencido o Miguelismo, de 1834 a 1926. Nestes períodos de liberdade, parece-me que os exemplos que podemos extrair da nossa Imprensa são altamente positivos, e que a esse regime de liberdade se deve efectivamente o aparecimento não apenas de alguns dos maiores nomes da nossa literatura e do nosso pensamento, como também a ligação profunda desses escritores, desses pensadores, com o seu tempo, e a identificação íntima com o leitor, que a Imprensa permite melhor que o livro.

Por outro lado, parece-me justo destacar que, ao longo de toda a Monarquia Constitucional, e depois da implantação da República, até 1926, a liberdade de Imprensa que vigorou em Portugal é a grande responsável pela elevação do nível de consciência cívica que se revela nos cidadãos ao longo da nossa história oitocentista e pela propagação das ideias que tentaram actualizar o nosso País em relação ao resto da Europa.

Todos os elementos que possam ser aduzidos em favor da Censura têm em conta sobretudo as verdades únicas e aquelas que, sendo de um sector particularizado —o sector no Poder —, tentam transmitir-se ao público como verdades com as quais todos os cidadãos estão de acordo. Quando uma classe governante impõe a Censura como meio de se sustentar no Poder, não pode, no entanto, argumentar que a liberdade de Imprensa possa ser responsável pela sua queda. Tanto quanto sei, nenhum regime caiu pelo facto de haver liberdade de Imprensa. Os regimes caem, sim, porque sendo as condições do País contrárias às apontadas por esse regime, a Imprensa tem liberdade de apontá-las e os cidadãos têm possibilidade de as discutir amplamente. São, portanto, as condições e as soluções criadas por esse regime a causa profunda da sua queda, e nunca a liberdade que possa permitir.

MODERADOR — Para darmos uma certa ordem ao diálogo, propunha apenas que se definisse melhor qual deve ser a missão da Imprensa, e se passasse depois à questão da liberdade e consequente responsabilidade, situando o problema especialmente em Portugal: a necessidade de uma lei de Imprensa, e outros aspectos a que nos referiremos.

Um outro problema que lhes quero pôr, na medida em que representam, em princípio três correntes diversificadas de opinião: será mais útil e positivo um jornal que reflicta apenas uma forma de pensamento ou um jornal que, tendo embora posições definidas, permita uma ampla confrontação de opiniões?

Outro aspecto que sugeria considerassem, o aparecimento de novos meios de informação — a Rádio e a Televisão — e a sua influência na missão da Imprensa.

Liberdade e censura prévia

JOSÉ CARLOS MEGRE — Antes de entrar nos pontos sugeridos pelo José Carlos de Vasconcelos, quero dizer que concordo inteiramente com a intervenção do José Tengarrinha e com aquela «nuance» que apontou de se caminhar hoje não só para uma Imprensa de informação e reportagem, mas também para uma Imprensa de tipo analítico, portanto, de estudo dos problemas. Isso está, aliás, intimamente ligado com o aparecimento de novos meios de informação, como a Rádio e a Televisão

Evidentemente que através da Rádio e da Televisão é hoje possível estar em cima dos factos e dos acontecimentos. O jornal precisa, não só por atitude defensiva, mas também para responder às necessidades do publico, de análise das situações e sua crítica, de se tornar um órgão de tipo mais elaborado, mais ensaístico. É evidente que, como disse o Tengarrinha, isso vem ao encontro de um tipo de preocupação que é muito mais profundo nos últimos anos, sobretudo na juventude, o qual implica a necessidade de saber, de conhecer o mecanismo que se encontra por detrás dos acontecimentos.

Quanto ao problema que José Carlos de Vasconcelos põe de se tentar saber se

José Carlos Megre

será mais interessante um jornal com uma dada linha de pensamento, e que se limite a apontar os factos e depois a criticá-los dentro dela, ou um jornal que, embora tenha uma linha de pensamento concreta, permita o acesso de várias correntes de opinião, parece-me, de facto, que o ideal, na medida em que isso evita que as pessoas tenham de comprar vários jornais, seria um jornal que, sem perder a sua autonomia, o seu esquema, o seu estilo, conseguisse dar uma análise das várias correntes ideológicas. Eu penso que, concretamente o **Le Monde** é um jornal deste tipo, embora não totalmente: é um jornal, por um lado, bastante analítico, e por outro lado um jornal que, para além da sua linha habitual de pensamento, procura ouvir a opinião de várias correntes. Parece-me que o caminho ideal seria esse.

É evidente que isso cria muito mais dificuldades ao jornal e que, quanto maior forem as dificuldades de um País (nos aspectos económicos, nos aspectos de apetrechamento técnico, etc.) mais difícil será conseguir um jornal desse tipo, É mais fácil, de facto, conseguir um jornal meramente de opinião, sem mais nada, do que conseguir um jornal de opinião que, além disso, tente dar uma panorâmica das várias correntes que exercem a sua influência no País.

Parece-me que todos chegámos a acordo quanto ao facto de a Imprensa tender cada vez mais a ser uma Imprensa crítica e analítica. E que quando não existe a liberdade de Imprensa, essa análise, que já é difícil, torna-se muito mais difícil ainda.

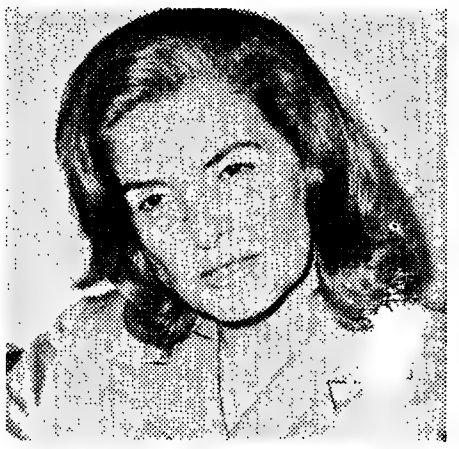
Se já é difícil com uma Censura prévia dar os factos em toda a sua amplitude e com todas as suas facetas, muito mais difícil se torna o exercício da análise dos factos. Parece-me ser este o caso do nosso País, onde há, como toda a gente sabe, uma Censura prévia e onde, portanto, as dificuldades são enormes Historicamente isto tem sido tremendo para o País, porque, de facto, todas aquelas figuras que, até 1926, campearam pelos jornais, desde escritores a jornalistas, desapareceram com o regime de Censura prévia, perdendo-se a sua acção de consciencialização colectiva.

Em relação à intervenção de Luísa Manoel Vilhena, que disse que admitiria como única hipótese possível uma Censura meramente moral, que evitasse as críticas pessoais, o insulto, a falta de civismo, etc., queria fazer um pequeno apontamento: concordo com ela quando diz que isso não é possível em parte nenhuma. E isto porque mesmo quando a Censura procura como alibi defender a moral pública, ou coisa assim deste género, por detrás das razões morais está sempre uma razão política. Além disto, o facto da existência da Censura já é em si mesmo um atentado à opinião pública e, portanto, um atentado contra a moralidade pròpriamente dita, na medida em que a Censura pressupõe uma total falta de confiança nas pessoas e uma falta de confiança em si própria. Quando um censor se arroga o direito de, discricionàriamente, dizer o que é que é verdade e o que é que é mentira, há na sua atitude qualquer coisa que eu até classificaria como um acto de chantagem pública. A Censura tem ainda um aspecto tremendo, que é gerar para além dela, a autocensura. Uma das consequências mais graves da Censura em Portugal tem sido a auto-repressão a que a pessoa se obriga pelo facto de saber que a Censura existe. Esta auto-repressão, não só do aspecto psicológico, mas até no aspecto de realização pessoal, para um jornalista, não pode deixar de ser humilhante e inibitiva. Por outro lado, para lá da Censura existe ainda o censor; pelo seu simples facto de censurar textos que não são dele, o censor sente-se no direito de projectar na sua função as suas ideias pessoais. Esta projecção é que me parece profundamente imoral.

A questão da Lei de Imprensa

LUIZA MANOEL DE VILHENA — Requando nos diz que hoje a Imprensa conheço a razão do dr. Tengarrinha tem uma função de formação tão importante como a função de informação. Não creio, todavia, que, apesar de a TV e a Rádio terem uma acção muito mais rápida, muito mais directa, junto do grande público do que a Imprensa, que a informação desta possa ser substituída por aquelas. Porque tanto na TV como na Rádio, as notícias são dadas a horas certas, ao passo que o jornal leva-se para casa, lê-se quando se quiser e à hora que se puder Acontece-me frequentemente receber cartas de pessoas que me lêem e que dizem: «O meu maior prazer é ler o jornal». Em muitos países, e particularmente em Portugal, há uma enorme quantidade de pessoas que não lêem mais nada a não ser o jornal. Podem ouvir ou não ouvir as notícias da Rádio, podem assistir ou não assistir aos telejornais da TV, mas lêem o jornal. A sua informação é feita, portanto, através do jornal. Creio, pois, que, pelo menos por enquanto, a função informativa do jornal continua a ser perfeitamente válida. Isto não quer dizer que a sua função formativa não seja também muito importante, sobretudo porque a cultura mudou de tema, isto é: antigamente a cultura geral significava saber um pouco de história, literatura, um pouco de arte. Isso hoje está desactualizado. Pode-se evidentemente ter essa cultura, mas o grande publico interessa-se fundamentalmente por uma cultura de informação. Quer saber tudo o que acontece no mundo, os ultimos avanços da ciência, as possibilidades dos computadores, a maneira como os homens foram ao espaço, porque é que foram, que vantagens isso traz á ciência, quer dizer, acontecimentos actuais, de ordem política, científica, etc. É portanto essencial que a Imprensa — e a nossa em especial — corresponda a essa função de dar ao grande publico a necessária e actualizada cultura. Não há duvida que cada vez mais se verifica no mundo uma nova sede de conhecimento. Enquanto que antigamente as pessoas tinham a chamada cultura geral e sabiam um pouco de tudo, hoje o conhecimento humano tornou-se de tal modo vasto e de tal modo especializado, que é perfeitamente impossvel, mesmo para as pessoas mais cultas, saberem um pouco de tudo. Nunca fui á América mas dizem-me que nos Estados Unidos as pessoas não lêem um jornal, lêem apenas a secção do jornal que habitualmente lhes interessa. Cá não, cá continua-se a ler todo o jornal.

Quanto à liberdade de Imprensa em Portugal, creio que tem havido boa e má experiência. Não há, no entanto, motivo nenhum para que Portugal tenha um regime diferente dos outros países, onde essa liberdade existe. Eu admito que ao fim de muitos anos de silêncio o País esteja mal preparado para de um momento para o outro, poder dizer aquilo que entender, porque há muita frustração, muitas pessoas que quiseram falar e não puderam, há muita amargura devido a posições que se quiseram tomar e não se puderam tomar e. portanto, de um momento para o outro, pode acontecer que a dar-se uma liberdade de Imprensa se verifique um excesso de euforia. Mas não creio que isso seja motivo nem para que se deixe de fazer a lei de Imprensa, nem para deixar de se dar a liberdade de Imprensa. Quando muito, poderá talvez admitir-se a hipótese de que a liberdade de Imprensa seja progressiva: talvez numa primeira fase uma censura moderada, evoluindo depois até chegar a uma libertação total. Mas condenar o Povo Português a não ter liberdade de Imprensa sob o pretexto de que não está preparado para essa liberdade, é confundir a causa com o efeito, porque enquanto não houver liberdade de Imprensa o Povo português não se pode ir progressivamente adaptando a essa liberdade.



Luiza Manoel de Vilhena

Além do mais, acontece que a maior parte das censuras acaba por cair no excesso de zelo. Creio que os governantes portugueses ficariam assombrados com o género de assuntos que são cortados pelos censores. Porque os censores, na dúvida, e com receio de poderem deixar passar alguma coisa que possa não agradar, acabam constantemente por cair em exageros absurdos.

JOSÉ CARLOS MEGRE — Só por curiosidade, e indo ao encontro do que acabou de dizer, gostava de lembrar aqui as normas elaboradas pela papa Alexandre VI num livrinho chamado o «Guia do Censor» e que com certeza se podem endossar aos censores, e eles aceitarão deecrto gostoamente. O «Guia do perfeito censor» diz mais ou menos o seguinte: «Art. 1.º — A Censura é a arte de descobrir nas obras literárias intenções maldosas; art. 2.º — O ideal será descobrir essas intenções mesmo quando o escritor as não teve; art. 3.º — Um censor capaz deve à primeira vista descobrir uma palavra de inpúria à moral pública; art. 4.º — A divisa do censor é «cortemos, cortemos, ficará sempre demasiado texto; art. 5.º — O censor deve persuadir-se de que cada paavra de uma obra contém uma alusão pérfida; quando descobrir esas alusão cortará a frase; quando não a descobrir cortá1la-á também, uma vez que as alusões perigosas são as mais bem disfarçadas».

Posto isto, queria dizer apenas que não concordo de maneira nenhuma com a maneira como a Luísa Manoel Vilhena pôs o problema, quanto ao ponto de o País estar mal preparado para uma liberdade total. Em primeiro lugar: se o País não

(Cont. na pág. seguinte)

Missão da Imprensa e seus pressupostos

(Cont. da pág. anterior)

está preparado, isos é a prova mais cabal de que a censura só prejudica o País; se o País até à República viveu em Liberdade de Imprensa e foi possível a existência de uma consciência crítica nacional e o aparecimento de grandes figuras; se, depois, com quarenta e tal anos de censura previa as pessoas ficarem tão mal preparadas que parece não poderem, de um momento para o outro, ter uma liberdade total, isso significa a falência, in-acto da instituição da Censura. A Luísa Vilhena deu como o exemplo o caso espanhol: eu pessoalmente não estou de acordo com a sua visão. Acho que a Lei de Imprensa espanhola é imensamente restritiva, de modo que não satisfaz. E não me parece que se posas afirmar, tal é a estreiteza da lei, que ela possa ter dado lugar a abusos que apareceram de um momento para o outro. É evidente que esse pormenor de saber se a Censura acabará de todo, de uma vez ou não, levanta todo um problema de fundo que não sei se interessará discutir já, mas que depois gostaria de voltar a focar.

LUIZA MANOEL VILHENA — Eu não queria de maneira nenhuma dizer que a nação portuguesa esteja mal preparada para a liberdade de imprensa por motivos racicos, ou por motivos de propensão, mas apenas porque a grandes pressões normalmente sucedem grandes explosões, sobretudo em países latinos. Portanto, sendo nós pessoas emocionais e estando há muito tempo sujeitos a grandes pressões, admito que, depois dessa grande pressão, ao ser dada uma abertura instantânea, possam ocorrer grandes explosões que se manifestem nalguns casos em falta de equilíbrio ou falta de civismo. Pergunto é se devemos permitir que essas grandes explosões se dêem com todos os seus inconvenientes ou se prudentemente, com uma lei de Imprensa que admita uma censura progressiva se deva ir dando uma libertação também progressiva, de modo a evitar essas grandes explosões, que podem não ser inteiramente convenientes nem para os problemas nacionais nem para a dignidade nacional.

MODERADOR — Parece-me que se põe aqui uma alternativa: ou lei de Imprensa ou responsabilidade através dos tribunais comuns. Ora apesar de a responsabilidade ser feita á base da lei comum e em tribunais comuns, isso não exclui a Lei de Imprensa, porque ela tem, evidentemente, muitas outras coisas para tratar.

Há um ponto que ainda não foi tocado e que ponho à vossa consideração: a possibilidade de se criarem novos jornais, novas revistas, sem os impedimentos que actualmente vigoram.

JOSÉ MANUEL MEGRE — Para terminar desejava dizer o seguinte: concordo inteiramente com os requisitos postos pelo Tengarrinha em relação a uma autêntica liberdade de Imprensa, com as anotações feitas pelo José Carlos de Vasconcelos. Quanto ao problema da idoneidade do jornalista, de que o Tengarrinha falou também, parece-me que a única maneira de ele se pôr com correcção é sob o ponto de vista profissional. Se o indivíduo tem os requisitos técnicos fundamentais para o exercício da profissão, que quanto a mim deverão estar expressos ou numa lei de Imprensa ou num regulamento do Sindicato dos Jornalistas, é evidente que para além disso não deve haver qualquer restrição de outra ordem.

Quanto à possibilidade de se criar novos jornais: na minha maneira de ver a única função que o Estado pode ter em relação à Imprensa é de promover e não de coarctar a liberdade de Imprensa e, ao mesmo tempo, de promover a criação de novos jornais. as condições que se possam exigir para a fundação de um jornal devem ser o mais mínimas possível, limitar-se apenas à qualificação profissional daquele que se propuser ser o director e dos seus colaboradores.

Pela minha parte nada mais tenho a dizer, a não ser agradecer ao «Diário de Lisboa» esta oportunidade que a todos nos deu de debater um assunto de extrema importancia, de que o publico, se não houver interferências estranhas á nossa conversa, poderá tomar conhecimento. Isto parece-me importante na medida em que este é um dos problemas que a todos preocupa e que não tem tido oportunidade de ser debatido.

LUIZA MANOEL VILHENA — Quero também agradecer ao «Diário de Lisboa» esta oportunidade que nos deu de discutir um assunto que é para todos do maior interesse. Uma coisa é certa: podemos encontrar soluções melhores e piores, mas como está, está mal. A censura é arbitrária. Não obedece a qualquer regra conhecida ou mesmo a qualquer lógica. É provável que na medida em que passarmos a ter liberdade de Imprensa imediatamente será agravada a censura interna dos jornais. Provàvelmente cada jornal seguirá a corrente que mais convier aos seus interesses e ás suas ideias. Isto torna ainda mais necessário que possam criar-se outros jornais, outras revistas, para que diferentes pontos de vista venham a ser expostos e defendidos.

Quanto á idoneidade dos jornalistas, creio que o mais importante é a verdade daquilo que for dito. Porque ideias, todas podem ser defendidas; Tenho a impressão que uma boa lei de Imprensa será a que justamente previr a maior liberdade em relação ás ideias e a maior severidade em relação ás acusações, de modo a que uma acusação que seja feita tenha de ser baseada em provas incontestáveis. Fora disso estou completamente de acordo com o sindicalismo, para defesa dos jornalistas, para afirmar uma posição de conjunto, etc. Também acho que é necessária uma escola de jornalismo, ideia que não tem sido apoiada mas antes dificultada.

JOSÉ MANUEL TENGARRINHA — Quero também, como participante desta mesa-redonda, agradecer ao «Diário de Lisboa» esta oportunidade, que pode ser um contributo para o esclarecimento de um assunto que de outra maneira e noutras circunstancias não teria sido possível. Não quero com isto dizer que com isto o assunto fique esclarecido, mas que este deveria ser o princípio de um longo debate nacional, livre e amplo.

MODERADOR — Em nome do «Diário de Lisboa», obrigado também pela vossa presença. Como vós, lamentamos a ausência do representante da União Nacional, que esperamos esteja presente nas futuras mesas-redondas acerca de outros temas que aqui vão ser debatidos.

(Interveio como moderador José Carlos de Vasconcelos)

Perfil dos candidatos

(Continuação da 4.ª pág.)

regional de Lisboa, como no Relatório final, de âmbito nacional. Foi eleito bastonário daquela Ordem para o triénio 1968-71. Da sua bibliografia constam cento e oitenta e dois trabalhos e estudos sobre Neurologia, e sobre questões médico-sociais. É candidato a deputado pela primeira vez.

José Guilherme de Melo e Castro

JOSÉ GUILHERME RATO DE MELO E CASTRO nasceu na Covilhã, em 1914 licenciou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e presidiu, em 1938 e 1939, á Associação Académica. Durante vinte anos foi advogado em Lisboa, abandonando o exercício profissional, em diversas ocasiões, para corresponder a solicitações de acção política. De 1944 a 1947 exerceu o cargo de governador civil de Setúbal. Desde 1949, e durante cinco Legislaturas, foi deputado á Assembleia Nacional, tendo presidido á Comissão Parlamentar de Política e Administração Geral e Local. De 1954 a 1957 foi subsecretário de Estado da Assistência Social. Desde fins de 1957 a 1963 foi provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. No sector ligado ao jornalismo, fundou, em Coimbra, o jornal «Via Latina» e foi redactor da revista «Estudos». É membro de diversas associações internacionais de saúde e assistência social, e, desde 1965, é juiz conselheiro do Tribunal de Contas. Ocupa o cargo de presidente da Comissão Executiva da U. N., desde 20 de Dezembro do ano findo.

José Pinto Leite

JOSÉ PEDRO MARIA ANJOS PINTO LEITE nasceu em Cascais, em 29 de Junho de 1932, e, em 1958, licenciou-se em Direito na Universidade de Lisboa. Frequentou, em 1953, um curso de Língua e Civilização francesas, na Sorbona. De 1959 a 1961, fez um estágio de 3 anos na República Federal da Alemanha, junto de algumas empresas de projecção, e desempenhou vários cargos na Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa. Fez parte da direcção do Grémio Literário e do Centro Nacional de Cultura. Publicou vários artigos sobre política internacional na revista «O Tempo e o Modo» e, também, alguns trabalhos sobre Portugal em revistas alemãs. É gerente comercial e presidente da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã. É candidato a deputado pela primeira vez.

Luís Teixeira Pinto

LUÍS MARIA TEIXEIRA PINTO licenciou-se pelo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. Assumiu, em 1950, a regência da cadeira de Teoria Económica. Até 1955 desempenhou, no Instituto, as funções de assistente e de encarregado de curso das cadeiras de Propedêutica Comercial, Técnica Comercial, Economia Política e Legislação Industrial. Foi secretário da secção de Estudos Económicos da Associação Industrial Portuguesa e membro do Centro de Estudos Económicos do Instituto Nacional de Estatística, delegado junto do *Conseil des Fédérations Industrielles d'Europe*, e, em 1956, aluno titular da *École Pratique de Hautes Études*, da Sorbona, por despacho do ministro da Educação Nacional da França. Prestou provas escritas e orais de doutoramento na Faculdade de Direito da Universidade de Paris. Em 1957, doutorou-se em Economia no I. S. C. E. F., onde voltou a assumir a regência de várias cadeiras. No mesmo ano, foi nomeado professor de Economia Política do Instituto de Altos Estudos Militares, membro da delegação portuguesa para as negociações do acordo com a Noruega, observador na Conferência Económica Pan-Americana e na Convenção Económica para a América Latina. Em 1960, foi encarregado da regência da cadeira de Política Económica Internacional do I. S. C. E. F., nomeado director do Gabinete de Estudos e Projectos do Banco de Fomento Nacional, delegado á II Reunião da Comissão Económica para a África, e representante do Banco de Fomento Nacional na Comissão Interministerial do Plano de Fomento. Fez parte da delegação portuguesa ás XII, XIII, XIV e XV Assembleias Gerais das Nações Unidas. Em 1961, prestou provas para professor extraordinário do I. S. C. E. F., e, no mesmo ano, assumiu as funções de vice-governador do Banco de Fomento Nacional. Em 1962, foi nomeado ministro da Economia. É, presentemente, vice-governador do B. F. N. e professor do I. S. C. E. F. É candidato á Assembleia Nacional pela primeira vez.

Raquel Ribeiro

Ricardo Horta

Ulisses Cortês

Raquel Ribeiro

MARIA RAQUEL RIBEIRO nasceu no Cadaval, em 1925, fez os seus estudos secundários no Instituto de Odivelas e, em 1948, concluiu o curso de assistente social no Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa. Em 1949, iniciou as suas funções no Instituto de Assistência á Família e, desde 1957, é chefe do Serviço Social da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Foi dirigente do Sindicato Nacional dos Profissionais de Serviço Social durante 10 anos e fez parte de algumas comissões interministeriais. É membro da Comissão de Acção Social dos Bairros Municipais de Lisboa e dirigente de algumas instituições particulares de assistência. Recentemente, foi eleita para o Conselho da Corporação da Assistência, para aí representar as instituições do distrito de Lisboa. Uma das promotoras da Comissão Portuguesa do Conselho Internacional de Serviços Sociais, a que hoje preside, é vice-presidente da Secção das Associações de Assistentes Sociais na União Católica Internacional de Serviço Social (Bruxelas), e membro do Serviço Social Internacional (Génève) e correspondente do «Service Social d'Aide aux Emigrants» (Paris). Frequentou vários cursos de actualização em ciências humanas e sociais e de administração, quer no País quer no estrangeiro. É candidata a deputada pela primeira vez.

Ricardo Horta

RICARDO HORTA JÚNIOR, brigadeiro médico, é natural do concelho do Cadaval. Licenciado em Medicina, com alta classificação, pela Faculdade de Medicina de Lisboa, foi médico interno dos Hospitais Civis e, como bolseiro do Estado, trabalhou em clínicas de Cardiologia de Paris. Como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, frequentou estabelecimentos médicos na Suíça. Após o ingresso no Quadro Médico do Exército, dirigiu a Clínica Médica do Hospital Militar Principal e foi, posteriormente, nomeado director daquele estabelecimento hospitalar. Ascendeu, mais tarde, a director do Serviço de Saúde do Exército. É também presidente nacional da Cruz Vermelha Portuguesa e vereador da Câmara Municipal de Lisboa. Faz parte da Sociedade de Cardiologia Portuguesa. É candidato a deputado pela primeira vez.

Ulisses Cortês

ULISSES CRUZ DE AGUIAR CORTÊS, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, exerceu o cargo de director-geral da Justiça e de secretário-geral do mesmo Ministério. Ocupa, actualmente, as funções de administrador-geral da Caixa Geral de Depósitos. Foi deputado á Assembleia Nacional em todas as Legislaturas e, nessa qualidade, presidiu á Comissão Parlamentar de Economia e á Comissão Eventual de Estudo do Plano Intercalar de Fomento. Desempenhou o cargo de ministro da Economia, de 1950 a 1958, e foi da sua iniciativa a elaboração do I Plano de Fomento. Ocupou o cargo de ministro das Finanças, de 1965 a 1968.

A C. E. U. D. E O PROBLEMA ULTRAMARINO

(Continuação da 1.ª página)

mos a pesada responsabilidade que nos é reconhecida Desde já, na abertura desta campanha e no momento da nossa apresentação ao eleitorado, desejamos situar a nossa posição, a nossa doutrina e a finalidade nacional da nossa política.

Marcello Caetano sabe porém — e lembramos aqui a sua espontânea confissão de ter sentido a necessidade exaustiva de estudar o problema quando assumiu a responsabilidade do Governo — a terrível carência de informação, que, por táctica expressa do Poder rodeia o problema de África, e dificulta a sua abordagem por qualquer político consciente.

Paradoxalmente, África, que nas suas próprias palavras, constitui preocupação primordial da Nação no momento que passa, é para a Nação um problema escondido, uma questão confidencial, que não se pode discutir nem conhecer, que não se pode situar publicamente em coordenadas de pensamento nem submeter a opções políticas consistentes.

Pior ainda. Para além da impossibilidade de atingir a verdade, existe a técnica aviltante da propaganda que nos últimos oito anos procurou afogar em ondas de palavras, a capacidade de raciocínio dos portugueses, a sua coragem moral para discutir o problema e o esforço voluntário de conhecimento e informação

Propaganda duma solução teórica, da pacificação pela guerra, e do exclusivismo patriótico do Governo. Todos os meios têm sido profusamente utilizados, e todos dirigidos as formas tradicionalmente inferiores de reacção colectiva: desde a convencional exaltação das glórias passadas, transformando a consciência profunda duma História em cortina da decadência presente. E desde a tentativa de substituição da adesão intelectual a uma empresa pelo sentimentalismo fácil dum povo, arredado dos caminhos do conhecimento e da autêntica criação de vontade.

E acima de tudo a finalidade de colar o selo do patriotismo à política superiormente definida, sem admissão de alternativa, e impossibilitando o exame crítico das finalidades, dos meios adoptados e da existência eventual de outras soluções possíveis.

O DILEMA É FALSO

Não parece justo portanto pedir a um povo que deliberadamente se procurou manter ignorante, atordoado por uma propaganda de sentido único, e com medo físico de ter opinião, que faça uma escolha consciente.

E não admitimos que a solução se apresente em termos de escolha. O dilema apresentado por Marcello Caetano é falso. O problema não reside em optar pelo abandono ou pelo «desenvolvimento progressivo e crescente autonomia das províncias ultramarinas» porque o abandono é um absurdo que repudiamos, e diversa pode ser a finalidade e a forma do desenvolvimento e da autonomia progressiva que se propõem. O problema está no conhecimento exacto da política que se afirma prosseguir, e em determinar se ela é de facto uma política de desenvolvimento e de autonomia progressiva

E acima de tudo o problema está na responsabilidade moral da Nação em face duma política que verdadeiramente se ignora. Está nos princípios que devem efectivamente dominar essa política.

Numa palavra, o problema reside em definir claramente o objectivo autêntico da nossa política africana e em escolher e julgar os meios a empregar para atingir esse objectivo.

NEM DESTRUIR NEM ASSIMILAR

E em face do passado a condenação da política do Estado Novo é irremissível.

No Acto Colonial (1930), em plena época do fascismo triunfante, o Estado Novo afirmou uma posição de colonialismo puro, com todas as características clássicas que o distinguem: definição de objectivos estritos de usufruição económica, definição legal da inferioridade de cidadania do nativo, quadros políticos e administrativos de domínio ocupante. Exploração confessa do negro pelo branco. E abolição da política tradicionalmente autonomista da Monarquia e da República Democrática.

A necessidade imposta pelo contexto internacional do após-guerra determinou a alteração da linguagem legal; surgiu a integração como teoria oficial. Sem empreender a crítica inútil da teoria de integração, devemos afirmar que à cultura portuguesa não cabe a destruição nem a assimilação das culturas e das vivências africanas. Do seu contacto, da sua simbiose hão-de surgir culturas novas que não serão jamais a cultura portuguesa O homem que viverá essas culturas será angolano ou moçambicano mas não será português como o brasileiro o não é.

Mas mais grave que a tentativa de criar a uma política uma finalidade falsa, foi que o rótulo em nada mudou a política prosseguida no Ultramar.

Se a integração na sociedade portuguesa pertence ao domínio dos mitos sem sentido, já teria sido possível a integração progressiva dos africanos nas sociedades coloniais, o seu acesso crescente e numeroso às fontes económicas e políticas e às situações de poder e de igualdade social. Havia que respeitar cada vez mais no nativo a sua pessoa e os seus direitos, desde o pensamento à propriedade e à educação. E são por demais evidentes as carências e os erros, e infelizmente até os atropelos do direito, da nossa política em África, até à eclosão dos movimentos nacionalistas ou de revolta social, para que possam ser negados; constituem um volumoso processo de acusação da política ultramarina do Estado Novo.

Não discutiremos aqui a culpa e a imprevidência perante a revolta anunciada e crescente. Quaisquer que tenham sido as suas causas, a guerra surgiu como uma lavareda progressiva, de motivações nem sempre idênticas, mas revelando uma sublevação concertada contra a soberania portuguesa e um elemento de dissociação das culturas e de propagação do ódio entre as comunidades de cor diferente.

A GUERRA NÃO É SOLUÇÃO

Ao fim de oito anos a guerra mantém-se no mesmo grau de intensidade. O Exército sabe e a Nação adivinha que não existe nem existirá uma pacificação definitiva pelas armas A guerra não é uma solução nem mesmo uma solução injusta para o problema do futuro.

A guerra apenas gerou a desconfiança e radicalizou as posições humanas, o que é particularmente grave. Por causa dela destruiram-se quadros sociais africanos, acentuou-se o racismo e verificou-se a mentalização da população branca para formas de extremismo político e social Por causa da guerra deu-se o abandono progressivo de qualquer ideal de integração social tornando-se cada vez mais difícil a possibilidade de permanência de sociedades multirraciais.

Insensivelmente e até pela necessidade de apoio e entre-ajuda económica e militar, a influência da União Sul Africana e da Rodésia na política e na mentalidade ultramarinas portuguesas cresceu em cada dia. Solidários no plano internacional os respectivos governos, tornou-se inevitável a progressiva aceitação das soluções políticas desses estados e a defesa estratégica do apartheid Sul-Africano e da independência unilateral da Rodésia.

A forma de pensamento sud-africano e rodesiano terá infelizmente influenciado já hoje a mentalidade de parte das populações brancas de Angola e de Moçambique.

Separados duma informação genuína, e sem que se verifique o esclarecimento suficiente das intenções autênticas do Governo, receamos que a actual política portuguesa se oriente para uma solução que podemos resumir em três pontos:

— Continuação indefinida da guerra até ser obtida uma pacificação incondicional pelas armas

—Desenvolvimento de tipo colonialista pela fixação de grandes capitais estrangeiros em industrias transformativas para a exportação, e apoveitamento monocultural de matérias-primas.

— Solução política a obter através duma autonomia progressiva com transmissão do poder ás comunidades brancas. sem integração social ,económica e política no negro

Não podemos deixar de repudiar esta solução como antinacional, anti-humana, contrária á moral e ao direito dos povos e aos interesses de Portugal.

Portugal seria imoral que a nossa juventude se sacrificasse para viabilizar soluções rodesianas e firmar sociedades racistas.

Porque é falhar a nossa obrigação histórica que constantemente se invoca, não promover o africano á plenitude da dignidade e dos direitos humanos

Porque as comunidades africanas têm direito — reconhecido por todas as autoridades morais do mundo e consignado desde a carta da O N U ás encíclicas papais (Pacem in terris Populorum Progressio) — *ao seu pleno desenvolvimento social e político e portanto á autodeterminação.*

Porque é contrário ao interesse de Portugal, a criação de «desumanidade». o esgotamento dos seus recursos numa guerra sem fim e o sacrifício dos seus legítimos interesses económicos.

E porque, com essa política, condenaremos num futuro mais ou menos próximo os brancos situados em África ao terrível destino das vinganças históricas e dos ódios de raça.

AUTO-DETERMINAÇÃO COM RESPEITO DAS MINORIAS BRANCAS

Sem um amplo debate e um esclarecimento de todas as circunstancias que rodeiam o problema de África, não é possível apresentar uma solução concreta, mas apenas situar uma posição de princípio que julgamos ser moral simples, linear e patriótica

Cabe a Portugal propor uma solução para o problema de sociedades multirraciais de minorias brancas, através duma autodeterminação que possa respeitar a presença e a cultura dessas minorias

Todos os meios legítimos devem ser empregados para atingir esta finalidade, que não poderá ser obtida sem riscos, sem esforço e sem uma dose maior ou menor de inevitáveis sofrimentos humanos

A política que se torna necessário seguir para atingir esta finalidade tem que ser maleável, multiple e imaginativa. Exige a paz como condição essencial, exige a recuperação da confiança dos africanos nas nossas intenções, a colaboração dos elementos conscientes de todas as comunidades e uma serena coragem. A sua definição fica condicionada ao conhecimento exacto das circunstancias existentes em cada caso.

O processo de descolonização não se pode fixar em termos uniformes. Se nalguns casos, como porventura na Guiné, essa descolonização se afigura possível de forma imediata e fácil, noutros é com certeza complexa e difícil.

Mas o que é necessário é que quando se fala em desenvolvimento e autonomia progressiva, não se queira dizer paternalismo neocolonialista ou preparação de sociedades autónomas com o Poder entregue ás minorias brancas, mas pelo contrário sejam «acto» continuado de descolonização e preparação rápida de sociedades democráticas e livres.

O dinamismo e a verdade duma política inspirada por esta finalidade obrigará sem duvida a uma

(Continua na 11.ª pág.)

A conferência de Imprensa promovida pela C. E. U. D. O momento em que a candidata D. Etelvina Lopes de Almeida lia o texto do manifesto dirigido ao povo de Lisboa

A conferência de Imprensa da C. E. U. D.

Como ontem noticiámos, os candidatos da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática do Distrito de Lisboa deram hoje a sua primeira conferência de Imprensa que se realizou no Centro Escolar Fernão Boto Machado.

Presidiu o dr. José Magalhães Godinho que estava ladeado pelos candidatos D. Etelvina Lopes de Almeida e dr. Francisco Salgado Zenha. Na mesa, viam-se ainda outros candidatos e diversos membros da C. E. U. D., entre os quais os drs. Francisco de Sousa Tavares, Mário Soares, Jaime Gama, Mário Bruxelas, José Ribeiro dos Santos e arquitecto Gonçalo Ribeiro Teles, além do dr. Henriques Barrilaro Ruas, representante da Comissão Eleitoral Monárquica e de D. Glória Marreiros e dr. Mário Sottomayor Cardia, em nome da C. D. E.

Durante o encontro com os jornalistas, foram lidos três documentos da maior importância que publicamos noutro lugar No primeiro, a cuja leitura procedeu a sr.ª D. Etelvina Lopes de Almeida, os candidatos dirigem-se «Ao povo do distrito de Lisboa» referem-se ás razões que os levaram a aceitar a candidatura e analisam as circunstâncias em que decorre o presente momento eleitoral. Os outros documentos dizem respeito ao «Problema do Ultramar» e á rejeição da lista da Oposição Democrática por Moçambique.

A conferência de Imprensa foi assinalada por um pequeno incidente. Cinco minutos depois de ter começado, entrou na sala um graduado da P. S. P. que se dirigiu ao presidente da mesa a comunicar que a reunião não podia realizar-se. Embora se tratasse apenas de uma conferência de Imprensa e não de um comício, foi decidido telefonar para o governador civil do distrito com o qual, no entanto, não foi possível comunicar. Novo telefonema, mas agora para o Comando-Geral da P. S. P., confirmou que a reunião não podia prosseguir.

Apesar disso, o dr. José Magalhães Godinho afirmou aos jornalistas ter sido resolvido continuar a conferência de Imprensa, fossem quais fossem as consequências. Entretanto, ás 10 e 30, um telefonema da P. S. P. veio resolver o incidente, dando conta da autorização superior.

● **ENTREVISTA EM SETÚBAL — A comissão política da Comissão Democrática Eleitoral de Setúbal estudou todo o método processual em que a acção eleitoral da Oposição Democrática vem sendo enquadrada e elaborou uma série de observações e reclamações que apresentou ao sr. governador civil do distrito, em entrevista efectuada hoje. A Comissão Distrital estava representada pelos candidatos e pelos responsáveis da C. D. E.**

C. E. U. D. DO PORTO

Abertura da campanha com as comemorações do Cinco de Outubro

Da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática (C. E. U. D.) do Porto, recebemos o seguinte comunicado:

1 — «Legenda»: As eleições vão disputar-se, devem exprimir um voto de opção do povo português, face ao sistema governativo que melhor e mais humana e firmemente lhes assegure paz, liberdade, justiça, abastança, progresso, em suma: bem-estar social.

Votar é, pois, tomar posição, é definir atitudes e ideias, é dispor-se á intervenção na vida publica, é concretizar anseios e determinantes. Votar — é um imperativo de todos os democratas.

A C. E. U. D. recomenda o exercício de uma arma legítima: o voto. A C. E. U. D. apela para o patriotismo do povo português, votando.

2 — A campanha de propaganda da C. E. U. D., inicia-se com a comemoração do 5 de Outubro, em sessão publica a realizar, á noite, no Coliseu do Porto, tendo sido já entregue, no Governo Civil, o respectivo requerimento, a solicitar a devida autorização.

Em breve se anunciará a entrega dos convites e a relação dos oradores a intervir nessa sessão.

3 — Nas adesões recebidas de personalidades do sector católico, indicou-se por lapso o nome do sr. Arlindo Vieira Vaz, quando se trata do sr. Arlindo Vieira Fernandes (empregado bancário).

4 — Enquanto se procede aos trabalhos de organização em todo o distrito, ultima-se a constituição das comissões de estudos, de propaganda e de actividades eleitorais, em conjugação com as comissões coordenadora, política e jurídica, tendo em vista a redacção dos documentos básicos a apresentar ao eleitorado.

NOVO HORÁRIO DA SEDE

Da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática (C. E U. D.), do Porto, recebemos, também com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«1 — Após a publicação da lista completa da C. E. U. D., muitas têm sido as provas e manifestações de simpatia e aplauso, recebidas dos mais diversos pontos do distrito do Porto e desta cidade.

Também afluiram, em maior volume, as adesões, muitas delas valiosas, e as contribuições monetárias destinadas á cobertura das enormes despesas a efectuar — o que se regista e agradece.

— De entre as adesões recebidas, destacam-se, vindas do *sector católico*, as dos srs. dr. Carlos Castro Fernandes (médico), Arlindo Vieira Vaz (empregado bancário), Carlos José Megre Eugénio (comerciante), dr. Eduardo Silva (economista), José Baptista de Sá (empregado bancário), Manuel António Lopes Ribeiro (delegado de propaganda médica), José Fernandes Oliveira Vaz (empregado escritório) e Julio Santos Ribeiro (empregado bancário).

2 — A sede dos serviços da candidatura, na rua de Santo Ildefonso, 307-1.º, dir.º tem afluído grande numero de democratas desejosos de nos prestarem a sua inestimável colaboração.

Por isso, passam esses serviços a funcionar também de tarde, a partir das 15 horas. E á noite das 21 ás 24 horas, sempre estarão presentes alguns dos candidatos para prestarem esclarecimentos, colherem sugestões e distribuirem tarefas.

Faz-se, por este meio, um apelo para que se constituam comissões em todas as freguesias da cidade, o mais urgentemente possivel

3 — As comissões concelhias já constituídas (de Amarante, Vila Nova de Gaia e Felgueiras) e bem assim ás que se encontram em vias de formação, recomenda se que, sem perda de tempo, organizem as comissões locais e de freguesia, indicando-se-nos os seus «responsáveis».

4 — A comissão concelhia de Vila do Conde (em organização), é desde já constituída pelos seguintes cidadãos: dr. António José de Sousa Pereira (advogado), José Teixeira da Silva (funcionário publico aposentado), Jorge da Silva Correia (comerciante), António Gomes de Oliveira (ferroviário), Manuel Gonçalves Andrade (barbeiro).

5 — Também em Matosinhos se encontram em curso os trabalhos de organização da comissão concelhia, composta provisóriamente, entre outros, pelos democratas dr. Rui António Bastos Sequeira (médico) Francisco Tomé (gerente comercial), Avelino Alves da Rocha Casebre (industrial), António José Mota (emp. escritório), Joaquim Simões Capelo (emp. comercial), José Alves da Rocha Casebre (emp. escritório), Joaquim Manuel Ferreira (emp. comercial), Albino Moreira de Azevedo (comerciante), Francisco Tato (industrial) e José Canedo (industrial).

Todos os assuntos respeitantes a esta Comissão, podem ser tratados com o sr. Avelino Casebre, na Av. da Republica, 695, da vila de Matosinhos.

6—No concelho de Vila Nova de Gaia ficaram já constituidas as comissões de apoio das seguintes freguesias: Mafamude, Santa Marinha, Olival, Lever, Perosinho, Avintes, Vilar do Paraiso, Valadares, Arcozelo, Gulpilhares, Vilar de Andorinho, Canelas, Oliveira do Douro e Pedrouso.

Aqui se louva a Comissão Concelhia pelo excelente trabalho realizado.

A entrada da sede dos Serviços de Candidatura da Comissão Democrática Eleitoral do distrito do Porto

A Comissão Monárquica afirma-se vítima de arbitrariedades

Da Comissão Eleitoral Monárquica, recebemos o seguinte comunicado:

«Vencido o período pré-eleitoral, com a aprovação da Lista Independente, que reune as mais sérias condições para merecer a escolha do eleitorado de Lisboa, a C. E. M. sauda os órgão da Informação pelo esforço inteligente que puseram ao serviço da opinião publica, procurando esclarecê-la — apesar das barreiras que lhes foram interpostas e a que são totalmente alheios — dos objectivos reais que se propõe alcançar. Na verdade, o primeiro documento enviado á Imprensa com data de 15 de Setembro, não pôde ser publicado. Outro tanto aconteceu com várias informações de mero expediente, como, por exemplo, a mudança de morada dos serviços da C. E. M. ou do numero do telefone. Houve, assim, um momento em que fomos envolvidos por uma cortina de silêncio que visava, iniludivelmente, impedir o eleitorado de conhecer a nossa decisão de participarmos nas próximas eleições.

Da situação que foi criada por este inexplicável e contraditório procedimento para connosco — e só para connosco — resultou que o eleitorado tenha procurado o contacto directo com a C. E. M., o que permitiu informá-lo, porventura de um modo mais eficaz, dos objectivos que nos propunhamos. Mas o que se passou, sem conhecimento da generalidade das pessoas, excedeu tudo quanto se poderia esperar. A adesão entusiástica de muitas centenas de eleitores, em todo o distrito, ao propósito formulado pela C. E. M. de apresentar uma lista de deputados independentes, frustou, de um modo significativo, o resultado que, com tais arbitrariedades, se pretendia conseguir. A escolha e a apresentação da lista de candidatos independentes é a prova evidente desta realidade. Todos sabem que o real significado da próxima eleição está longe das diversas interpretações que lhe têm sido atribuidas. Ninguém pode saber — enquanto o não dissermos expressamente — se somos contra ou a favor de alguém, se queremos isto ou aquilo, sómente porque decidimos não alinhar com outros e quisemos, franca e claramente, ser nós mesmos. O nosso objectivo é muito simplesmente, com a consciente e decidida participação de um eleitorado esclarecido, adulto e capaz de ver através de nevoeiros e cortinas de fumos de várias cores, fazer entrar na Assembleia Nacional doze cidadãos técnicamente competentes, que darão, como tantos outros, a sua colaboração na tarefa de pensar, em termos politicos, o Bem Comum do Povo português. Trata-se de enriquecer a Assembleia Nacional com a participação de pontos de vista que, por serem livres, e não subordinados a uma repetidíssima partitura, terão eficaz e desejável originalidade. Cá estamos. Com a confiança de muitos que já nos conhecem, e com o apoio de quantos saibam compreender a necessidade de uma politica verdadeiramente portuguesa. A escolha pelo eleitorado dos deputados independentes propostos pela Comissão Eleitoral Monárquica não significa, necessáriamente, adesão ao principio monárquico. Pode significar — isso sim — o desejo de levar ao selo de uma Assembleia, que se pretende representativa de várias opiniões, a mensagem de uma maneira de pensar que o País já não ouve há muitos anos, se não com raras excepções, de uma forma clara e simples. O sinal e a força da liberdade manifesta-se na maneira de criticar o que está mal e de louvar o que está bem. Fazê-lo é uma forma de servir o bem-comum. É actualmente a Assembleia Nacional o lugar próprio para os portugueses se encontrarem na realização dessas tarefas. Não podemos, através do acto eleitoral, dizer ou fazer tudo quanto julgamos necessário e, muito menos, tudo quanto desejariamos dizer ou tudo quanto gostariam de ouvir aqueles para quem falamos. A maneira mais clara, autêntica e eficaz que se nos depara neste momento, para uma participação activa, consiste, todavia, em escolher homens de bem, livres e competentes para constituírem a Assembleia Nacional. Pela nossa parte, estamos certos de o ter conseguido.

Pela Comissão Eleitoral Monárquica, aa) drs. Frederico Perry Vidal e José Vaz Serra de Moura.»

A C. E. U. D. E O PROBLEMA ULTRAMARINO

(Continuação da 9.ª pág.)

alteração radical dos métodos e processos do Governo português. Implica a formação na metrópole, dum poder livre, independente perante os formidáveis trastes portugueses e luso-internacionais que dominam a economia das províncias africanas e emprestam um momentaneo esplendor ao desenvolvimento duma economia de exploração.

E igualmente livre e responsável para dominar o medo e o ódio gerados pela guerra.

ABANDONAR SERIA TRAIR TUDO E TODOS

O combate ao medo impõe-se como primeira necessidade. O medo é o elemento mais negativo de qualquer sociedade. O medo gera a tirania, o ódio, a revolta sangrenta e a incapacidade de evolução e de discernimento da verdade. Anquilosados pelo medo a que conduziu uma política absurda sem horizonte nem verdade, os portugueses parecem apostados em resistir ao claro apelo da razão e da humanidade.

Para destruir o medo e diminuir progressivamente o ódio, há que caminhar deliberadamente para a paz. Oito anos de guerra a nada conduziram. E o prosseguimento indefinido duma política sem saída, com todo o trágico acompanhamento de violência, injustiça e sacrifício humano, não representa uma decisão nacional. Nela sacrificámos o desenvolvimento actual e futuro do país tão infeliz em que vivemos, nela sacrificamos as comunidades cujo destino está ligado ao nosso, nela sacrificamos o nome, a cultura e a presença viva de Portugal em África.

Não conhecemos os «dossiers» da guerra, e não temos acesso ao conhecimento dos homens e dos movimentos que contra nós combatem. Sabemos que alguns há, para quem Portugal não é apenas motivo de ódio. Se aceitamos a missão de facultar ás sociedades africanas uma autodeterminação natural e que desejamos pacífica, se em caso algum devemos abandonar, porque abandonar seria trair tudo e todos, temos que ter a imaginação e a vontade para saber encontrar o caminho da paz através do diálogo.

Tal diálogo, para ser frutuoso, tem de ser precedido do estudo de todo o «dossier» da guerra, com o máximo de informação.

Os signatários julgam, assim, que se deve encetar junto dos leaders dos movimentos africanos a missão de informação e sondagem que seja util na abertura do caminho para a paz. Eles próprios, não comprometidos com o passado, declaram-se dispostos a assumi-la se assim for julgado conveniente.

Se porventura existem riscos, não parece possível sem eles a obtenção da paz, bem como das sociedades auto-determinadas que visionamos, libertas do ódio, da sujeição, do colonialismo e da exploração que hão-de ser a justificação do esforço ultramarino português e motivo de orgulho para o Portugal novo.

A SOLUÇÃO DE PORTUGAL

A consciência nacional dos princípios formulados e a vontade governativa de atingir esta finalidade, a unica histórica e moralmente digna — são necessários para que Portugal cumpra essa missão que bem merece o esforço e o sacrifício colectivo do Povo.

Viabilizar o nascimento de sociedades multirraciais de maioria negra e de minoria branca, é tentar uma solução de cultura e de história até hoje não obtida no Mundo.

Só essa solução é digna do problema equacionado na África Portuguesa. E só com ele se pode obter a síntese dos valores racionalistas e técnicos da cultura maquinista do ocidente com os valores poeticos e comunitários caracteristicos do mundo africano, que fatalmente hão-de impregnar a civilização de cultura que marcará o futuro da caminhada humana.

Só ele é solução total para a angustia que na história contemporanea abriu o processo do colonialismo.

Não sabemos se o tempo permite que se possa ainda entender a linguagem que propomos. Mas torna-se necessário que ela seja dada ao Mundo como a solução de Portugal; para servir de reparação dos erros cometidos, para ser um sinal de cultura e de consciência num problema dominado por sentimentos primários e, contra tudo e contra todos — contra o interesse, a força, a revolta e o ódio — uma mensagem simples de humanidade e de esperança.

Os candidatos: Duarte Justiniano da Rocha Vidal, Etelvina Lopes de Almeida, Francisco de Almeida Salgado Zenha, Francisco de Sousa Tavares, Gonçalo Pereira Ribeiro Teles, Jaime José Matos da Gama, José Carlos Sena Belo Mégre, Mário Alberto Nobre Lopes Soares, Mário de Castro Pina Correia, Mário Jorge Bruxelas, Raul da Assunção Pimenta Rego, Rui de Moura Ribeiro Belo.

Lisboa, 29 de Setembro de 1969.»

A C. E. U. D. de Lisboa não fará sessões públicas de propaganda enquanto aos candidatos da C. D. E. não for concedido o mesmo direito

Com o pedido de publicação recebemos da C. E. U. D. de Lisboa a seguinte declaração firmada pelos seus candidatos:

«1. Tiveram os signatários conhecimento de que a lista da Oposição Democrática por Moçambique fora rejeitada sob pretextos que juridicamente tocam as raias do inconcebível.

Nunca se exigiu a nenhuma lista de candidatos a deputados á Assembleia Nacional — da União Nacional ou da Oposição — que fizessem qualquer prova da sua capacidade eleitoral, para além da que resulta da certidão de que se encontram recenseados.

Pretender-se agora que o candidatos têm de fazer a prova de que são portugueses de origem e residem há mais de 5 anos em território nacional é puro expediente político do Poder que nada tem a ver com a lei e mostra mais uma vez que as eleições do Estado Novo não se destinam a uma escolha nacional livre, não passando de mero cerimonial para fins de propaganda do regime.

Reputamos também um grave erro histórico o de o governo impedir os democratas moçambicanos que intervenham num debate que a eles particularmente diz respeito.

O seu estemunho seria — pela própria natureza das coisas — particularmente valioso para uma justa apreciação pela comunidade nacional do problema ultramarino.

Procedendo deste modo o governo de Marcello Caetano segue na mesma linha de conduta traçada por Oliveira Salazar — autor do tristemente célebre «Acto Colonial».

Ninguém de boa-fé poderá negar que se — no momento oportuno — tivesse sido permitido ao País escutar os apelos, as advertências e as críticas à política ultramarina portuguesa de tantos portugueses ilustres como, entre muitos outros, Bernardino Machado, Paiva Couceiro, Cunha Leal, Henrique Galvão, Norton de Matos, Ruy Luís Gomes, António Sérgio, Mário de Azevedo Gomes e D. Sebastião de Resende (bispo da Beira), se teriam evitado erros trágicos e perdas irreparáveis, com certeza um problema.

O problema ultramarino é nacional. Impedir a Nação de o discutir com toda a liberdade é impor-lhe uma solução necessàriamente anti-nacional.

2. Na Metrópole não se exigiu que os candidatos oposicionistas fizessem a prova de que eram portugueses de origem e residiam em Portugal há mais de 5 anos. Quer dizer, há uma lei para Moçambique e outra para Portugal; já todos sabíamos, mas foi bom que o governo o confirmasse.

Foram, no entanto, eliminados vários candidatos oposicionistas por razões de *discriminação ideológica*, estribadas nas tristemente célebres informações policiais, além de um outro pelo facto de ter estado em Paris durante 3 anos... como bolseiro da Fundação Gulbenkian!

A comissão jurídica da C. E. U. D. já demonstrou no seu parecer que as eleições de Marcelo Caetano não podem ser eleições sérias. Partindo da desigualdade, da intimidação e do desprezo pelo próprio conceito democrático de eleição o seu resultado será necessàriamente a conversão do que devia ser uma escolha num mero pró-forma de resultados predeterminados.

Os signatários não vão repetir o que já disseram no lugar oportuno. Mas querem fazer algumas declarações de princípio.

Ninguém pode ser punido ou cerceado no exercício dos seus direitos cívicos pelas suas ideias. O acto pode ser punível, a ideia nunca. Assim como repudiamos o «apartheid» de raças, assim também repudiaremos o segregacionismo ideológico ou religioso.

Assim às candidaturas atingidas por medidas discriminatórias (quer de Moçambique, quer da Metrópole) expressamos imediatamente a nossa solidariedade, conforme um jornal noticiou — dado que nos outros a notícia, ao que parece, foi cortada pela censura.

Como não podemos admitir o conceito de eleição assente na desigualdade, não só exprimimos aqui o nosso veemente protesto por tais arbitrariedades como declaramos que — em sua concretização — nos recusaremos a fazer qualquer sessão pública de propaganda, enquanto á C. D. E. de Lisboa não for concedido o mesmo direito e dirigimos um apelo à Comissão Eleitoral dos Monárquicos Independentes para que se associe ao nosso protesto, adoptando a mesma atitude.

3. Os nossos comunicados à Imprensa têm sido constantemente mutilados por cortes da Censura. Os nomes dos intelectuais, jovens e estudantes que têm aderido à C. E. U. D. e as notícias das reuniões das nossas comissões de apoio — exemplo entre tantos outros — têm sido vítimas sistemáticas do lápis azul da Censura. Tal procedimento discriminatório de que temos sido particularmente vítimas visto que ela continua a ser o que sempre foi: um instrumento de confusão ideológica manejado pelo Poder ao sabor das suas conveniências.

Triste triologia que define o período que vivemos: a P. I. D. E. nas nossas casas, os cães-polícias e os capacetes de aço nas ruas e a Censura amordaçando e mutilando os jornais.

É evidente que a campanha eleitoral sob a mordaça da Censura não passará de uma comédia indigna de uma sociedade em que o amor á verdade prevaleça sobre as conveniências momentaneas de um governo.

Por isso, dirigimos um apelo a todas as candidaturas oposicionistas do País para que reclamem do Governo a *supressão imediata da Censura*, pelo menos durante a campanha eleitoral e como prolegomeno de sua abolição definitiva, pois mais do que as eleições o que o País quer é o conhecimento da verdade através de um diálogo verdadeiramente nacional.

Os candidatos: Duarte Vidal, Etelvina Lopes d'Almeida, Francisco Salgado Zenha, Francisco de Sousa Tavares, Gonçalo Ribeiro Teles, Jaime Gama, José Carlos Mégre, Mário Bruxelas, Mário Pina Correia, Mário Soares, Raul Rêgo e Rui Belo.»

ACTUALIDADE ELEITORAL

● PRIMEIRA SESSÃO NO PORTO — Amanhã, no Cine-Brasão de Valadares, Gaia, efectua-se a primeira sessão pública de propaganda dos candidatos da Comissão Democrática do Porto. A sessão é organizada pela comissão concelhia de Gaia, será presidida pelo candidato Alberto Teixeira de Sousa e serão oradores, entre outros, os candidatos Armando Bacelar, Joaquim Felgueiras, Virgínia Moura e Zeferino Coelho.

● 5 DE OUTUBRO — Para preparar as comemorações do 5 de Outubro, realiza-se, esta tarde, na sede da C. D. E., uma reunião conjunta das duas comissões democráticas do distrito de Lisboa.

● CARIMBO DA C. D. E. — A C. D. E. de Lisboa comunica-nos que desapareceu um dos seus carimbos. O facto leva aquela Comissão a lembrar que não se responsabiliza pelos textos de que não constem nos seus arquivos exemplares devidamente autenticados.

● FREGUESIA DE SÃO JOÃO DE DEUS — Democratas da freguesia de São João de Deus (Lisboa) reunem-se esta noite, ás 21 e 30, na sede da C. D. E., ao Campo Pequeno, 81-2.º.

● NOVA SEDE — A sede da Comissão Eleitoral Nacionalista Independente de Braga foi instalada no Largo de S. Francisco, 33-3.º, em Braga. Ali se recebem correspondência e donativos e se fornecem listas de adesões e apoio.

● REUNIÕES — Na nova sede da C. D. E. (Campo Pequeno, 81-2.º) realizar-se-á, no dia 1, ás 21 e 30, uma reunião conjunta das Comissões das freguesias de S. Domingos de Benfica, Carnide e Benfica.

● DA C. E. U. D. AO POVO DO DISTRITO DE LISBOA — Os candidatos propostos pela C. E. U. D. tornaram público um longo comunicado «Ao Povo do Distrito de Lisboa» em que referem as circunstâncias em que aceitaram as candidaturas, ao mesmo tempo que analisam vários problemas da actualidade nacional.

● CANDIDATOS PELA ÍNDIA — Saiu no «Diário do Governo» o despacho do ministro do Ultramar que aceita as candidaturas a deputados pelo Estado Português da Índia dos cidadãos indicados pela U.N.

Évora — O primeiro comício da Oposição Democrática

Quando falava o candidato Mário Ventura Henriques

As forças democráticas de Évora abriram, ontem, a campanha eleitoral. O primeiro comício realizou-se pois no Salão Eborense. Foi ordeiro. Sereno. Afirmativo. E até vibrante. Marcou uma posição, definida na crítica abertamente do tipo social. Ouviu-se falar dum Alentejo como ele é e como a oposição quer que ele seja. É natural: Évora procura, desde já — como nos afirmou um dos candidatos — «tirar os azimutes às terras alentejanas em que se enquadra». Mesmo no coração da província — pois é assim.

Em todos os discursos, o tom dominante foi a situação do trabalhador e as suas reivindicações. Citado, também, em várias passagens, o problema da emigração. No resto, o choque e o evidente embate de princípios. Ao criticarem, os oposicionistas apontaram, pelo seu lado (e num convite ao diálogo) soluções democráticas.

ANTES DE COMEÇAR

A sede da comissão eleitoral do círculo, na Travessa do Cavaco, 23, era (antes de ser o que é) uma oficina de canalização. Uma entrada, tendo, ao fundo seis degraus e uma cortina verde, a funcionar. Do lado de lá da cortina, há uma mesa, onde se trabalha um «comunicado», para ser entregue mais tarde. Não foi.

Para as 19 e 30, estava marcada uma reunião com a Imprensa. Porém, tudo começou «antes de começar». É que, cerca das 17 e 30, assinado pelo governador civil do distrito, dr. José Lourenço de Almeida Castello Branco e dirigido aos srs. Santos José Metrogos, Vasco Varela Tenório e Vítor Hugo dos Santos, responsáveis pela Comissão Democrática Eleitoral de Évora, foi recebido um documento que faz doutrina restritiva sobre a reunião, deduzindo o seguinte:

«*... As duas categorizadas personalidades políticas de Lisboa não são autorizadas a usar da palavra.*

Em toda e qualquer reunião ou sessão de propaganda só poderão usar da palavra os candidatos a deputados e todo e qualquer eleitor pelo círculo, façam estes, parte ou não das comissões eleitorais.

O princípio acima anunciado decorre da natureza das eleições e portanto da natureza da própria campanha eleitoral.

A eleição faz-se por círculos eleitorais, os candidatos a deputados são candidatos do círculo eleitoral, só os eleitores do círculo podem tomar parte na votação.

Daqui conclui-se que só os candidatos e os eleitores do círculo possam tomar parte activa na campanha eleitoral.

Da aplicação deste princípio é que resulta a proibição a que acima aludi».

Eis as razões que calaram, em Évora, os oradores previstos: dr. Fernando Mascarenhas, candidato por Portalegre, e o nosso camarada de redacção Joaquim Benite, da comissão política da C. D. E., pelo círculo de Lisboa.

TRINTA ANOS DE RECURSOS

Na verdade, embora com a presença de um único candidato, Mário Henriques, a conferência de Imprensa realizou-se às 19 e 30.

O candidato a deputado presente indicou a conversa que tinha acabado de efectuar com o governador civil do distrito sobre a lógica da proibição.

— *Não há lei* — disse Mário Henriques que lhe tinha dito o dr. Castello Branco — *mas é esta a minha interpretação do acontecimento. Na medida em que os candidatos são distritais, admito que só eles e os eleitores do distrito podem falar em qualquer sessão de propaganda.*

E Mário Henriques acrescentou:

— *O governador civil reconheceu que não havia uma lei, nem mesmo instruções do ministro do Interior, mas mesmo assim, insiste e... não autoriza.*

Indicando, por acréscimo.

— *O governador civil afirmou ainda, como acto tardiamente compensatório, que procederá do mesmo modo com a presumível (presumível, porque ainda não está marcada) sessão da U. N.*

Portanto, às 19 e 30, a realização da sessão estava comprometida, embora o dr. Castello Branco admitisse que «*os promotores deviam interpôr todos os recursos que entendessem*».

— *Na sua dedução* — informou Mário Henriques — *o governador civil disse-me também que, durante 30 anos da sua carreira de advogado, ele próprio fez e interpôs todos os recursos possíveis e, às vezes, também, sem êxito.*

A expressão *sem êxito*, afinal, era profética, pois os candidatos, ligados telefónicamente, a Lisboa (tentando falar ao ministro do Interior e ao próprio Presidente do Conselho) não encontraram, sequer em casa, quem lhes podia solucionar o caso.

DIREITO À GREVE

A sessão, todavia e mesmo sem as personalidades políticas de Lisboa e de Portalegre (apenas em ofício de corpo presente) realizou-se entre as 10 e as zero — logo, pois, dentro dos limites.

Presidiu à sessão o sr. Vasco Varela Timóteo, fazendo parte da mesa, além dos candidatos (Mário Henriques, Antunes da Silva, Lourenço Trindade e arquitecto Manuel Bagulho) os oradores Vítor Hugo dos Santos, Cláudio Percheiro e Adriano Neto — este, trabalhador rural e representante de S. Manços.

A sessão abriu com o hino nacional e os primeiros vivas à República. O povo que, por completo, enche a sala, acompanhou-o de pé.

O primeiro orador foi Vítor Hugo dos Santos que obteve demoradas palavras quando afirmou que «*o País não foi ouvido sobre as guerras que se mantêm no Ultramar*» e quando pediu para o trabalhador «*o direito à greve*», como meio de fazer ouvir os seus anseios e as suas necessidades.

Terminou pela exortação de «*um Portugal livre no regresso à Democracia*»

PERSONALIDADE DE CLASSE

Após a leitura de um «comunicado ao País», no qual a Comissão Democrática Eleitoral de Portalegre expõe e deduz razões sobre o insucesso da sua candidatura, falou o trabalhador rural Adriano Neto. Foi muito aplaudido o seu improviso, bem discernido e claro, sobretudo, quando afirmou:

«*Eu, como todos os trabalhadores rurais portugueses, sinto que, em todos estes anos, perdi a personalidade de classe*».

«*Todos nos sentimos diminuídos pela falta de liberdade essenciais que são elemento de dignidade da nossa civilização.*»

«*Nós, Oposição e todos, devemos respeitar mùtuamente todas as ideologias.*»

Depois do discurso do representante de S. Manços, foi anunciada a leitura de um texto de Joaquim Benite (da C. D. E. de Lisboa), na impossibilidade dele próprio o ler, pois a questão prévia posta pelo governador civil teve que ser aceita para a realização da sessão do «Eborense».

Em vez disso, e após intervenção directa do comandante da P. S. P. de Évora, que assistia á reunião, falou Cláudio Percheiro, do secretariado da comissão distrital. Este tipo de intervenção viria a repetir-se mais uma vez.

O ALENTEJO É NOSSO

Foi o discurso do candidato Antunes da Silva que deu motivo á segunda intervenção da autoridade.

Mário Henriques intervem para afirmar que «*se está em campanha eleitoral para dizer tudo, como prometeu o prof. Marcello Caetano*».

Segue o discurso, menos entrecortado de pausas:

«*Também não queremos esquecer quem nos fez mal tantos anos*».

E termina por esta expressão: «*O Alentejo é nosso, não é deles.*»

HINO E AMNISTIA

Discursaram, ainda, os candidatos Joaquim Lourenço Trindade e arquitecto Manuel Bagulho, expondo razões que os levam a considerar «*o Alentejo em que vivem anti-humano e anticristão*».

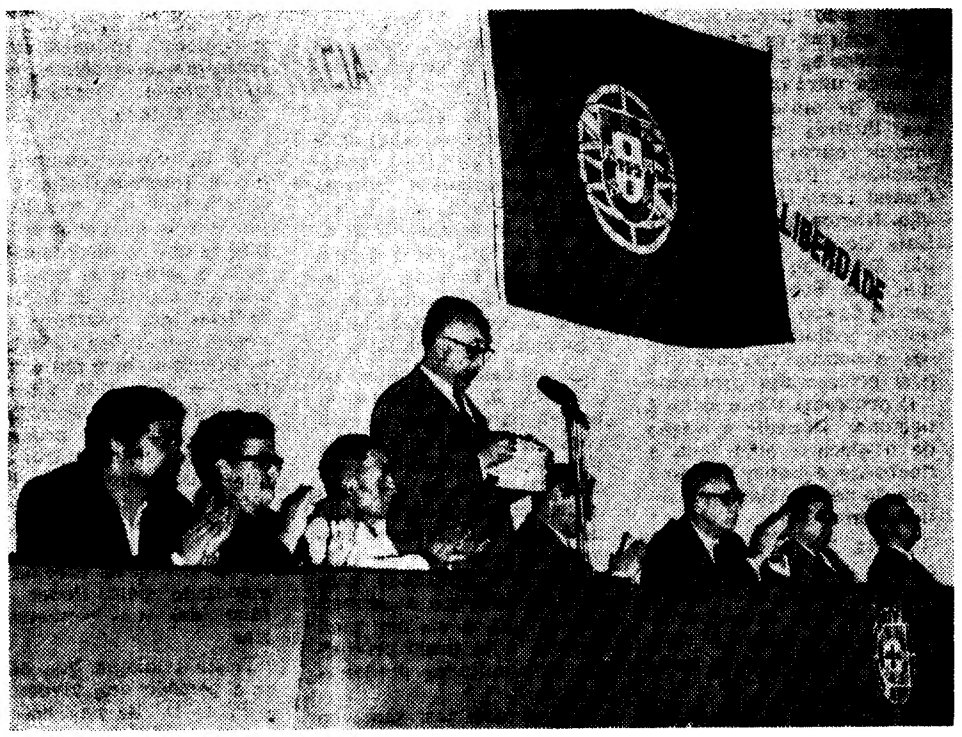
Entretanto, o presidente da mesa dá conhecimento á assembleia de que a subscrição realizada na sala, para angariação de fundos para a campanha, rendeu 3600$, comentando: «*E este dinheiro não veio de Moscovo. Veio dos nossos bolsos, como toda a gente viu.*»

Por fim, falou o candidato Mário Henriques, que começou pelas seguintes petições urgentes: um minuto de silêncio por Humberto Delgado e todos os que morreram pela causa democrática; o envio de um telegrama ao ministro do Interior por o governador civil de Évora não ter consentido que falassem os democratas Fernando Mascarenhas e Joaquim Benite; e o envio, ao governador civil, de um outro telegrama, informando que algumas entidades presentes não se levantaram quando foi cantado o hino.

No seu discurso, o orador, fazendo referência às recentes afirmações de primeiro aniversário do Presidente do Conselho, disse:

«*Sosseguem os que me escutam — e descanse o prof. Marcello Caetano, que antecipadamente nos preveniu dos insultos desbragados que os oposicionistas por vício iriam projectar sobre a sua figura e o seu Governo. Se me debrucei sobre breves passos deste discurso de Marcello Caetano, foi sòmente para chegar a uma conclusão que não constitui decerto novidade para qualquer de vós: a de que, desgraçadamente, nada mudou em Portugal com a entrada do prof. Marcello Caetano para o Governo.*»

No final, com toda a gente de pé (até as autoridades visadas nas petições urgentes do candidato) foi cantado o hino, ouvindo-se, de vários lados da sala, pedidos de «amnistia» para os presos políticos.



A mesa que presidiu à primeira sessão oposicionista efectuada no País